

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

ANA CRISTINA CUNHA DA SILVA

A PRODUÇÃO E A PERCEPÇÃO DO ACENTO EM PARES MÍNIMOS  
DE LÍNGUA INGLESA POR APRENDIZES BRASILEIROS

**FORTALEZA**

**2005**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

“A Produção e a Percepção do Acento em Pares Mínimos de Língua  
Inglesa por Aprendizes Brasileiros”

ANA CRISTINA CUNHA DA SILVA

Mestranda

PROFA. DRA. MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO  
Orientadora

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós Graduação em  
Lingüística da Universidade  
Federal do Ceará – UFC como  
parte dos requisitos exigidos para  
a obtenção do grau de mestre.

Fortaleza - Ceará

Março de 2005

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

---

ANA CRISTINA CUNHA DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão - Orientadora  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Willem Leo Marie Wetzels – 1º Examinador  
Vrije Universiteit Amsterdam

---

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias – 2ª Examinadora  
Universidade Federal do Ceará

---

Profa. Dra. Maria Elias Soares - Suplente  
Universidade Federal do Ceará

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

A Jaidine, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e pela saúde concedida para a escalada de mais um degrau na carreira acadêmica.

A minha orientadora, Profa. Dra. Socorro Aragão, pela confiança, pelos brilhantes conselhos e pela infinita paciência em sempre me atender prontamente.

A Cordélia Maia da Cunha (*in memoriam*), minha avó materna, que me despertou o gosto pelas letras.

A Jaidine Maia Cunha Costa, minha mãe, que sempre se sacrificou para me dar uma educação de boa qualidade.

A Henry Cunha, por contribuir na realização de um antigo sonho cosmopolita: minha 1ª viagem internacional. Obrigada pelos conselhos sensatos sobre a carreira e pelos livros de língua inglesa que foram sobremaneira importantes nessa pesquisa.

Ao professor Alber Uchoa, meu mestre e amigo, e a todos os outros professores que tive até então.

A meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Linguística pela motivação e pelo intercâmbio de conhecimento.

A Emily Sarah (Canadá), Arthur Coughlin; Alexander Monroe e Mary Anne Spence (E.U.A) por gentilmente participarem da gravação para o teste de produção.

À Coordenação da Casa de Cultura Britânica – UFC, aos alunos dos semestres II, IV e VI no período de 2004.1, por gentilmente concederem entrevistas e aos professores que ajudaram na triagem dos informantes.

Ao CNPq, pela bolsa concedida e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFC, pela atenção e empenho.

A Ana Carolina Bezerra pela revisão e pelo apoio na reta final da dissertação.

Aos (às) Professores(as) que me forneceram fontes de pesquisas: Socorro Aragão, Maria Elias Soares, José Alber Campos Uchoa, José Pinheiro Souza, Pedro Henrique Lima Praxedes, Emília Farias, Ana Cristina Pelosi de Macêdo, Bernardete Biasi Rodrigues, Mônica Dourado, João Moraes, Betty Phillips, Barbara Oughton Baptista, Luiz Armando Silveiro, Flávia Lamberti Arraes e Leo Wetzels.

Agradeço sinceramente.

“É melhor vencermos a nós mesmos do que ao mundo.”

(Jean Paul Sartre)

"Em tudo se vê beleza quando há por trás dos olhos esperança"

(Ana Cristina Cunha da Silva)

## RESUMO

O estudo investigou a produção e a percepção do padrão acentual e a redução vocálica em pares mínimos de língua inglesa em aprendizes brasileiros de língua inglesa, divididos igualmente em três níveis diferentes de proficiência, a fim de verificar que fatores lingüísticos e sociais poderiam ser responsáveis pela má pronúncia desses itens lexicais. A produção dos padrões acentuais foi avaliada através de tarefas de leitura e repetição de sentenças. A percepção dos participantes foi mensurada através de atividades de discriminação acentual e categórica. Esperou-se que o nível de proficiência lingüística fosse diretamente proporcional ao número total de acertos por testes, hipótese que foi confirmada parcialmente, pois os resultados apontaram que em alguns casos, o nível de proficiência do aprendiz não é o único responsável pelo sucesso na atribuição do acento e de redução vocálica, mas sim o tempo de exposição à língua, confirmado pela quantidade de horas-aula anteriores ao início do curso na instituição em que o *corpus* foi coletado. Uma outra hipótese preliminar da pesquisa foi a de que o sucesso na produção dos pares mínimos devia-se a uma boa percepção deles. No entanto, essa hipótese não foi confirmada pelo fato dos totais de acertos dos testes de produção não acompanharem linearmente os resultados quantitativos dos testes de percepção, que revelaram capacidades mais do que satisfatórias no que diz respeito à percepção da mudança de acento e determinação da categoria lexical. Os testes de produção apresentaram um número excessivamente reduzido de emissões corretas na redução vocálica, característica fundamental para a inteligibilidade de alguns pares mínimos. As variáveis sociais não influenciaram significativamente no fenômeno de má produção do acento primário de pares mínimos.

**PALAVRAS-CHAVE:** acento fonológico; fonologia métrica; interferência; erro; ensino de língua inglesa.

## ABSTRACT

The study aimed at investigating the production and perception of English minimal pairs in a group of Brazilian students of English as a foreign language, equally divided in three different proficiency levels in order to verify which linguistic and social factors could be responsible for the mispronunciation of those lexical items. The stress pattern production was evaluated through reading activities and sentence repetition. The perception of the participants was measured through stress and categorical discrimination activities. It was expected that the linguistic proficiency level would be directly proportional to the amount of correct answers per test, which was partially confirmed, for the results revealed that, in some cases, the learner's proficiency level is not the only factor responsible for determining the success in stress attribution and vowel reduction, but the amount of hours each one had before studying in the institution where the *corpus* was collected. Another hypothesis of the research considered that success in the production of the minimal pairs would be a result of a satisfactory perception of those same pairs. However, this hypothesis was not confirmed because the amount of correct answers in the production tests did not accompany the quantitative results of the perception tests, what revealed that learners' capacities to perceive stress shift and determining the lexical category are more than satisfactory. The production tests presented an excessively reduced number of correct utterances in vowel reduction, which is a fundamental feature for the intelligibility of some minimal pairs. The social variables did not interfere at all with the minimal pairs stress production.

**KEY WORDS:** phonological accent; metric phonology; interference; error; English language teaching.

## LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Figura 1: Estrutura silábica (a) proposta por Hogg & McCully, 1987 .....	30
Figura 2: Estrutura silábica (b) proposta por Hogg & McCully, 1987 .....	30
Figura 3: Os constituintes silábicos .....	31
Figura 4: Representação dos pés do item lexical ‘casa’. Fonte: Hogg & McCully (1987) .	32
Figura 5: Hierarquia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986).....	35
Figura 6: Hierarquia dos constituintes prosódicos segundo Mateus (no prelo) .....	35
Figura 7: Proporção por sexo dos participantes .....	54
Figura 8: Distribuição por idade dos participantes.....	55
Figura 9: Nível de Escolaridade em língua portuguesa .....	55
Figura 10: Distribuição dos participantes por localidade de nascimento .....	55
Figura 11: Falantes de outra(s) língua(s) estrangeira(s) que não o inglês .....	56
Figura 12: Espectrograma do item <i>appropriate</i> no programa Praat v. 4.2.23 .....	66
Figura 13: Linha de hipótese do percurso de desenvolvimento da interlíngua.....	73
Quadro 1: Parâmetros de Dresher & Kaye (1990 <i>apud</i> Archibald (1998)) .....	34
Quadro 2: Lista de alguns pares mínimos em língua portuguesa.....	42
Quadro 3: Parâmetros métricos do acento em PB (Massini-Cagliari, 1999: 175) .....	44
Quadro 4: Determinação de Parâmetros Métricos do PB e NAE (adaptado de Archibald, 1998 e Massini-Cagliari, 1999).....	47
Quadro 5: Lista de itens lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) usados nos testes de produção e nos testes de percepção .....	60
Quadro 06: Realizações mais freqüentes dos aprendizes quando da repetição de sentenças.....	78
Quadro 07 - Teste de Percepção Fase 1 - Quadro de tarefas do Semestre II.....	80
Quadro 08 - Teste de Percepção Fase 1- Quadro de tarefas do Semestre IV.....	81
Quadro 09 - Teste de Percepção Fase 1 - Quadro de tarefas do Semestre VI.....	82

## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 01 - Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S II .....	70
TABELA 02 - Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S IV.....	71
TABELA 03 - Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S VI.....	72
TABELA 04 - Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S II.....	84
TABELA 05 - Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S IV .....	85
TABELA 06 - Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S VI.....	85
TABELA 07 - Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S II .....	86
TABELA 08 - Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S IV.....	86
TABELA 09 - Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S VI.....	87
TABELA 10 - Médias gerais de acerto das fases dos testes de produção e de percepção ..	88
TABELA 11 - Porcentagem de acertos em relação à variável extensão do vocábulo .....	90
TABELA 12 - Teste de Produção - Fase 2 - Frequência de respostas corretas por categoria lexical - Acento Primário .....	91
TABELA 13 - Percentuais de acerto em cada tipo de tarefa .....	92
TABELA 14 - Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável faixa etária.....	94
TABELA 15 - Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável grau de instrução em L1 .....	95
GRÁFICO 01 - Histórico de proficiência em língua inglesa – S II .....	67
GRÁFICO 02 - Histórico de proficiência em língua inglesa – S IV.....	67
GRÁFICO 03 - Histórico de proficiência em língua inglesa – S VI.....	68
GRÁFICO 04 - Teste de produção - Fase 2 – Percentuais de Itens Lexicais Quantitativamente Desconsiderados .....	69
GRÁFICO 05 - Teste de Produção – Fase 2 - Desempenho quanto à colocação do acento primário .....	74
GRÁFICO 06 - Teste de Produção – Fase 2 - Linha do percurso da interlíngua na atribuição do acento primário .....	74
GRÁFICO 07 - Teste de produção – fase 2 – redução vocálica em itens terminados em ate .....	75
GRÁFICO 08 - Linha de evolução do percurso da interlíngua quanto à redução vocálica.	76

GRÁFICO 09 - Teste de Produção - Fase 3.....	78
GRÁFICO 10 - Total de acertos de tarefas por semestre .....	83
GRÁFICO 11 - Conjunto das médias de desempenho (percentuais de acerto) em cada semestre.....	87
GRÁFICO 12 - Evolução da linha da interlíngua da percepção do acento e da categoria lexical.....	88
GRÁFICO 13 - Linhas de Evolução representantes dos testes de Produção e Percepção ..	89
GRÁFICO 14 - Variável Extensão do Vocabulo .....	90
GRÁFICO 15 - Linha de evolução de desempenho das categorias lexicais (forma de linhas) .....	91
GRÁFICO 16 - Evolução de desempenho das categorias lexicais (forma de histograma) .	92
GRÁFICO 17 - Variável Tipo de Tarefa .....	92
GRÁFICO 18 - Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável sexo.....	93
GRÁFICO 19 - Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável faixa etária.....	94
GRÁFICO 20 - Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável grau de instrução em L1 .....	95

## LISTA DE ABREVIATURAS

*L1 – Língua Materna*

*L2 – Segunda Língua*

*LE – Língua Estrangeira*

*LAL – Língua-alvo*

*TL – Target Language (Língua Alvo)*

*LN – Língua Nativa*

*NL – Native Language (Língua Nativa)*

*AC – Análise Contrastiva*

*AE – Análise de Erros*

*EFL – English as a foreign language*

*NAE – North American English*

*PB – Português Brasileiro*

*PE – Português Europeu*

*SLA – Second language acquisition (aquisição de L2)*

*FLA – Foreign language acquisition (aquisição de LE)*

*IL – Interlíngua*

*FM – Fonologia Métrica*

*FP – Fonologia Prosódica*

*CCB – Casa de Cultura Britânica*

*UFC – Universidade Federal do Ceará*

*P - Participante*

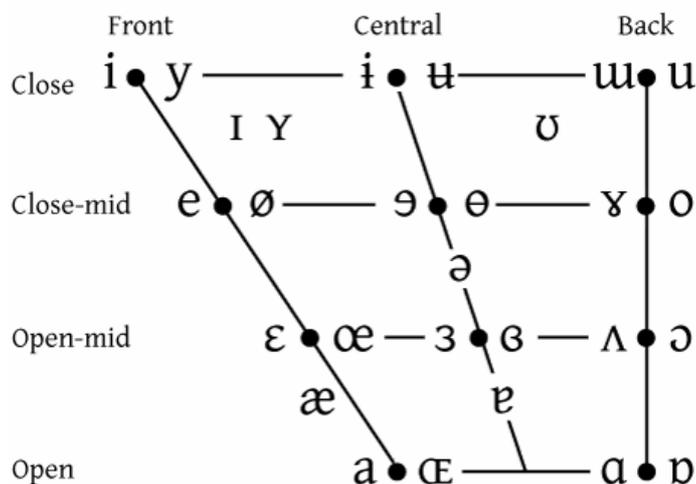
## LISTA DE QUADROS E SÍMBOLOS FONÉTICOS

### CONSONANTS (PULMONIC)

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill				r					ʀ		
Tap or Flap				ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulations judged impossible.

### VOWELS



Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a rounded vowel

### SUPRASEGMENTALS

'	Primary stress	ˈfounəˈtɪʃən
ˈ	Secondary stress	
ː	Long	eː
ˑ	Half-long	eˑ
◌̥	Extra-short	ɛ̥
◌̩	Syllable break	ai.ækt
◌̯	Minor (foot) group	
◌̭	Major (intonation) group	
◌̮	Linking (absence of a break)	

### TONES & WORD ACCENTS

LEVEL	CONTOUR
ě or ǃ Extra high	ě ʌ Rising
é ǂ High	ê ʋ Falling
ē ǁ Mid	ě̃ ʌ High rising
è ǃ Low	ě̂ ʌ Low rising
ë ǃ Extra low	ě̄ ʌ Rising-falling etc.
↓ Downstep	↗ Global rise
↑ Upstep	↘ Global fall

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

<b>Símbolo</b>	<b>Palavra-chave</b>	<b>Símbolo</b>	<b>Palavra-chave</b>
i	beat, feed	p	pack, happy
ɪ	bit, did	b	back, rubber
eɪ	date, paid	t	tie
ɛ	bet, bed	d	die
æ	bat, bad	k	came, key, quick
ɑ	box, odd, father	g	game, guest
ɔ	bought, dog	tʃ	church, nature, watch
ou	boat, road	dʒ	judge, general, major
ʊ	book, good	f	fan, photograph
u	boot, food, student	v	van
ʌ	but, mud, mother	θ	thing, breath
ə	banana, among	ð	then, breathe
ɜr	shirt, murder	s	sip, city, psychology
aɪ	bite, cry, buy, eye	z	zip, please, goes
aʊ	about, how	ʃ	ship, machine, station, special
ɔɪ	voice, boy	ʒ	measure, vision
ɪr	beer	h	hot, who
ɛr	bare	m	men, some
ɔr	bar	n	sun, know, pneumonia
ɔr	door	ŋ	sung, ringing
ʊr	tour	w	wet, while
		l	light, long
		r	right, wrong
		y	yes, use, music

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	16
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 O ACENTO .....	20
1.1.1 Definição .....	20
1.1.2 Níveis de acento .....	23
1.1.3 Relação entre vogal e acento .....	26
1.1.3.1 Vogal reduzida .....	26
1.1.4 Acento lexical e acento frasal .....	28
1.2 A SÍLABA.....	29
1.2.1 Teoria da sílaba – estrutura CV .....	29
1.3 O ACENTO E TEORIAS FONOLÓGICAS .....	31
1.3.1 Fonologia Métrica .....	31
1.3.2 Fonologia Prosódica .....	34
1.3.3 Fonologia da Interlíngua .....	36
1.3.3.1 A interlíngua na atribuição do acento .....	36
1.4 SOBRE O ACENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	40
1.4.1 Do Latim ao Português .....	40
1.4.2 Regras de acentuação em português para substantivos, adjetivos e verbos .....	41
1.5 O ACENTO EM LÍNGUA INGLESA .....	44
1.5.1 Regras de acentuação em inglês para substantivos, adjetivos e verbos .....	45
1.6 ACENTO EM PORTUGUÊS X ACENTO EM INGLÊS .....	46
1.7 A INTERFERÊNCIA .....	47
1.7.1 Métodos de Investigação em Língua Estrangeira .....	49
1.7.1.2 Análise Contrastiva (AC) .....	49
1.7.1.2 Análise de Erros (AE) .....	50
2. METODOLOGIA .....	52
2.1 Pesquisa Bibliográfica .....	52
2.2 Problemas .....	52
2.3 Hipóteses .....	52
2.4 Objetivos .....	53
2.5 Caracterização dos informantes .....	53
2.6 O <i>corpus</i> de análise .....	56

2.7 O experimento .....	58
2.8 As Variáveis .....	58
2.8.1 Variáveis Lingüísticas .....	58
2.8.2 Variáveis Sociais .....	59
2.9 A coleta dos dados .....	59
2.10 As etapas da entrevista .....	62
2.10.1 Teste de produção .....	62
2.10.1.1 Teste de Produção – 1ª Fase -Itens Isolados .....	62
2.10.1.2 Teste de Produção – 2ª Fase - Contexto Frasal.....	63
2.10.1.3 Teste de produção – 3ª Fase - Repetição de Sentenças .....	64
2.10.2 Teste de percepção .....	64
2.11 Análise dos dados .....	65
2.11.1 Análise Computacional dos Dados .....	65
2.11.2 Análise Quantitativa e Análise Qualitativa .....	66
3. ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> .....	67
3.1 ANÁLISE LINGÜÍSTICA QUALITATIVA E QUANTITATIVA .....	67
3.1.1 A PRODUÇÃO .....	68
3.1.1.1 <i>Falantes Nativos</i> .....	68
3.1.1.2 <i>Aprendizes Brasileiros</i> .....	69
3.1.1.2.1 Teste de Produção - Fase 1 – Itens Isolados .....	69
3.1.1.2.2 Teste de Produção - Fase 2 – Contexto Frasal .....	69
• ACENTO PRIMÁRIO .....	70
• REDUÇÃO VOCÁLICA .....	75
3.1.1.2.3 Teste de Produção – Fase 3 – Repetição de Sentenças .....	77
3.1.2 A PERCEPÇÃO .....	79
3.1.2.1 TESTE DE PERCEPÇÃO - Fase 1.....	79
3.1.2.2 TESTE DE PERCEPÇÃO - Fase 2 .....	84
3.1.2.2.1 Percepção da Posição do Acento .....	84
3.1.2.2.2 Decisão Categorical .....	86
3.2 IMPORTÂNCIA DE OUTRAS VARIÁVEIS .....	89
3.2.1 Variáveis Lingüísticas .....	90
3.2.1.1 Extensão do vocábulo .....	90
3.2.1.2 Categoria Lexical .....	91
3.1.2.3 Tipo de tarefa .....	92

3.2.3 Variáveis Sociais .....	93
3.2.3.1 Sexo .....	93
3.2.3.2 Faixa etária .....	94
3.2.3.3 Grau de instrução em língua portuguesa .....	95
3.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES .....	96
3.3.1 Acento secundário.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	102
ANEXOS .....	108

## INTRODUÇÃO

Esta investigação tem, como objeto de estudo, o fenômeno fonético-fonológico da mudança de atribuição do acento primário e da redução de vogal em pares mínimos de palavras de língua inglesa pronunciados por alunos brasileiros de língua inglesa.

O termo acento é dinâmico, por envolver aspectos diferentes de análise da linguagem e pode designar acento gráfico, acento fonético, acento fonológico, ou ser, ainda, sinônimo de sotaque.

O acento gráfico, na língua portuguesa, é predominantemente a marca ortográfica de uma proeminência fonética na realização de sílabas nas palavras, ao passo que, por exemplo, no francês essa marca diacrítica nunca atribuirá tonicidade, mas distinguirá a abertura da vogal.

No aspecto fonético, acento se refere ao grau de intensidade empregado na produção de uma sílaba (Crystal, 2000). Quanto ao aspecto fonológico, o acento é uma proeminência percebida como funcional, capaz de distinguir significados, o que depende de ser ou não ser utilizado em uma palavra e da posição da sílaba em que ocorre com relação às outras sílabas de uma palavra. Assim como existem sílabas átonas, existem palavras átonas, que são designadas como clíticas. Aqui, focalizaremos as propriedades do acento fonético-fonológico do português brasileiro (doravante PB) e do inglês norte-americano (doravante NAE).

Ressaltam Cunha & Cintra (1985) o valor distintivo, fonológico do acento no português brasileiro, pela sua variabilidade de posição, que diferencia vocábulos. A posição do acento em PB distingue significado, estabelece oposição e é útil, conforme assevera Azevedo (1982), particularmente nos processos de distinção de tempos verbais da língua portuguesa, como em “falara e falará” (terminação –ar); “comera e comerá” (terminação –er); e “partira e partirá” (terminação –ir). De forma semelhante, na língua inglesa, registra-se a variabilidade da posição da sílaba tônica na distinção de alguns pares de palavras como *pérmít* (substantivo) e *permít* (verbo). Como se observa, a posição do acento é fonologicamente distintiva para ambas as línguas e está relacionada com as suas constituições morfológicas.

Variações quanto ao uso do acento podem causar diferenças no ritmo das línguas. Até bem pouco tempo atrás, costumava-se adotar a classificação de línguas de ritmo silábico ou tempo silábico (*syllable-timing*) - o francês é um exemplo - nas quais as sílabas tendem a se repetir em intervalos regulares de tempo, em contraste com línguas

como o inglês e o português, chamadas línguas de ritmo acentual ou tempo acentual (*stress-timing*), em que a duração entre os intervalos das sílabas acentuadas é classificada como isocrônica<sup>1</sup>. Hoje em dia, já se sabe que essa classificação é inviável, já que uma língua e seus dialetos podem apresentar características de ambos os tipos de ritmo.

Dentre os estudos que trataram de características supra-segmentais relevantes para a área de ensino de língua inglesa no Brasil, tem-se o trabalho pioneiro de Souza (1969). Esse estudo analisou contrastivamente os níveis, a distribuição e as possíveis vogais para cada grau do acento (primário, secundário e terciário) de língua inglesa na produção dos alunos brasileiros de inglês como língua estrangeira (*English as a Foreign Language*).

O trabalho de Terzi (1977) foi o primeiro a usar a metodologia da análise de erros no estudo sobre o posicionamento do acento por alunos brasileiros de EFL. A autora, através de um estudo pseudolongitudinal, testou os sistemas aproximativos (*approximative systems*) em três níveis diferentes e subseqüentes de proficiência. Terzi baseou sua análise nas descrições de acento da gramática transformacional das duas línguas em questão (PB e NAE) e concluiu que havia um alto grau de interferência da língua nativa quando da aplicação das regras de acentuação de palavras de língua inglesa.

Posteriormente, Baptista (1981) apresentou, em sua dissertação “*An analysis of errors of Brazilians in the placement of English word stress*”, uma abordagem do acento do inglês dentro da perspectiva da fonologia gerativa. Ela acreditava que, em vez de ensinar uma enorme lista de regras a serem armazenadas com muitas exceções, poderia-se fazer o aluno descobrir regras de usos gerais e inconscientes para a formulação de escolhas da posição do acento das palavras inglesas que não lhe fossem familiares. Sua metodologia consistia em levantar os aspectos vulneráveis da acentuação na fala dos nativos de língua inglesa, com o propósito de tornar tais aspectos “modelo” para se descobrir as dificuldades dos alunos brasileiros de nível avançado. Assim, as regras propostas para o teste dos alunos brasileiros foram consequência das dificuldades dos nativos. Baptista concluiu que a maneira mais adequada de prever atividades estratégicas, no que concerne às dificuldades dos brasileiros na colocação da acentuação vocabular inglesa, é por análise de erro.

---

<sup>1</sup> Isocrônica: referente ao termo isocronia (fenômeno em que as sílabas inacentuadas diminuem sua duração de acordo com o número delas ocorrente entre duas sílabas acentuadas).

Depois de Baptista, várias contribuições têm sido feitas para o estudo sobre a aquisição do acento de língua inglesa que, para tanto, contou com pesquisas envolvendo alunos de diferentes línguas-mãe. O trabalho de Flege & Bohn (1989), que investigou o posicionamento do acento e a redução vocálica em itens morfonologicamente idênticos (*able-ability*, *satan-satanic* e *botan-botanic*) da língua inglesa por nativos de língua inglesa e hispânica, observou que o falante, mesmo depois de atingir um grau de proficiência em segunda língua<sup>2</sup> (L2), ainda apresenta acento estrangeiro que pode resultar de substituições segmentais por réplica de modelos sonoros bem como de padrões acentuais, entoacionais e rítmicos não característicos da L1.

Archibald (1998) descreveu a aquisição do acento de língua inglesa por falantes de línguas tonais. Além desse estudo, o autor ainda investigou os fatos lingüísticos relacionados à aquisição de acento em falantes de húngaro, espanhol, polonês e árabe. Suas conclusões garantem que, para as línguas que diferem em relação às determinações paramétricas, existe uma possibilidade bem maior de transferência de L1 para L2.

Silveiro (2004) investigou a percepção e a produção do padrão de palavras compostas de língua inglesa em um grupo de alunos brasileiros de EFL em nível avançado. Os resultados do teste de percepção revelaram que o tamanho e o padrão acentual dos substantivos compostos exerceram certa influência sobre a *performance* dos falantes nativos, enquanto o tipo de estímulo-teste não foi significativo; para os falantes brasileiros, a influência destas variáveis foi oposta. Os resultados do teste de produção revelaram que, ao produzir os padrões acentuais dos substantivos compostos do inglês, os falantes brasileiros manifestaram uma tendência geral de atribuir o acento primário ao segundo constituinte, o que reflete uma influência do padrão acentual dos compostos do português.

Devido ao número reduzido de estudos de fonologia da interlíngua do acento na produção e percepção de aprendizes de nacionalidade brasileira, nosso estudo advém da necessidade de entender os aspectos que causam maior dificuldade na pronúncia de pares mínimos da língua inglesa, no que concerne à colocação do acento primário em relação direta com a redução de vogal.

---

<sup>2</sup> Optamos aqui por não fazer distinção entre os termos de língua estrangeira (LE) e segunda língua (L2), devido ao fato de ainda não haver um consenso entre os autores quanto aos domínios de atuação de ambos os tipos de convenção.

Assim, na tentativa de subsidiar futuras pesquisas nessa área, nosso trabalho tem como objetivo principal revelar o percurso do desenvolvimento da interlíngua<sup>3</sup> na atribuição do acento e o fenômeno de redução vocálica em pares mínimos de palavra de língua inglesa através da investigação da produção e da percepção de alunos brasileiros de EFL, como também detectar se os alunos estão cientes a respeito das regras de acentuação de substantivos, adjetivos e verbos nesses pares mínimos que estão sendo investigados nessa pesquisa e, ainda, se eles realmente produzem de maneira correta os padrões de acentuação desses pares mínimos.

Com a intenção de facilitar a apresentação de todos os objetivos supracitados, a dissertação é composta de quatro capítulos. No primeiro, apresentamos a fundamentação teórica, que oferece um aporte das teorias fonológicas relacionadas à análise e à descrição do acento em português e em inglês, além de fornecermos explicações sobre os métodos de investigação de aquisição de L2 (Análise Contrastiva e Análise de Erro) relevantes nos estudos de atribuição do acento e de redução de vogais em língua inglesa. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia e a abordagem utilizadas, descrevemos as variáveis investigadas, os problemas formulados sobre elas, as hipóteses, os critérios para a seleção do *corpus*, os passos de coleta de dados, o perfil dos participantes e todos os procedimentos envolvidos na aplicação dos testes. O terceiro capítulo apresenta a análise do *corpus*, com os resultados mais importantes obtidos a partir da análise quantitativa e qualitativa dos dados, contando com a discussão dos resultados quantitativos, que se expressam através de tabelas, gráficos e cálculos, seguidos da última parte, em que são esboçadas algumas considerações finais sobre o estudo em questão.

---

<sup>3</sup> Entende-se aqui por Interlíngua a língua de transição do aluno entre a língua nativa (LN) e a língua-alvo (LAL) em certa altura do processo de aprendizagem (Moita Lopes, 2000).

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.3 O ACENTO

#### 1.3.1 Definição

Não é fácil estabelecer uma definição exata e universal de acento. Os linguistas preferem a este termo outros como: proeminência, altura, ênfase, intensidade, entre outros, e o utilizam da maneira que mais lhes seja conveniente em seus estudos particulares. Apresentamos aqui algumas definições relativas a acento, de um modo geral, na visão de alguns autores da fonética e da fonologia já consagrados. Do ponto de vista fisiológico, o acento em inglês, ou *stress*, é definido por Jones (1976: 245)<sup>4</sup> como “o grau de força com que uma sílaba é enunciada. É uma ação essencialmente subjetiva”.

A princípio, estabeleçamos a diferença entre o acento fonético e o acento fonológico. O acento fonético, que não determina mudança de significado, pode ser compreendido como o destaque, o relevo, o realce que uma sílaba ou uma palavra têm em comparação com outras na mesma cadeia falada, seja pela maior intensidade com que é pronunciada (acento de intensidade<sup>5</sup>), seja pela maior altura (acento tonal<sup>6</sup>) ou seja pela maior duração (acento de quantidade). O acento fonológico, que é responsável pela mudança de significado da palavra, é de uso lingüístico e é um dos elementos, no caso de itens homógrafos, juntamente com o nível segmental (fonemas), a assumir função de distinguidor de palavras com significados diferentes (*e.g.*: “fábrica” e “fabrica”), seja para marcar a fronteira de unidades lingüísticas (função demarcativa), como ocorre no francês, onde a sílaba mais forte indica onde termina um vocábulo e começa outro, ou ainda para dar a feição peculiar de cada palavra tal qual o falante nativo a conhece.

Na língua portuguesa, não é o acento que é distintivo, e sim sua posição que faz a distinção, *e.g.*: cítara, citara e citar<sup>á</sup>. Na língua inglesa, alguns itens, conhecidos como pares mínimos, comportam-se de forma semelhante. É o caso dos pares de palavras que podem ter alguma relação semântica (em alguns casos não se conta com isso), mas seu

---

4 “...the degree of force with which sound or syllable is uttered. It is essentially a subjective action.”

JONES, Daniel. *An outline of English phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

5 Também conhecido como “Stress Accent”, é o acento em que o parâmetro determinante para tornar a sílaba acusticamente proeminente é a intensidade. Fonte: XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) *Dicionário de termos lingüísticos*, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

6 Chamado também de acento de altura. Fonte: XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) *Dicionário de termos lingüísticos*, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

*status* morfosintático sendo determinado pela posição do acento, e.g.: *séparàte* (verbo) e *séparate* (adjetivo).

Sobre proeminência, Hyman (1975: 203)<sup>7</sup> afirma:

*The word prominence is used as a cover term to include stress, tone and duration...While to some linguists only these features are true suprasegmentals, other linguists have analyzed vowel harmony and nasalization suprasegmentally as well.*

Vejamos a definição de Xavier & Mateus (1990)<sup>8</sup> para acento:

*Grau de proeminência de uma vogal ou sílaba numa determinada seqüência fonética. De um modo geral, faz-se a distinção entre vogais (ou sílabas) acentuadas e não acentuadas, considerando que as primeiras são mais proeminentes que as últimas. Esta proeminência pode ser devida a um aumento de intensidade (acento de intensidade), de duração (acento de quantidade) ou de altura (acento de altura), ou ainda a uma conjugação destas três propriedades. As seqüências fonéticas portadoras de acento podem ser palavras, constituintes ou frases, distinguindo qualquer destes níveis podem admitir-se diferentes graus de proeminência (graus de acento).*

Nas primeiras abordagens gerativistas sobre acento (Chomsky & Halle, 1968 e Halle & Keyser, 1971), o acento era descrito como uma propriedade de segmentos<sup>9</sup> individuais, mais especificamente vogais, o que mais tarde foi considerado como um tratamento inadequado pela fonologia métrica por esta considerar a ampla análise de constituintes fonológicos (e.g.: sílaba) organizados de forma hierárquica.

Um conceito alternativo de acento, ligado à fonologia não-linear, é proposto por Mateus (no prelo: 58)<sup>10</sup>:

*O acento em português resulta da combinação das propriedades de intensidade e duração do som vocálico que, em determinado ponto da seqüência, apresentam valores relativamente mais elevados e marcam uma sílaba mais “forte” ou proeminente na palavra.*

Reforçando o que foi dito acima, o acento deriva, do ponto de vista acústico, da junção de fatores perceptivos como intensidade, quantidade e altura (Mateus, anotações de aula). Embora muitos estudos sobre os correlatos acústico-perceptivos do acento

7 HYMAN, Larry M. *Phonology theory and analysis*. United States: HBJ, 1975.

8 XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) *Dicionário de termos lingüísticos*, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

9 Na hipótese gerativista, os segmentos diferenciavam-se dos fonemas da hipótese estruturalista na medida em que esses são tratados como unidades que apenas se reportam ao conjunto de traços fonéticos realizados pelo falante (Ferreira Netto, 2001).

10 MATEUS, M. H. M. *A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo*. No prelo.

tenham sido feitos, ainda não há consenso sobre a importância desses parâmetros para a produção e a percepção do acento.

Para enfatizar o fato descrito acima, basta dizer que Lieberman (1960 *apud* Brazil *et al*, 1980)<sup>11</sup> gravou 16 sujeitos norte-americanos produzindo pares de verbos/substantivos dissílabos, fonologicamente distintos pela mudança de acento da primeira para a segunda sílaba (*e.g. pérmít e permít; cóntent e contént; rébel e rebél; cónflict e conflíct*; entre outros) e, em sua análise, ele descobriu que a sílaba acentuada tinha um pitch maior em 90% dos casos, tinha maior altura em 87% dos casos e uma maior duração em 67% dos casos.

No entanto, a altura parece ser de bem menor importância do ponto de vista do ouvinte. É o que comprova Fry (1970)<sup>12</sup>, que realizou estudos instrumentais de percepção do acento, também na língua inglesa, ao tentar estabelecer ordem hierárquica de importância no exame de pares mínimos, tais como os utilizados por Lieberman, e, ao complicar um pouco mais os testes levando a importância do pitch em consideração, elegeu a duração, a intensidade e a altura, nessa ordem de importância, como os parâmetros acústicos mais importantes. Isto significa dizer, em retrospecto a essas características, que uma sílaba acentuada é mais longa, com amplitude média mais alta e valor de F<sup>o</sup> (frequência fundamental) mais elevado do que as sílabas átonas do mesmo enunciado.

Ladefoged (1993)<sup>13</sup> tenta explicar que essa falta de equivalência entre os fatores acústicos determinadores do acento, tanto para a produção quanto para a percepção, é de ordem individualizada e subjetiva por ser uma tomada de decisão que parte de duas partes distintas: falante e ouvinte e para tal explanação se vale da Teoria Motora de Percepção da Fala (*Motor Theory of Speech Perception*)<sup>14</sup>.

No PB, Massini-Cagliari (1992)<sup>15</sup> aponta os principais correlatos acústicos do acento, no nível lexical e em ordem decrescente de importância, como duração, intensidade e qualidade vocálica.

---

11 LIEBERMAN, P. Some acoustic correlates of word stress in American English. In: Journal of the Acoustical Society of America, 32, 1960. p. 451-4.

12 FRY, D. B. Prosodic Phenomena. In: Malmberg, Bertil (org.) Manual of phonetics. London: NHPC, 1970.

13 LADEFOGED, Peter. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.

14 O ouvinte toma como referência suas próprias atividades motoras-articulatórias para perceber e identificar os acentos que os outros interlocutores estão fazendo. Fonte: LADEFOGED, Peter. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993. p. 113

15 MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Acento e ritmo. São Paulo: Contexto, 1992.

Para Xavier & Mateus (1990)<sup>16</sup>, o acento tem valor fonológico quando sua mudança de lugar implica uma mudança de sentido, isto é, quando pares de palavras se opõem distintivamente devido a uma variação na posição do acento, *i.e.*, sábia (adjetivo), sabia (verbo), sabiá (substantivo).

Para Bolinger (1985)<sup>17</sup>, Mateus *et al* (1989)<sup>18</sup>, Goldsmith (1990)<sup>19</sup> e Ladefoged (1993)<sup>20</sup>, quando falamos de acento, estamos tomando como base um conceito relacional, de maneira que, ao determinarmos se uma sílaba é acentuada, temos que compará-la às outras ao seu redor. As sílabas acentuadas geralmente apresentam as seguintes características: maior frequência fundamental, vogais mais longas, maior duração e uma tendência a ter uma intensidade maior.

Como se pode perceber pelo exposto acima, a definição de acento tem caráter puramente relativo e toma o conceito de proeminência como dispositivo básico na compreensão da sua relação com outros elementos supra-segmentais. Para se conceituar acento, portanto, é necessário ter em mente um ponto de vista teórico classificatório que conjugue todas as possibilidades de associação com a realidade prosódica praticada em cada língua.

### 1.1.2 Níveis de acento

Convencionou-se criar denominações para os níveis de intensidade que uma proeminência desempenha na palavra ou na frase. Dessa forma, classificam-se essas intensidades da seguinte maneira, de acordo com Roach (1990 *apud* Silveiro, 2004)<sup>21</sup>: acento primário (o mais forte, com proeminência resultante de um movimento de pitch), acento secundário (mais fraco que o acento primário, mas mais forte que o não acentuado) e não acentuado (sem nenhuma proeminência notável).

Xavier & Mateus (1990)<sup>22</sup> definem acento primário como “acentos mais fortes da palavra ou da frase. Proeminência relativa apresentada pela sílaba acentuada (exemplo: CAsas)”.

---

16 XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

17 BOLINGER, D. Intonation and its parts. Melody in spoken English. London: Edward Arnold, 1985.

18 MATEUS, M. H. M. et al. Gramática da língua portuguesa. 3 ed. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.

19 GOLDSMITH, J. A. Autosegmental and metrical phonology. Cambridge, USA: Basil Blackwell, 1990.

20 LADEFOGED, Peter. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.

21 ROACH, P. English phonetics and phonology. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

22 XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

Enquanto o acento primário de palavra (ou principal) é governado por princípios morfológicos e sua atribuição ocorre no nível lexical, o acento secundário se faz num nível pós-lexical “por ter em conta processos como a supressão de vogais átonas e permitir variação decorrente do contexto fônico” (Mateus, no prelo). O acento primário não é dado metricamente, mas localmente, ou seja, especificamente, no âmbito da palavra. Enquanto a atribuição de acentos secundários deriva claramente do ritmo, a atribuição de acentos primários não se dá pelo ritmo, mas localmente, no léxico. Assim, trataremos acento primário e acento secundário como objetos de análise distintos.

Xavier & Mateus (1990)<sup>23</sup> definem acento secundário como o “acento que incide sobre uma vogal que não recebe o acento principal. Em português, só as vogais pretônicas podem apresentar acento secundário no domínio da palavra (ex: FORtemente)”. Vejamos o que Mateus (no prelo: 68)<sup>24</sup> fala sobre acento secundário em Português Europeu (PE):

*Os acentos secundários reforçam o poder informativo do acento principal e organizam a cadeia fonética como um domínio rítmico. No discurso oral, os acentos principal e secundário apresentam-se como um princípio rítmico de alternâncias acentuais. Os acentos secundários ocorrem em intervalos regulares, sempre em sílabas pré-tônicas, e podem marcar a sílaba inicial da palavra ou marcar sílabas alternantes a partir da tónica para a esquerda, até ao limite da palavra.*

Cagliari (1995: 381)<sup>25</sup> faz um resumo da trajetória que o acento secundário fez durante o último século:

*Para a morfofonêmica, o acento era apenas um contexto. Para a fonologia gerativa padrão, um enfraquecimento na composição ou derivação de palavras. Para a fonologia lexical, trata-se de uma regra pós-lexical que não tem nada a ver com a regra de atribuição do acento primário. Para a fonologia métrica, trata-se de uma regra de eurritmia que regula a saliência das sílabas, fora a sílaba tônica principal – ou seja, o acento secundário se mistura com outras saliências na onda rítmica, não tendo um status próprio.*

Com relação ao acento secundário no PB, Collischon (1994)<sup>26</sup> propõe que ele seja atribuído no componente pós-lexical, através de um algoritmo<sup>27</sup> que, sobre a estrutura previamente construída de acento primário (constituente ilimitado de cabeça à direita),

23 \_\_\_\_\_ (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

24 MATEUS, M. H. M. A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo. No prelo.

25 CAGLIARI, L. C. O acento: o problema do problema. Estudos Lingüísticos XXV Anais dos Seminários do GEL. Rio Preto: São Paulo, 1995. p. 381.

26 COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 43–53, dez. 1994.

27 Algoritmo: seqüência pré-definida de instruções que visam a alcançar sempre o mesmo resultado. Fonte: FERREIRA NETTO, Waldemar. Introdução à fonologia da língua portuguesa. São Paulo: Hedra, 2001.

constrói constituintes binários de cabeça à esquerda, obedecendo a uma direção (Direita-Esquerda), a partir do acento primário, e tomando como domínio de aplicação a palavra. O algoritmo de acento secundário seria, segundo a autora, insensível ao peso silábico, cabendo-lhe, simplesmente, preencher a grade métrica e marcar o ritmo.

Acerca das regras pós-lexicais, Lee (1992)<sup>28</sup> salienta que elas se relacionam apenas aos fatos fonológicos, independentemente da informação fonológica. Enquanto as regras lexicais são obrigatórias e contêm exceções, as regras pós-lexicais caracterizam-se como opcionais e não incluem exceções.

Sobre a inter-relação das propriedades rítmicas desencadeadas pelos níveis de acento, Abaurre & Galves (1998: 389)<sup>29</sup> atestam:

*O fato de que os acentos, primários ou secundários, são vistos como propriedades de domínios que podem ter apenas um acento, tem como consequência: 1) que a existência de um acento primário em uma sílaba implica sua ausência em todas as demais sílabas do mesmo domínio (i.e., no domínio da palavra, o que significa dizer que cada palavra é portadora de apenas um acento primário); 2) que a existência de um acento em uma sílaba implica sua ausência nas sílabas imediatamente adjacentes (ou seja, no interior do mesmo pé, o que significa dizer que cada pé é portador de apenas um acento secundário).*

Geralmente mal interpretado por alunos brasileiros, por seu teor de intensidade em relação ao acento primário ser quase imperceptível, o acento secundário de língua inglesa recebeu pouca atenção nos estudos de fonologia da interlíngua que se detiveram em suas características de produção e percepção.

O acento secundário da língua inglesa, como na língua portuguesa, também contribui para a marcação do ritmo nas sentenças. Ladefoged (1993: 115)<sup>30</sup> explica que, em longas palavras do inglês, existe mais de um nível de acento, que aparece mais comumente quando a palavra é dita de forma isolada ou em fim de sintagma. Isso se deve a fatores rítmicos, como é declarado por ele abaixo:

*...the last stressed syllable in a tone group usually carries the tonic accent. In longer words containing two stresses, the apparent difference in the levels of the first and the second stress is really due to the superimposition of an intonation pattern. When these words occur within a sentence in a position where there are no intonation effects, then there are no differences in the stress levels.*

---

28 LEE, Seung Hwa. A fonologia lexical do português. Caderno de Estudos lingüísticos, Campinas, (23): 103-120, Jul/Dez, 1992.

29 ABAURRE, B. & GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. In: D.E.L.T.A., vol. 14, n. 2, 1998, p. 377 – 403.

30 LADEFOGED, P. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.

Do que foi exposto acima, podemos concluir que a estrutura rítmica é dada pela atribuição de acentos secundários, possivelmente marcados frasalmente em termos de pés.

### 1.1.3 Relação entre vogal e acento

O conceito de vogal se revela de grande importância para a compreensão do fenômeno da atribuição do acento de palavra<sup>31</sup> em geral. Por estabelecer uma relação íntima com as vogais da sílaba acentuada, o acento determina a qualidade vocálica das sílabas ao seu redor.

Para Cunha & Cintra (1985: 36)<sup>32</sup>, antes de definir acento, é preciso ter em mente a noção do correlato físico intensidade e vogal relacionados:

*A intensidade é a qualidade física da vogal que depende da força expiratória e, portanto, da amplitude da vibração das cordas vocais. As vogais que se encontram nas sílabas pronunciadas com maior intensidade chamam-se tônicas, porque sobre elas recai o acento tônico, que se caracteriza em português principalmente por um reforço de energia expiratória. As vogais que se encontram em sílabas não acentuadas denominam-se átonas.*

#### 1.1.3.1 Vogal reduzida

Segundo Katamba (1993)<sup>33</sup>, entende-se por vogal reduzida uma vogal centralizada encontrada em posições não acentuadas de palavras e é geralmente representada por um *schwa* (vogal meio-central [ə] ou [ɪ]). Ladefoged (1993: 114)<sup>34</sup> destaca a importância do reconhecimento da vogal reduzida para a discriminação do acento, sob ponto de vista do ouvinte. Segundo ele:

*The most reliable thing for a listener to detect is that a stressed syllable frequently has a longer vowel than that same vowel would be if it were unstressed. But this does not mean that all long vowels are necessarily stressed. The second and third vowels in “radio”, for example, are comparatively long, but they do not have the extra push of air from the lungs that occurs on the first vowel.*

---

31 Acento de palavra (ou acento lexical): Acento que incide sobre a sílaba que, na palavra, apresenta proeminência relativamente às restantes. O lugar do acento de palavra (ou acento lexical) estabelece, em certas circunstâncias, distinção entre palavras. Exemplo: DUvida / duVida. Fonte: XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

32 CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

33 KATAMBA, F. Morphology. England: Palgrave, 1993.

34 LADEFOGED, Peter. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.

Segundo Cristófaros-Silva (2002: 77)<sup>35</sup>, as vogais acentuadas ou tônicas carregam o acento mais forte ou acento primário, e as vogais não acentuadas - átonas pretônicas ou postônicas - carregam acento secundário ou são completamente isentas de acento.

Prator & Robinett (1985)<sup>36</sup> são específicos em relação à qualidade vocálica na língua inglesa e enumeram as vogais que podem ser pronunciadas nas sílabas tônicas: [i], [ɪ], [o], [ɔ], [e], [ɛ], [æ], [a], [ʊ], [u], [ə], [aʊ], [aɪ] e [ɔɪ], enquanto que a vogal na sílaba átona é quase sempre [ə] ou [ɪ], e alguns falantes ainda a pronunciam como [u]. No inglês, para deixar mais clara a distinção entre substantivos, adjetivos e verbos, no caso de palavras que contêm sufixo *-ate*, há a redução da vogal átona nos adjetivos e substantivos. Quando se muda de um adjetivo ou substantivo para um verbo, o acento permanece na mesma posição, mas a vogal *a* de *-ate* é reduzida completamente, enquanto que na pronúncia dos verbos não há a redução, mas sim a mudança para /-eɪ/. Uma explicação para essa redução em direção ao som neutro /ə/ é consequência da aglutinação de sílabas não acentuadas: *e.g.*: *advocate* /'ædvəkət/ e *to advocate* /'ædvə,keɪt/; *animate* /'ænəməɪt/ e *to animate* /'ænə,meɪt/.

Pelo tratamento dado ao acento secundário em alguns dicionários de língua inglesa (às vezes não há nem mesmo a marcação dele em alguns vocábulos), observa-se uma leve negligência em relação a esse traço prosódico tão fundamental quanto o acento primário, em alguns itens. O acento secundário desempenha uma função extremamente importante na determinação de componentes de par mínimo quando esses assumem a função de verbos, não podendo ser esquecido com tanta frequência.

Um estudo sobre redução vocálica em preposições de língua inglesa foi desenvolvido por Watkins (2001). O autor focalizou a variabilidade no uso das vogais reduzidas em clíticos pronunciados em sentenças por alunos brasileiros de nível avançado. O autor aponta que os alunos, muito embora façam uso de vogais reduzidas ao falarem inglês, não o fazem de maneira consistente. Em um prévio estudo piloto, o autor identificou que as *function words*, as sílabas fechadas e as sílabas precedidas por uma sílaba métrica fraca eram mais propensas a resistir à redução vocálica. Esse resultado o levou a prever que os fatores fonológicos, tais como a estrutura interna da sílaba bem como o ambiente segmental e métrico da palavra, poderia possivelmente

35 CRISTÓFARO SILVA, Thais. Fonética e fonologia do português. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

36 PRATOR, Jr., Clifford H. & ROBINETT, Betty Wallace. Manual of American English pronunciation. 4. ed, Orlando: Harcourt Brace & Company, 1985.

influenciar na variação do uso das formas fracas das *function words*. Sobre essa sistematicidade de emprego da vogal reduzida, Watkins (2001: 172 *apud* Silveiro, 2004)<sup>37</sup> conclui em seus achados que:

*Either speakers are simply not aware of which form they are producing (the strong or the weak), or they are aware but have an underdeveloped concept of the phonological role of vowel reduction, failing to give the distinction the importance which it has for native speakers.*

#### 1.1.4 Acento lexical e acento frasal

Moraes (1995: 42)<sup>38</sup> explica a distinção entre acentuação lexical e acentuação frasal da seguinte forma:

*Há, ..., um acento que é inerente a cada vocábulo de mais de uma sílaba, e cuja localização pode eventualmente permitir oporem-se palavras que são idênticas quanto a sua composição segmental: é o chamado acento lexical. Em línguas em que sua localização não é fixa, como o português, vem ele a assumir uma função semântica, responsável pela distinção de conteúdos referenciais como em sábia/sabia/sabiá. Por outro lado, ao considerarmos um enunciado globalmente, percebe-se que apenas algumas poucas sílabas são sentidas como efetivamente proeminentes (ou mais proeminentes), pois uma sílaba acentuada no nível vocabular pode ou não sê-lo no nível do enunciado. Esse tipo de acento – o acento frasal – exerce a função sintática de dar a maior coesão aos elementos por ele dominados, definindo e delimitando assim uma determinada extensão de cadeia sonora comumente designada por expressões como “grupo rítmico”, “grupo prosódico”...*

Santos (2002)<sup>39</sup>, ao utilizar as teorias de retração (*stress retraction*) e choque (*stress clash*) de acento da fonologia prosódica, mostra que categorias sintáticas foneticamente não realizadas (categorias vazias) podem interferir na organização rítmica (computação prosódica) dos enunciados. Tal fato se vale da explicação de que o acento lexical pode ser modificado ao acontecer em contexto frasal. Tomemos como exemplo o sintagma seguinte: CAFé QUENte, em que o acento do vocábulo “café” se desloca por razão de seu entorno apresentar constituintes prosódicos que alteram a ordenação dos *pés* do *enunciado fonológico* (os termos em itálico serão explicados mais detalhadamente nas seções 1.3.1 e 1.3.2, respectivamente – Fonologia Métrica e Fonologia Prosódica), ou seja, o ritmo é rearranjado devido a uma reorganização hierárquica de seus constituintes silábicos.

37 WATKINS, M. A. Variability in vowel reduction by Brazilian speakers of English. Tese de Doutorado Não Publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

38 MORAES, João. Acentuação lexical e acentuação frasal em português: um estudo acústico-perceptivo. In: Estudos Lingüísticos e Literários 17, Universidade Federal da Bahia, 1995.

39 SANTOS, Raquel. Categorias Sintáticas Vazias e Retração de Acento em Português Brasileiro. DELTA, 2002, vol.18, no.1, p.67-86.

Prator & Robinett (1985)<sup>40</sup> também comentam a possibilidade da mobilidade acentual dentro da sentença em língua inglesa quando explica que o falante, de maneira intuitiva, computa o acento em intervalos isocrônicos, mesmo chegando a alterar a posição normal do acento de palavra.

#### 1.4 A SÍLABA

É importante salientar que trataremos do conceito de sílaba e sua estrutura interna apenas com fins introdutórios. Na realidade, o que irá nos interessar na análise dos dados lingüísticos é a noção de divisão silábica dos itens lexicais em estudo, como veremos mais adiante na descrição do Teste de Percepção - Fase 2 - Escolha Silábica (ver Metodologia seção 2.10.2).

A sílaba é uma unidade indispensável para os estudos de prosódia. Assim como o acento, também se tornou complicado definir a sílaba. Para as fonologias não-lineares, a sílaba passou a ter um diferente tipo de análise e classificação, com uma terminologia totalmente nova. Callou & Leite (2003: 31)<sup>41</sup> afirmam que:

*... A sílaba é um acréscimo da pressão do ar expelido dos pulmões pela atividade de pulsação dos músculos respiratórios que faz com que a saída do fluxo de ar não seja contínua, mas em jatos sucessivos. A cadeia sonora é composta por aclives, ápices e declives de sonoridade. O ápice da sílaba é ocupado por vogais enquanto os aclives e declives determinam as fronteiras silábicas, onde ficam as consoantes. Assim dizemos que as vogais ocorrem como núcleos silábicos e consoantes como margens.*

Lagefoged (1993: 249)<sup>42</sup> confirma a relação dos supra-segmentos com a sílaba:

*Stress is a suprasegmental feature of utterances. It applies not to indicate vowels and consonants but to whole syllables – whatever they might be. A stressed syllable is pronounced with a greater amount of energy than an unstressed syllable.*

##### 1.2.1 Teoria da sílaba – estrutura CV

Na fonologia métrica é atribuída à sílaba ( $\sigma$ ) uma estrutura de constituintes imediatos (CI), estrutura essa herdada diretamente do gerativismo, representável por

---

40 PRATOR, Jr., Clifford H. & ROBINETT, Betty Wallace. Manual of American English pronunciation. 4 ed, Orlando: Harcourt Brace, 1985.

41 CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

42 LADEFOGED, Peter. A course in phonetics. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.

meio de *árvores binárias*<sup>43</sup>. Hogg & McCully (1987)<sup>44</sup>, apresentam duas estruturas de sílaba (nó máximo) para a **língua inglesa**. A primeira (a) congrega dois constituintes de ordem mais alta – *Onset* (no português, traduzido por Ataque) e *Rhyme* (traduzido por Rima), o segundo constituinte se ramificando em Núcleo e Coda. A segunda estrutura apresentada pelos autores (b), admite os mesmos dois constituintes de ordem mais alta (*Onset e Rhyme*), porém, nessa estrutura o constituinte *Rhyme* se ramifica em quatro constituintes de ordem mais baixa, abandonando a classificação entre Núcleo e Coda.

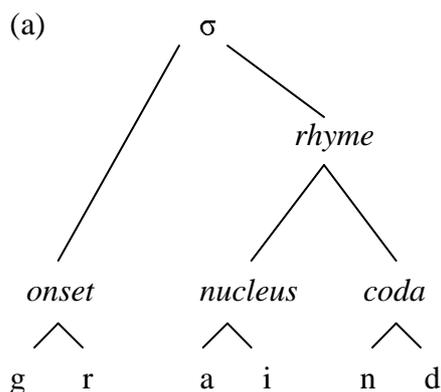


Figura 1: Estrutura silábica (a) proposta por Hogg & McCully (1987: 37)

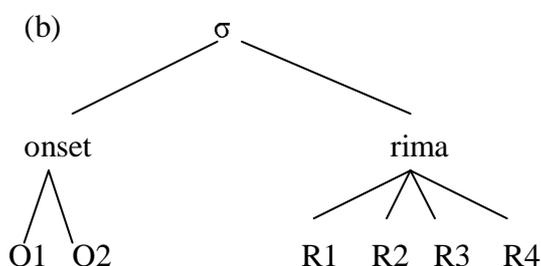


Figura 2: Estrutura silábica (b) proposta por Hogg & McCully (1987: 45)

Para a descrição do acento na **língua portuguesa**, Mateus (no prelo)<sup>45</sup> utiliza o modelo europeu de Ataque-Rima. De acordo com a autora, “neste modelo, a unidade *sílaba* não domina directamente as unidades segmentais: estas unidades segmentais

43 Ramificação expressa por dois constituintes. Esse termo se opõe ao termo “n-ary”, que conjuga “n” possibilidades de ramificações de seus constituintes.

44 HOGG, R. & McCULLY, C. B. *Metrical phonology – a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

45 MATEUS, M. H. M. *A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo*. No prelo.

agrupam-se em constituintes de planos intermédios, que são dominados pelo nó máximo, *i.e.*, o nó sílaba.”

Vejamos a representação do modelo da estrutura interna da sílaba na figura abaixo:

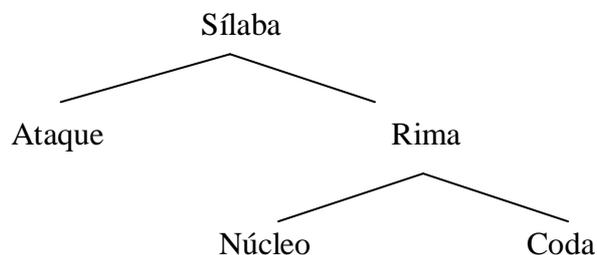


Figura 3: Os constituintes silábicos

### 1.3 O ACENTO E TEORIAS FONOLÓGICAS

#### 1.3.1 Fonologia Métrica

A fonologia métrica, iniciada por Liberman e Prince (1977)<sup>46</sup>, é uma teoria fonológica cujos segmentos estão organizados hierarquicamente (subordinados) em outros constituintes de ordem rítmica, como sílabas, pés e palavras.

Crystal (2000: 117)<sup>47</sup> apresenta a seguinte definição para essa teoria fonológica:

*A fonologia métrica é uma abordagem que enfatiza a relação entre os segmentos, as sílabas, e os processos prosódicos, como ritmo e acento: as regras atribuem uma proeminência relativa aos nódulos de tipo irmão (binários) de um diagrama de árvore, de modo que um nódulo seja forte e o outro fraco, a fim de produzir uma árvore métrica que represente a estrutura métrica subjacente de uma palavra.*

As palavras de Bisol (1994: 25)<sup>48</sup> destacadas abaixo acerca do acento na teoria métrica não pretendem ser exaustivas no que tange às suas dimensões, mas tem o mérito de fornecer alguns pressupostos básicos da Fonologia Métrica:

*A Teoria Métrica afirma que o acento não se localiza diretamente na vogal, mas provém de uma relação que se estabelece entre as sílabas, formando um contorno de proeminência. É preciso, pois, para estabelecer o algoritmo acentual, apenas verificar como a língua organiza as suas sílabas em constituintes prosódicos, pés métricos propriamente ditos.*

46 LIBERMAN, M. & PRINCE, A. (1977) On stress and linguistic rhythm. *Linguistic Inquiry*. 8 (2): 249-336.

47 CRYSTAL, David. *Dicionário de fonética e fonologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

48 BISOL, L. O acento e o pé binário. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.

A Fonologia Métrica tem o pé como unidade mínima representativa. Xavier & Mateus (1990)<sup>49</sup> definem pé acentual da seguinte forma:

*Unidade da fonologia métrica, normalmente dissilábica, que tem dominância à esquerda, i. e., que se inicia com uma sílaba terminal acentuada, seguida por uma (ou mais) sílabas não acentuadas. O pé acentual é representado por  $\Sigma$ .*

Exemplo:       $\Sigma$   
                   /  
                   \  
                    $\sigma$   $\sigma$   
                   c a    s a

Figura 4: Representação dos pés do item lexical 'casa'. Fonte: Hogg & McCully (1987)

Uma das regras principais, dentro da teoria métrica, que garante a exceção à mobilidade do acento é a regra da Extrametricalidade<sup>50</sup> (ou Extrametricidade), conceito introduzido por Libermann & Prince em 1977 e ganhou importância dentro da fonologia métrica com Hayes (1992)<sup>51</sup>. Uma das funções da extrametricalidade, que é restrita a regularidades idiossincráticas e que também tem o poder de tornar invisíveis certos segmentos, é ajustar a palavra prosódica aos domínios das regras gerais de atribuição do acento. Na proposta de Hayes (1981)<sup>52</sup>, ela incide sobre a sílaba final. Os pares mínimos do tipo dúvida/duvida e dívida/divida são garantidos pelo asterisco lexical que incide sobre todas as proparoxítonas. É o que assevera Bisol (1994), ao assumir que a regra de acento é *categorical blind*, ou seja, é insensível à categoria lexical. Lee (1994), por sua vez, não concorda com esse argumento e considera, em concordância com Mateus (no prelo), como veremos oportunamente mais adiante, que há duas regras de acento: uma para verbo, outra para não-verbo. Sobre isso, Lee (1994: 40)<sup>53</sup> afirma:

*...a existência de duas regras de acento parece mais plausível. Para diferenciar a regra de atribuição de acento do verbo e do não-verbo, é preciso observar a distinção entre essas duas categorias (verbo e não-verbo), do ponto de vista da fonologia e da morfologia.*

49 XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

50 As sílabas que são excluídas temporariamente para fins de regras acentuais são chamadas de extramétricas. Esse método tem a função de simplificar regras de acentuação em várias línguas sem ter que expandir o inventário de pés básicos e, ainda, eliminar diferenças de padrões acentuais entre diferentes classes de palavras.

51 HAYES, B. Metrical stress theory: principles and case studies. Texto não publicado, UCLA, 1992.

52 \_\_\_\_\_. A metrical theory of stress rules. Tese de Doutorado. Universidade de Yale, 1981.

53 LEE, Seung Hwa. A regra do acento do português. Letras de Hoje, Porto Alegre. V. 29, nº 4, p. 37-42, dezembro 1994. p. 40

i) O acento distingue o verbo e o não verbo em casos como:

(17) NV (Não-Verbo)	V (Verbo)
fórmula	formúla
número	numero
válido	valído
contínuo	continúo

*Esses exemplos mostram que a categoria lexical é definida pelo acento.*

Vejamos o que diz Archibald (1998: 179)<sup>54</sup> sobre a regra de extrametricalidade em língua inglesa:

*In English, there is a principle of Consonant Extrametricality (Hayes, 1990) which states that every word-final consonant (in any word) is extrametrical. This allows us to maintain the generalization that stress is assigned to the final syllable of a word if it contains a branching rhyme (long vowel or diphthong, or consonant in the coda) – otherwise stress is assigned to the penult. This type of extrametricality works well for stress assignment in verbs but is problematic for nouns. In addition to the above rule, English has a principle of Noun Extrametricality which states that the final rhyme of a noun is ignored in stress assignment. In other words, different grammatical categories assign extrametrical status to different structures. Nouns mark a whole syllable as extrametrical, while other categories mark only a segment.*

De acordo com Mateus (no prelo), na fonologia métrica, o acento principal (ou acento primário) é dominado, na árvore métrica por nós fortes em todos níveis e o acento secundário incide sobre uma sílaba que, numa árvore métrica, é apenas dominada por nós fortes. A força métrica de uma sílaba, segundo Hogg & McCully (1987)<sup>55</sup>, é a sua relativa proeminência que se representa esquematicamente através das grelhas métricas.

Assim sendo, podemos formalizar que os padrões (também chamados de parâmetros) acentuais são o resultado da estrutura métrica de constituintes hierarquizados pertencentes à cada língua. O quadro abaixo traz a reprodução, em termos mais gerais, dos parâmetros utilizados na atribuição do acento propostos por Dresher & Kaye (1990 *apud* Archibald 1998: 178)<sup>56</sup>:

54 ARCHIBALD, J. Second language phonology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998. p. 179

55 HOGG, R. & McCULLY, C. B. Metrical phonology – a coursebook. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

56 ARCHIBALD, J. Second language phonology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

*Quadro 1: Parâmetros de Dresher & Kaye (1990 apud Archibald (1998))*

- P1 *The word-tree is strong on the [left/right].*  
 P2 *Feet are [binary/unbounded]*  
 P3 *Feet are built from the [left/right].*  
 P4 *Feet are strong on the [left/right].*  
 P5 *Feet are quantity-sensitive (QS) [no/yes].*  
 P6 *Feet are QS to the [rhyme/nucleus].*  
 P8 *There is an extrametrical syllable [no/yes].*  
 P8A *It is extrametrical on the [left/right].*

Para dar continuidade a fundamentação teórica, abordaremos na próxima seção as principais características da fonologia prosódica. Antes, porém, vejamos o que Massini-Cagliari (1992: 82)<sup>57</sup> diz sobre as contribuições da fonologia métrica, em termos gerais:

- a) *admitir a sílaba como constituinte acima dos segmentos (e a relação hierárquica que esses segmentos estabelecem entre si de acordo com a sua posição na sílaba – onset x rhyme) e como unidade mínima onde se resolvem os fenômenos prosódicos;*
- b) *relacionar o estudo do acento ao ritmo.*

### 1.3.2 Fonologia Prosódica

A fonologia prosódica trabalha com descrições coerentes dos traços não-lineares, no que diz respeito ao acento e suas implicações no sintagma. Para os seguidores dessa teoria, a prosódia determina funções sintáticas nos contextos enunciativos e a interface entre fonologia e sintaxe é uma realidade permanente. A esse respeito, Nespor & Vogel (1986: 299)<sup>58</sup> afirmam:

*Prosodic phonology is a theory of the way in which the flow of speech is organized into a finite set of phonological units. It is also, however, a theory of interactions between phonology and other components of the grammar... While the division of the speech chain into various phonological units makes reference to structures found in the other components of the grammar, a fundamental aspect of prosodic theory is that the phonological constituents themselves are not isomorphic to any constituents found elsewhere in the grammar.*

57 MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Acento e ritmo. São Paulo: Contexto, 1992.

58 NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. Prosodic phonology. Dordrecht; Foris, 1986.

Vogel (1991)<sup>59</sup>, demonstrou como o comportamento fonológico em L2, transferido de L1, pode definir o domínio de aplicação de uma regra fonológica particular e também definir um dado constituinte prosódico quando falta informação em L1.

Na fonologia prosódica (doravante FP), a proeminência origina-se da relação entre sílaba, pé e palavra fonológica, estes sendo os constituintes mais baixos na hierarquia prosódica, que está organizada dessa forma, de acordo com Nespor & Vogel (1986): Sílaba (símbolo:  $\Phi$ ), Pé ( $\Sigma$ ), Palavra fonológica (phonological word,  $\omega$ ), Grupo Clítico (clitic group, C), Sintagma Fonológico (phonological phrase,  $\nu$ ), Sintagma Entoacional (intonational phrase, I) e Enunciado Fonológico (phonological utterance, U), como demonstrado abaixo:

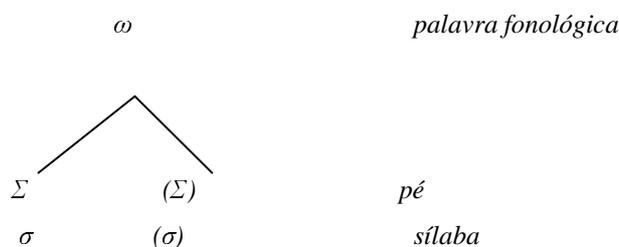


Figura 5: Hierarquia prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986)<sup>60</sup>

Já para Mateus (no prelo: 7)<sup>61</sup>, “O acento e os constituintes prosódicos – sílaba, palavra prosódica e sintagma entoacional – resultam das propriedades prosódicas dos sons e contribuem para a organização do enunciado”. Como se pode observar, Mateus não inclui o “pé” na sua hierarquização. Vejamos a figura abaixo:

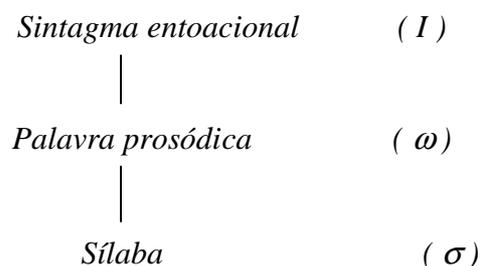


Figura 6: Hierarquia dos constituintes prosódicos segundo Mateus (no prelo).

59 VOGEL, Irene. Prosodic Phonology: second language acquisition data as evidence in theoretical phonology. In: Huebner, T. & Ferguson, C. A. (orgs.) Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

60 Por razões de economia de espaço, apresentamos somente os níveis hierárquico-prosódicos que são relevantes para nossa análise.

61 MATEUS, M. H. M. A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo. No prelo.

### 1.3.3 Fonologia da Interlândia

O termo interlândia foi criado por Selinker em 1972 com o propósito de descrever os processos lingüísticos inerentes à língua do aprendiz. No processo de aquisição de uma segunda língua ou língua estrangeira, o aprendiz pode vir a adquirir formas intermediárias entre a língua materna (L1) e a língua-alvo (LAL). Isso pode acontecer quando, por exemplo, eles aplicam, de forma incorreta ou de forma não-sistemática, as regras da língua materna à língua-alvo.

A interlândia pode ser compreendida de maneira lógica e correta na cabeça do aprendiz de línguas estrangeiras por ser parte de um processo natural de aprendizagem em que as regras se tornam mais refinadas à medida que mais *input* é recebido. No entanto, se os aprendizes não receberem um *feedback* corretivo, essas formas de interlândia tenderão a se fossilizar<sup>62</sup>.

#### 1.3.3.1 A interlândia na atribuição do acento

Archibald (1998: 191-192)<sup>63</sup>, ao apresentar trabalhos sobre aquisição de acento em L2, conclui: “(a) que as interlândias dos adultos não violam universais métricos e que (b) adultos são capazes de redeterminar seus parâmetros<sup>64</sup> na determinação de L2. Suas interlândias são uma combinação de princípios da Gramática Universal, correta determinação paramétrica de L2 (originado de *resetting*) e incorreta determinação paramétrica de L1 (originado de transferência)”.

Em suas análises de atribuição de acento em falantes de origem hispânica, polonesa e húngara, os sujeitos da pesquisa foram expostos à tarefas de produção e percepção, que consistiam, primeiramente, na leitura de uma lista de palavras e sentenças em voz alta. Depois, essas mesmas palavras eram pronunciadas por nativos de língua inglesa e tudo o que tinham de fazer era assinalar a sílaba onde o acento recaía.

---

62 Fossilização: processo que acontece quando um erro se torna um hábito de fala num aprendiz de L2. Isso acontece especialmente quando o erro não interfere na comunicação e, dessa forma, o falante não recebe um feedback corretivo do interlocutor para melhorar sua performance. Fonte: ESL Glossary. Disponível em: <<http://bogglesworld.com/glossary.htm>>. Acesso em 20 jan. 2005.

63 Trecho original: (a) that adult interlanguages do not violate metrical universals and (b) that adults are capable of resetting their parameters to the L2 setting. The subjects were quite good at putting English stress on the right syllable. Thus, their interlanguages are a combination of UG principles, correct L2 parameter settings (from resetting), and incorrect L1 parameter settings (from transfer). Fonte: ARCHIBALD, J. Second Language, Phonology, Phonetics and Typology. U.S.A.: Cambridge University Press. SSLA, 20, 1998. p. 189 – 211.

64 O termo em inglês “parameter resetting” é traduzido como redeterminação de parâmetros e é sempre usado quando se fala em SLA.

Em ambas as tarefas de produção e percepção, a evidência de transferência de redeterminação paramétrica (*parameter resetting*) de L1 ficou clara.

Mairs (1989)<sup>65</sup>, em seu estudo da atribuição do acento na fonologia da interlíngua, analisa o sistema acentual de falantes hispânicos que estavam a aprender língua inglesa. De posse do aporte teórico da fonologia métrica, no modelo de Hayes (1981), a autora formula um conjunto de regras nas quais considera que a L1 dos alunos é uma possível fonte para a aplicação de tais regras, que atuam em conjunto com regras universais e também com as regras da língua-alvo que já foram percebidas.

Em seus resultados, Mairs apresenta que as regras de acento da língua nativa não desempenham um papel importante no processo de aquisição do sistema acentual de língua inglesa, exceto, talvez, na atribuição do acento em sentenças e substantivos compostos. Mairs (1989) ainda complementa que o papel da transferência é limitado na aquisição de regras de acento pela influência das restrições da estrutura silábica de língua nativa.

Para Peng & Ann (2000)<sup>66</sup>, nos casos em que os falantes de L2 utilizam acentos diferentes dos falantes de L1, os pesquisadores têm-se focalizado numa teoria conhecida como “transferência” para explicar o acento de L1 ao produzir L2. No entanto, a não correspondência entre os padrões acentuais de L1 e os da língua-alvo resulta em padrões acentuais distintos em L2. A fim de determinar se as L1s são responsáveis pela L2 de seus falantes, os autores examinaram o tom, o acento e a estrutura da sílaba das línguas-mãe relevantes. Em sua análise, os autores argumentam que a transferência de L1 não pode dar conta dos padrões acentuais de L2, ou seja, a interferência de L1 não é responsável por esses padrões.

Peng & Ann (2000), que explicam o padrão acentual de L2 em termos de duração vocálica do inglês, contestam o argumento apresentado por Mairs (1989), ao julgar que a sua hipótese de interferência do acento da L1 é infundada. Para tanto, Peng & Ann estruturam sua contestação com base nos resultados que obtiveram da comparação entre duas variedades da língua inglesa (inglês falado por espanhóis e inglês nigeriano). Os autores propõem que os falantes de L2, ao posicionarem o acento em palavras multissilábicas, avaliam a duração dos núcleos vocálicos e atribuem o acento à sílaba

---

65 MAIRS, J. L. Stress assignment in interlanguage phonology: an analysis of the stress system of Spanish speakers learning English. In: Gass, M & Schatther, J. (orgs.) *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1989.

66 PENG, L. & ANN, J. An alternative transfer: Unity in stress placement in English as a second language. In: A. James & J. Leather (orgs.), *New Sounds 2000*. Amsterdam, Holland: University of Amsterdam, 2000.

com o núcleo mais longo. Tal argumento de análise, que considera o uso da duração vocálica na língua-alvo em vez de considerar a transferência, assume que a interferência da L1 não é responsável pelos padrões acentuais observados em falantes de L2.

Gass & Selinker (1994: 40)<sup>67</sup>, em defesa da heterogeneidade do processo de aquisição de L2, atestam:

*“Learners do not have a uniform starting point. From the beginning, their utterances vary in the degree of syntactic sophistication. Furthermore, interlanguages are unique creations. Although there may be similarities among speakers of a given NL (native languages) learning the same TL (target languages), and although there may be similarities across TLs, each individual creates his or her own language system.”*

Por se tratar da proposta mais semelhante ao nosso trabalho, é importante que seja dito algo de maior proporção sobre o trabalho de Silveiro (2004)<sup>68</sup>. Em sua dissertação, o autor investigou a percepção e a produção do padrão de palavras compostas de língua inglesa em um grupo de alunos brasileiros de EFL em nível avançado. O grau de percepção e produção foi acessado através de um teste de discriminação categorial (*Category Discrimination Test*) designado de maneira similar a do teste de Flege, Munro & Fox (1994)<sup>69</sup>. Um grupo de três falantes nativo de NAE foi exposto ao mesmo teste, o que pode ser avaliado como ferramenta de aplicabilidade e controle do teste. Previu-se que duas variáveis lingüísticas e uma do teste - respectivamente, padrão acentual e tamanho do substantivo composto, e tipo de estímulo-teste – exerceriam influência sobre a percepção do contraste (ou da falta de contraste) entre os padrões acentuais. A produção dos padrões acentuais foi avaliada através de uma atividade de leitura onde os substantivos compostos foram contextualizados em sentenças. Além de padrão acentual e tamanho dos substantivos, uma variável considerada especificamente para a produção foi a da classe morfológica dos elementos constituintes dos substantivos compostos.

Os resultados do teste de percepção revelaram que o tamanho e o padrão acentual dos substantivos compostos exerceram certa influência sobre a *performance* dos falantes nativos, enquanto o tipo de estímulo-teste não foi significativo; para os falantes

---

67 GASS, Susan M. & SELINKER, Larry. Second language acquisition – an introductory course. New Jersey: LEA, 1994.

68 SILVEIRO, L. A. S. The perception and production of English compound stress patterns by Brazilian learners of English. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) - UFSC, Florianópolis, 2004.

69 FLEGE, J. E., MUNRO, M. J., & FOX, R. A.. Auditory and categorical effects on cross-language vowel perception. *Journal of the Acoustical Society of America* (95), 1994. p. 3623-3641.

brasileiros, a influência destas variáveis foi oposta. Diante do fato de os falantes nativos deste estudo terem obtido percentuais de acerto menores do que os previstos por Flege *et al* (1994) como satisfatórios, o autor conclui que: (1) a percepção do contraste entre padrões acentuais pode estar sujeita também a outras variáveis que não as investigadas em sua pesquisa; e (2) a percepção de falantes nativos e não-nativos pode não ser completamente distinta. Os resultados do teste de produção revelaram que, ao produzir os padrões acentuais dos substantivos compostos do inglês, os falantes brasileiros manifestaram uma tendência geral de atribuir o acento primário ao segundo constituinte, o que reflete uma influência do padrão acentual dos compostos do português. Contudo, exceções a essa tendência podem sinalizar a interação dos seguintes fatores: tamanho dos compostos (como reflexo de sua estrutura rítmica), padrão acentual e familiaridade (presumida) com os itens presentes no teste.

Flege & Bohn (1989)<sup>70</sup> desenvolveram um estudo instrumental sobre a colocação do acento e a redução de vogal em pares de palavras de língua inglesa morfofonologicamente idênticos (*able-ability, satan-satanic, botan-botanic*), e para isso contaram com sujeitos nativos de língua inglesa e de língua hispânica. O estudo demonstrou que os nativos de língua hispânica adquirem as alterações morfofonológicas de língua inglesa através de itens isolados. O autor hipotetiza que a colocação do acento de língua inglesa representa mais um problema de redução de vogal do que um problema de aprendizado das regras de acentuação e advoga que a noção da posição do acento não é pré-requisito tão necessário, se comparado à noção de redução de vogal. Os autores ainda afirmam que a familiaridade lexical desempenha um papel importante para uma pronúncia correta, já que não houve um desvio significativo nos resultados de pares de palavras que possuíam o mesmo padrão acentual da língua materna dos participantes.

Archibald (1998)<sup>71</sup> pesquisa a aquisição do acento em L2, focalizando se o acento é aprendido lexicalmente ou por regras, ou se existe o não cumprimento de fixação de parâmetros no que concerne o tipo de pé (binário ou n-ário), extrametricalidade e sensibilidade à quantidade silábica, ou se ainda o aprendiz faz uma redeterminação da fixação dos parâmetros da sua língua materna na língua inglesa. O autor defende que

---

70 FLEGE, J. E., & BOHN, O. S. An instrumental study of vowel reduction and stress placement in Spanish-accented English. *SSLA*, 11, 1989. p. 35-62.

71 ARCHIBALD, J. Second language, phonology, phonetics and typology. U.S.A.: Cambridge University Press. *SSLA*, 20, 1998. p. 189 – 211.

aprendizes de línguas de acento de altura<sup>72</sup> não computam a posição do acento em inglês, mas, em vez disso, há uma armazenagem lexical.

## 1.4 SOBRE O ACENTO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

### 1.4.1 Do Latim ao Português

Para entendermos melhor o sistema acentual da língua portuguesa, temos de remontar à sua principal língua de origem, o latim. Massini-Cagliari (1999: 141)<sup>73</sup> defende que “dentro da perspectiva das fonologias não-lineares, pouco se disse a respeito do percurso histórico de fenômenos prosódicos na passagem do latim às línguas românicas”. Massini-Cagliari continua sua explanação afirmando que os estudos tradicionais atribuem a regra do acento às palavras, em latim, na quantidade silábica, ou seja, no peso relativo das sílabas. Dessa forma o latim estabelece as seguintes distinções quantitativas: (1) será breve toda sílaba aberta que possua, no núcleo, uma vogal breve; (2) será longa toda sílaba que possua, no núcleo, uma vogal longa por natureza, um ditongo, ou uma vogal breve, porém seguida de consoante. Aliado a essa explanação, expliquemos o conceito de mora, segundo Xavier & Mateus (1990)<sup>74</sup>:

*Unidade de duração da fonologia métrica na qual se baseia a análise da parte da sílaba denominada rima. A rima de uma sílaba pesada contém duas moras e a de uma sílaba leve contém uma mora. Cada nó terminal da árvore métrica domina uma só mora.*

A regra do acento latino mandava acentuar a antepenúltima, se a penúltima fosse breve, e a penúltima nos demais casos. Esse padrão, que privilegia o acento na penúltima, foi, de certa forma, preservado no português. (Albano, 2001: 150)<sup>75</sup>.

Moreira (1997)<sup>76</sup>, em seu trabalho sobre o saber lingüístico na acentuação do português, traz as reflexões dos primeiros gramáticos e ortógrafos da língua sobre o papel da estrutura fonológica do acento da sílaba final na acentuação do português. De acordo com a autora, a sistematização do uso do acento gráfico com a função de

72 Essas línguas sofrem a seguinte divisão, segundo Callou & Leite (2003): línguas de tom de contorno ou tone languages (chineses) e línguas de tom de nível ou pitch accent languages (japoneses).

73 MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, Ester M. Estudos de prosódia. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

74 XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) Dicionário de termos lingüísticos, Vol I. Lisboa: Cosmos, 1990.

75 ALBANO, Eleonora Cavalcante. O gesto e suas bordas. Esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

76 MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. Saber lingüístico na acentuação do português. In: Revista de Letras, Vol 19, Nº 1 / 2 - jan/dez 1997.

assinalar sílaba tônica parece ter surgido bem mais tarde e se patenteia nos estudos ortográficos de Gonçalves Viana.

#### 1.4.2 Regras de acentuação em português para substantivos, adjetivos e verbos

O português brasileiro é uma língua sensível à quantidade silábica na atribuição do acento principal de palavra e constrói seus constituintes prosódicos<sup>77</sup> (pés métricos binários) de cabeça à esquerda, ou seja, o PB é uma língua de troqueau moraico (Bisol, 1994; Massini-Cagliari, 1999; Mateus, no prelo). Bisol (1994: 25)<sup>78</sup>, adotando o peso inerente da rima ramificada de Hayes (1981), admite que o acento do português é atribuído da seguinte forma<sup>79</sup>:

*(I) Regra do acento primário*

*Domínio: a palavra*

*i. Atribua um asterisco (\*) à sílaba pesada final, i.é., sílaba de rima ramificada;*

*ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo ( \* . ), junto à borda direita da palavra.*

A autora acima se refere a sílabas pesadas como as sílabas que têm duas posições preenchidas na rima e leves apenas as que têm uma posição preenchida na rima. Bisol (1994: 25)<sup>80</sup> faz uma ressalva quanto ao domínio de palavra:

*...há uma diferença de estrutura morfológica entre verbos e não-verbos, em se tratando de nomes e adjetivos, a palavra fica entendida como radical + vogal temática. Em se tratando de verbos, a palavra fica entendida como radical + vogal temática + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoa, pois em qualquer um desses morfemas pode incidir o acento.*

Embora a autora supracitada faça uma ressalva sobre a diferença existente entre as categorias lexicais, o mecanismo de descrição de acento da fonologia métrica, mesmo possuindo apenas duas regras, Bisol (1994) afirma que essa regra é capaz de dar conta do acento primário de todas as palavras da língua portuguesa.

Contrariando as regras para atribuição acima, Lee (1994)<sup>81</sup> apresenta uma alternativa para a regra do acento em português, ao afirmar que o acento só opera na

77 Bisol (1994) afirma que o PB estrutura suas sílabas em pés métrico binários de cabeça à esquerda, assim representados ( \* . ), em que o asterisco representa a sílaba dominante e o ponto a dominada.

78 BISOL, L. O acento e o pé binário. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.

79 Extraído de BISOL, L. O acento e o pé binário. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.

80 BISOL, L. O acento e o pé binário. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.

raiz (radical), e não no domínio do nível de palavra, como afirmou Bisol (1994) baseada em Halle & Vergnaud (1987)<sup>82</sup>. Lee (1994) continua seu argumento afirmando, também, que, a partir de uma redução dos níveis de aplicação da regra de acento em PB e com o objetivo de minimizar o uso da extrametricidade, existem somente duas regras de acento – uma para verbo e outra para não verbo. Lee ainda sustenta que a regra do acento do verbo aplica-se no domínio da palavra, enquanto a regra do não-verbo aplica-se no domínio do radical, e que ambas as regras não são sensíveis ao peso silábico, fato último este que vai de encontro a outros modelos de descrição do PB, como é o caso de Bisol (1994; 1999<sup>83</sup>), Collischon (1999)<sup>84</sup> e Mateus (no prelo).

O acento, em português do Brasil, tem posição relativamente livre, embora governado por regras, e poderá cair em qualquer uma das últimas sílabas do vocábulo, o que é chamado por Bisol (1994), de Restrição da Janela de Três Sílabas (RJT). Essa regra, que funciona como uma espécie de filtro acentual, admite que o acento só poderá recair em alguma das três últimas sílabas de palavra, fato esse enfatizado pela existência classificatória de tonicidade de palavras como “oxítone, paroxítone e proparoxítone”.

Muitas palavras possuem a mesma qualidade vocálica, quantidade e disposição linear de segmentos (fonemas) e distinguem-se suas classes lexicais apenas pela variação da posição do acento, que pode ser ou não representado graficamente, e elas são chamadas de pares mínimos, como veremos nos exemplos do quadro seguinte:

Quadro 2: Lista de alguns pares mínimos em língua portuguesa

Palavra	Categoria Morfológica	Palavra	Categoria Morfológica
Referência	Subst. feminino	Referencia	3ª p. s. Pres. Ind. Verbo Referenciar
Pronúncia	Subst. feminino	Pronuncia	3ª p. s. Pres. Ind. Verbo Pronunciar
Início	Subst. masculino	Inicio	1ª p. s. Pres. Ind. Verbo Iniciar

81 LEE, Seung Hwa. A regra do acento do português. Letras de Hoje, Porto Alegre. V. 29, nº 4, p. 37-42, dezembro 1994.

82 HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. An essay on stress. Massachusetts: The MIT Press, 1987.

83 BISOL, L. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (org.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 229 – 241.

84 COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 43-53, dez. 1994.

Estudará	3 <sup>a</sup> p.s. Fut. Pres. V. Estudar	Estudara	3 <sup>a</sup> p. s. Pret. Mais-que-Perfeito Verbo Estudar
Princípio	Subst. masculino	Principio	1 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Principiar
Análise	Subst. feminino	Analise	imperativo – pres. Verbo Analisar
Empresário/a	Subst. masculino/feminino	Empruario/a	1 <sup>a</sup> p.s./3 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Empresariar
Ortógrafo	Subst. masculino	Ortografo	1 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Ortografar
Prática	Subst. feminino	Pratica	3 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Praticar
Auxílio	Subst. masculino	Auxilio	1 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Auxiliar
Número	Subst. masculino	Numero	1 <sup>a</sup> p.s. Pres. Ind. Verbo Numerar
Dúvida	Subst. feminino	Duvida	3 <sup>a</sup> p. s Pres. Ind. Verbo Duvidar
Última	Adj. feminino	Ultima	3 <sup>a</sup> p. s. Pres. Ind. Verbo Ultimar
Vômito	Subst. Masculino	Vomito	1 <sup>a</sup> p. s. Pres. Ind. Verbo Vomitar

Se levarmos em conta que o acento nutre uma relação de dependência com a estrutura interna da palavra, tornando essa interface um fato de natureza morfológica, é possível formalizar regras possuindo poucas exceções.

Mateus (no prelo) e Lee (1994), formulam regras de acento cujo domínio é o radical, ou seja, é acentuada a última vogal do radical ou a vogal dos sufixos não marcados (Cagliari, 1999<sup>85</sup>). Segundo Mateus (no prelo: 61)<sup>86</sup>, a regra para acentuação de nomes e adjetivos é a seguinte:

85 CAGLIARI, L. C. A regra de atribuição de acentos via afixos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos. Londrina: Editora UEL, 1999.

86 MATEUS, M. H. M. A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo (no prelo).

*Acentuar a última vogal do Radical. Restrição à regra geral de acento: Acentuar a penúltima vogal do Radical nos itens com vogais marcadas no léxico como não-acentuáveis.*

O que se percebe, através da formalização de regras acima, é que a vogal temática nunca interfere no acento, assim como o plural, que não tem peso algum sobre o acento.

Mateus (no prelo: 62-69) ainda fornece a regra de acentuação para verbos:

*Nos Tempos do Presente em que a vogal temática foi mantida, o acento incide sobre a vogal temática (Infinitivos, Gerúndio e primeira pessoa do plural do Presente do Indicativo). Nos casos em que a vogal foi suprimida, o acento incide sobre a vogal que substitui a temática (primeira pessoa do plural do Presente do Conjuntivo); maioria dos casos, porém, o acento aplica-se na última vogal do radical; Nos Tempos do Passado o acento incide sempre na vogal temática; Nos Tempos do Futuro – Futuro do Indicativo e Condicional – o acento incide sempre na primeira vogal do sufixo.*

Dos dois grupos distintos dos autores supracitados - os que concebem o radical como domínio da acentuação e os que consideram a palavra - sentimos a necessidade de nos posicionar quanto ao conjunto de valores dos parâmetros do acento que será mantido em nossa análise da interferência do padrão acentual do PB na língua inglesa. Massini-Cagliari (1999: 175)<sup>87</sup> apresenta no quadro abaixo uma estrutura organizacional de valores paramétricos do acento em PB, com base nos parâmetros fixados por Bisol (1994):

Quadro 3: Parâmetros métricos do acento em PB (Massini-Cagliari, 1999: 175)

Pé básico	Troqueau Moraico
1. Quantidade de sílabas	Binário
2. Dominância	Esquerda
3. Sensibilidade à quantidade de sílabas	Sim
4. Direcionalidade	Da esquerda para a direita
5. Iteratividade	Não iterativo

## 1.5 O ACENTO EM LÍNGUA INGLESA

O acento tem várias funções no inglês que oscilam entre um papel enfático, passando pelo contrastivo até poder indicar relações sintáticas entre palavras e partes de

<sup>87</sup> MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, Ester M. Estudos de prosódia. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

palavras, como é o caso de oposições de pares de palavras *noun-verb*, tais como “*an ‘insult - /'ɪnsʌlt/, to in'sult - /ɪn'sʌlt/; an ‘overflow - /'oʊvərˌfloʊ/, to ,over'flow - /ˌoʊvərˌfloʊ/; an ‘increase - /'ɪnkriːs/, to in'crease - /ɪn'kriːs/*”. A língua inglesa tende a ser trocaica<sup>88</sup> (*strong – weak*) e sensível ao peso silábico. O pé geralmente é trocaico (o mais forte elemento à esquerda), mas algumas palavras possuem padrão iâmbico<sup>89</sup> (o mais forte elemento à direita), o que nos permite separar palavras como *cóntent/contént, óbject/objéct, pérrmit/permít*.

Em sua discussão sobre acento do inglês, Katamba (1993)<sup>90</sup> assume que este se trata de um elemento fonológico que não é somente uma característica de consoantes ou vogais, mas uma propriedade da palavra em seu todo.

### 1.5.1 Regras de acentuação em inglês para substantivos, adjetivos e verbos

Não existem regras infalíveis na determinação de sílabas que portarão o acento tônico em língua inglesa. De acordo com Prator & Robinett (1985)<sup>91</sup> e Kreidler (1989)<sup>92</sup>, a regra geral para algumas palavras que funcionam como nomes e verbos é atribuir acento na primeira sílaba para os substantivos e adjetivos e na segunda sílaba para os verbos. Vejamos o que Prator & Robinett (1985: 21-22) observam sobre os pares mínimos em língua inglesa:

*...3. A large group of words, which may be used either as nouns or verbs without change in their spelling, have a difference in stress to indicate the difference in usage. In such cases, the noun has primary accent on the first syllable, the verb on the last.... The nouns in this group of words sometimes have secondary accent on the last syllable: increase /'ɪnkriːs/ and overflow /'oʊvərˌfloʊ/. Sometimes – as in the case of concert and object – the meaning of the noun has little if any relationship to the meaning of the corresponding verb...*

*...4. Helpful generalization can also be made about the large number of polysyllabic English words that end in –ate. Some of these – such as duplicate and associate – may be used as adjectives, nouns, or verbs; others – such as consulate (noun), educate (verb), and appropriate (adjective or*

88 Troqueu (trochee) A metrical foot consisting of a stressed syllable followed by an unstressed syllable, or, in a quantitative metre, of a long syllable followed by a short. Fonte: TRASK, R. L. A dictionary of phonetics and phonology. London/New York: Routledge, 1996, p. 363.

89 Iâmbico – o fato de a proeminência principal localizar-se o mais à direita possível do domínio de aplicação do acento, seja ele o radical ou a palavra, sugere uma dominância à direita na formação dos constituintes prosódicos (pés) – ou seja, sugere um pé iâmbico.

90 KATAMBA, F. Morphology. England: Palgrave, 1993.

91 PRATOR, Jr., Clifford H. & ROBINETT, Betty Wallace. Manual of American English pronunciation. 4 ed, Orlando: Harcourt Brace, 1985.

92 KREIDLER, C. W. The pronunciation of English: A course book in phonology. Oxford: Blackwell, 1989.

*verb*) – are used in only one or two of these three ways. In the case of all words of this group, however, use as an adjective or a noun is indicated by leaving the vowel of the ending unstressed and pronouncing it as /ɪ/ or /ə/. I must go to the consulate /kánsəlɪt/. Use as a verb is indicated by giving the ending secondary stress and pronouncing the vowel as /eɪ/. He'll duplicate /dyúwplíkèyt/ the letter.

Vale ressaltar um fato curioso em relação à acentuação secundária de um item da citação acima - *increase* /ínkrìys/, que gera conflito por estar em alguns dicionários (LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY, 2000) como sendo uma lexia que não é portadora de acento secundário - /<sup>l</sup>ínkrɪs/. Não se sabe ao certo a que se deve tal fato.

O acento de palavra em inglês é livre, no sentido de gozar de mobilidade, e poderá cair em qualquer sílaba, diferentemente do que ocorre na língua portuguesa, em que acontece a regra de Restrição da Janela de Três Sílabas - (Bisol, 1994). É comum haver a acentuação de itens na quarta sílaba, como é o caso de *cómfortable*, *dífficulty* e *fávorite* (todos sendo substantivos).

Assim, o posicionamento do acento de um dado item lexical (componente de par mínimo) acontece em função de uma classificação morfológica que é gerada *ad hoc* no *continuum* da fala através do processamento sintático do restante dos componentes da sentença.

## 1.6 ACENTO EM PORTUGUÊS X ACENTO EM INGLÊS

Como podemos observar nas descrições dos parâmetros de descrição do acento apresentados acima, a atribuição do acento em língua portuguesa é muito parecida com a atribuição do acento em língua inglesa, mas ao estudarmos a aquisição do acento de língua inglesa em aprendizes brasileiros verificamos evidências de transferência de certas estruturas de L1 que influenciam na atribuição do acento de L2. O mais interessante é notar que, às vezes, durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira, os erros cometidos pelos aprendizes não dizem respeito nem à sua L1, nem tampouco à sua língua-alvo. Para visualizarmos melhor como os padrões acentuais de ambas as línguas se comportam e, ao mesmo tempo, se contrapõem, e buscando bases nas teorias fonológicas – métrica, prosódica e da interlíngua -, adaptamos o quadro sinótico abaixo que apresenta um sumário contrastivo dos parâmetros métricos do

acento no PB e NAE. Os parâmetros da língua inglesa foram propostos por Archibald (1998)<sup>93</sup> e os parâmetros de língua portuguesa por Massini-Cagliari (1999)<sup>94</sup>.

Quadro 4: Determinação de Parâmetros Métricos do PB e NAE (adaptado de Archibald, 1998 e Massini-Cagliari, 1999)

<i>Parâmetros</i>	<i>Inglês</i>	<i>Português</i>
Parâmetro 1: A palavra é forte na:	esquerda	esquerda
Parâmetro 2: Os pés são:	binários	binários
Parâmetro 3: Os pés são construídos à:	direita	direita
Parâmetro 4: Os pés são fortes na:	esquerda	esquerda
Parâmetro 5: Os pés são sensíveis à quantidade?	sim	sim
Parâmetro 6: Os pés são sensíveis à quantidade na:	rima	rima
Parâmetro 8A: Existe uma sílaba extramétrica?	Sim	sim
P8: É extramétrico na:	direita	esquerda

## 1.7 A INTERFERÊNCIA

As regras e os hábitos da L1 interferem na aquisição da L2 ou LE, ocasionando possíveis erros, pois o indivíduo se apóia na estrutura da L1 para produzir a L2/LE. Ao falar uma outra língua, o aluno pode inserir sons de sua própria língua por achar uma semelhança, embora distorcida, entre eles e os sons da língua-alvo. Se os fonemas ou as unidades supra-segmentais são semelhantes ao inventário lingüístico de ambas as línguas, estamos diante de um caso de transferência positiva. As palavras de Odlin (1989: 36)<sup>95</sup> são esclarecedoras em relação à transferência positiva:

*The effects of positive transfer are only determinable through comparisons of the success of groups with different native languages. Such comparisons*

93 ARCHIBALD, J. Second language phonology. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

94 MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, Ester M. Estudos de prosódia. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

95 ODLIN, Terence. Language transfer: cross-linguistic influence in language learning. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

*often show that cross linguistic similarities can produce several positive transfer in several ways... Similarities between vowel systems can make the identification of vowel sounds easier... Future research is likely to show that cross-linguistic similarities in other areas will also promote acquisition.*

Se, contudo, se trata de fonemas desconhecidos para o falante que ele tentará reproduzir se apoiando nos da sua língua nativa, por se assemelhar de algum modo, será um caso de transferência negativa ou interferência. Vejamos o que Odlin (1989: 36)<sup>96</sup> ainda comenta sobre transferência negativa:

*Since negative transfer involves divergences from norms in the target language, it is often relatively easy to identify. Although negative transfer tends to be equated with pronunciation errors, there are other ways in which an individual's second language performance may differ from the behavior of native speakers (underproduction, overproduction, production errors, and misinterpretations).*

Odlin também confirma o uso de *overgeneralizations*<sup>97</sup> na aquisição de L2. A autora define *overgeneralization* da seguinte forma:

*Uses of a linguistic rule that go beyond the normal domain of that rule. For example, the use of the bound morpheme represented by -s on English nouns frequently signals pluralization, but mans and mouses are overgeneralizations of the pluralization rule.*

Segundo Steinberg (1985: 10)<sup>98</sup>, a interferência pode acontecer pelos seguintes motivos:

*1) por causa da proximidade fonética; 2) por sua distribuição ou ocorrência na palavra de forma diferente; 3) por fonemas praticamente iguais nas duas línguas poderem ter seus alofones ou variantes bem diferentes; 4) por fonemas comuns às duas línguas poderem ocorrer em seqüências diferentes e 5) por interferência da escrita na produção dos fonemas.*

Outro termo que acompanha transferência e é facilmente usado um pelo outro, contudo de maneira equivocada, é o termo simplificação, que é explicada por Odlin (1989) como qualquer redução resultante de uma estrutura lingüística mais simples a ser considerada na norma da língua-alvo (*e.g.: two boy em vez de two boys; I very good fellow em vez de I'm a very good fellow*).

---

96 ODLIN, Terence. Language transfer: cross-linguistic influence in language learning. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

97 Adotou-se a tradução do termo "overgeneralization" aqui como hipergeneralização.

98 STEINBERG, Martha. Pronúncia do inglês norte-americano. São Paulo: Ática, 1985.

### 1.7.1 Métodos de Investigação em Língua Estrangeira

#### 1.7.1.2 Análise Contrastiva (AC)

Os estudos contrastivos tiveram início nas décadas de 40 e 50, a partir dos trabalhos de Robert Lado e Charles C. Fries. Para Lado (1957)<sup>99</sup>, o princípio básico dos estudos contrastivos associados com a teoria behaviorista (fato que lhe deu legitimidade acadêmica) é comparar sistematicamente duas línguas – a língua nativa do aluno e a língua estrangeira - com o objetivo de detectar as dificuldades no aprendizado, partindo das semelhanças e das diferenças entre as duas línguas envolvidas.

Lado (1957: 02)<sup>100</sup> observa que, no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o aluno tende a transferir, para a língua-alvo, os fonemas, suas variantes, os padrões de intensidade, ritmo e entoação, ou seja, todo o sistema fonológico nativo. E ainda complementa ao dizer que “aqueles elementos que são semelhantes à língua materna de um indivíduo serão simples para ele, e aqueles que são diferentes serão difíceis”.

Apesar da AC ter sido uma ferramenta poderosa para o avanço nas pesquisas de línguas estrangeiras, ela vem sendo criticada por prestar grande atenção às gramáticas das duas línguas em questão e desmerecer a competência dos alunos. A AC ainda é criticada por considerar a aquisição de uma língua estrangeira como sendo diferente da aquisição da língua materna e considerar as diferenças entre as línguas como sinônimos de dificuldades de aprendizagem.

Isto não significa dizer que a AC tenha perdido seu papel na lingüística contemporânea, mas somente que não pode mais ser utilizada sozinha. Alguns autores, como Corder (1974)<sup>101</sup>, acreditam que a Análise de Erros deve complementar e/ou verificar a AC. Outros acreditam que a AC deverá ser feita somente depois da AE, com o propósito de explicar os erros cometidos. Baptista (1981)<sup>102</sup> não se ateuve muito à AC por ter testemunhado, em trabalhos anteriores, o alto risco de se enfatizar contrastes irrelevantes ou desnecessários ao tentar-se descobrir as grandes dificuldades dos alunos no aprendizado de uma língua estrangeira.

---

99 LADO, Robert. *Linguistics across cultures. Applied linguistics for language teachers*. Ann Harbour: University of Michigan Press, 1957.

100 \_\_\_\_\_. *Linguistics across cultures. Applied linguistics for language teachers*. Ann Harbour: University of Michigan Press, 1957.

101 CORDER, S.P. The significance of learners' errors. In: RICHARDS, J. C. (org.) *Error analysis: perspectives on second language acquisition*. London: Longman, 1974.

102 BAPTISTA, Barbara Oughton. *An analysis of errors of Brazilians in the placement of English word stress*. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – UFSC, Florianópolis, 1981.

Como o propósito do nosso trabalho é mostrar que os erros dos alunos quanto à acentuação vocabular inglesa em pares mínimos não são somente devidos à interferência da língua nativa (PB), a opção mais lógica é ir direto à uma AE e aplicar a AC onde seja possível para explicar os erros cometidos por eles, valendo-se também, em algumas ocasiões, da hipótese da interlíngua, que com a qual descreveremos os estágios da aquisição do acento primário e vogal reduzida nos pares mínimos de palavras de língua inglesa.

#### 1.7.1.2 Análise de Erros (AE)

Os erros são a chave para identificar as estratégias utilizadas pelos alunos na construção de um novo sistema de língua e precisam ser analisados de forma cuidadosa para evidenciar os processos envolvidos na aquisição de uma língua. Como assinala Brown (2000: 217)<sup>103</sup>, “os alunos inevitavelmente irão cometer erros durante a aquisição de uma nova língua” e será o processo de descoberta – conscientização – correção dos próprios erros que irá permitir que eles se beneficiem disso no futuro.

Corder (1974)<sup>104</sup> notou que “os erros do aprendiz são significantes por demonstrarem ao pesquisador evidências de como a língua é aprendida ou adquirida, que estratégias ou procedimentos os aprendizes estão empregando na descoberta da língua”. É importante distinguir a diferença entre equívoco (*mistake*) e erro (*error*). O equívoco se refere à *performance*, desempenho. Todos estamos propensos a cometer equívocos, mesmo na língua nativa. Os equívocos podem ser auto-corrigidos, se detectados pelo falante. O erro já é causado por falha na competência e não pode ser auto-corrigido (James, 1998<sup>105</sup>: 83, *apud* Brown, 2000: 217). O fato dos alunos cometerem erros e tais erros poderem ser observados, analisados e classificados para revelar algo importante que está sendo operacionalizado no sistema do falante levou ao aparecimento da teoria da análise de erros.

De acordo com Figueiredo (1997: 46-47)<sup>106</sup>, “os erros na perspectiva da AC eram considerados como oriundos da interferência da L1 (primeira língua) sobre L2 (segunda língua), ou como hábitos mal-formados”. Entretanto, de acordo ainda com Figueiredo,

---

103 BROWN, H. D. Principles of language learning and teaching. 4. ed. New York: Longman, 2000.

104 CORDER, S.P. The significance of learners' errors. In: RICHARDS, J. C. (org.) Error analysis: perspectives on second language acquisition. London: Longman, 1974.

105 JAMES, Carl. Errors in language learning and use: exploring error analysis. Harlow, UK: Longman, 1998.

106 FIGUEIREDO, F. J. Q. Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

alguns pesquisadores, apoiados na teoria de Chomsky de que a língua é adquirida através de internalização de regras, constataram que a maioria dos erros produzidos pelos indivíduos não ocorria devido à interferência de L1, mas devido à formação de hipóteses sobre L2.

Selinker (1974)<sup>107</sup> menciona algumas causas comuns de erro: 1) transferência lingüística da língua nativa; 2) supergeneralização da língua-alvo; 3) transferência do treinamento da língua estrangeira, que enfatiza um certo item em vez de outros; 4) tendência a reduzir a língua-alvo a um sistema mais simplificado e 5) hiper-correção. De todos esses erros, somente os que são devidos à transferência lingüística poderiam ser previstos na AC.

Algumas críticas às deficiências da AC foram realizadas. Uma delas foi a de a AC dar extrema ênfase aos erros e corrigi-los o tempo inteiro, sem deixar o aluno livre em seu processo comunicativo em sala de aula. Outro defeito da análise contrastiva é uma super valorização dos dados. A produção em uma língua leva à análise, que chega a ser mais utilizada para fins interpretativos por alguns pesquisadores do que mesmo à compreensão dos dados. A AE não deve ser utilizada somente para fins quantitativos. Brown (2000: 219)<sup>108</sup> deixa claro que “a ausência de erros não significa que os falantes tenham a competência e o desempenho do nativo, pois os aprendizes podem estar somente evitando usar certas estruturas que são ainda problemáticas para eles”.

Os erros interlinguais são também chamados de erros de transferência ou de interferência. De acordo com Krashen (1981)<sup>109</sup>, são os erros que refletem a interferência da língua materna na produção da língua-alvo sem, contudo, serem considerados negativos. Os erros intralinguais são os resultantes da aprendizagem de uma língua-alvo, que não refletem a influência da língua materna do indivíduo. Eles compreendem os *erros desenvolvimentais*, que são semelhantes aos erros produzidos por crianças que adquirem a língua-alvo como L1, e os *erros únicos*, que são produzidos por aprendizes de L2 que não refletem a influência da língua materna (Figueiredo, 1997: 74)<sup>110</sup>.

---

107 SELINKER, L. Interlanguage. In: RICHARDS, J. C. (org.) Error analysis: perspectives on second language acquisition. London: Longman, 1974.

108 Trecho original: “The absence of error therefore does not necessarily reflect nativelike competence because learners may be avoiding the very structures that pose difficulty for them.”

109 KRASHEN, S. D. Second language acquisition and second language learning. Oxford, Pergamon, 1981.

110 FIGUEIREDO, F. J. Q. Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas. Goiânia: Editora da UFG, 1997.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Pesquisa Bibliográfica

Para a realização deste trabalho e, a partir das escolhas teóricas realizadas, foram feitas leituras e pesquisas em obras clássicas da fonologia em geral e das fonologias com as quais trabalhamos mais diretamente como a Prosódica, na versão de Nespor & Vogel (1986), a Fonologia Métrica (Liberman & Prince, 1977; Halle & Vergnaud, 1981; Hogg & McCully, 1987) e a Fonologia da Interlíngua. As leituras foram feitas no sentido de descobrir teorias e trabalhos aplicados quanto ao acento, tanto em Língua Portuguesa como em Língua Inglesa. Complementamos nossa pesquisa com obras sobre metodologia do ensino de Línguas Estrangeiras, além das teorias de estudos sobre esta problemática, como as teorias da Análise Contrastiva e a Análise de Erros.

### 2.2 Problemas

O fato de haver pares de palavras com categoria lexical determinada pela posição do acento na língua inglesa (*pérrmit* e *perμίt*, *séparate* e *separáte*, *cóntent* e *contént*, *rébel* e *rebél*, entre outros) pode gerar mal entendidos no contexto comunicativo ou de aprendizagem da língua estrangeira pelos alunos brasileiros de EFL. Seguem abaixo algumas questões relevantes que serviram de base para nossa pesquisa:

1. A estrutura acentual dos pares mínimos do português se sobrepõe à estrutura acentual dos pares mínimos do inglês na fala dos alunos brasileiros de EFL?
2. Há interferência de variáveis sociolingüísticas (sexo, idade, formação em L1) na acentuação de pares mínimos da língua inglesa pronunciados por alunos brasileiros de EFL?
3. É possível que a aprendizagem e/ou conhecimento da posição do acento esteja atrelado à proficiência, em outras palavras, o uso correto do acento depende do nível de proficiência?
4. Como a qualidade vocálica (reduzida ou não) afeta a acentuação desses pares mínimos de palavra?

### 2.3 Hipóteses

Perante as questões suscitadas acima pelo objeto em questão, propomos as seguintes hipóteses:

1. O sucesso na produção dos padrões acentuais dos pares mínimos deve-se a uma boa percepção dos mesmos;
2. Os aprendizes se baseiam nas regras do sistema acentual da língua materna para escolha da posição do acento nos pares mínimos de L2;
3. Os aprendizes produzirão a redução vocálica nos componentes de pares mínimos em forma de adjetivo que contém três ou quatro sílabas (e.g.: *separAte*, *appropriAte*, *graduAte*);
4. A exposição continuada do aprendiz à LAL fará com que haja uma melhor automatização das regras de atribuição do acento em pares mínimos, ou seja, o nível de proficiência está diretamente relacionado à quantidade de acertos;
5. Há a interferência de variáveis extralingüísticas, ou seja, variáveis sociais, na má pronúncia de itens lexicais de pares mínimos.

#### 2.4 Objetivos

O principal objetivo de nossa pesquisa é investigar a produção e a percepção de pares mínimos de língua inglesa por alunos brasileiros de EFL para observar o funcionamento do acento na identificação desses pares mínimos. Temos ainda os seguintes objetivos específicos:

1. Investigar que fatores lingüísticos (categoria lexical, extensão do vocábulo, tipo de tarefa) interferem na produção de pares mínimos de palavras da língua inglesa;
2. Investigar que fatores sociais (sexo, faixa etária, grau de instrução em L1) influenciam na produção de pares mínimos de palavras da língua inglesa;
3. Determinar graficamente, a partir de tarefas de produção e percepção, a linha de hipótese representativa do percurso da interlíngua dos semestres II, IV e VI;
4. Verificar se há manutenção da vogal reduzida nas sílabas não acentuadas na produção dos pares de palavras.

#### 2.5 Caracterização dos informantes

Uma das razões para se escolher os alunos do curso básico da Casa de Cultura Britânica da UFC como um grupo representativo para o *corpus* da presente pesquisa reside no fato de o público ser diferenciado quanto à escolaridade, à idade e aos níveis cultural e social. Assim vislumbrou-se a possibilidade de confrontar um maior número de variáveis sociais possíveis. Outra razão para a escolha dos informantes é que os alunos-informantes recebem noções de fonética da língua inglesa desde o primeiro

semestre do curso e, outra razão ainda, pelo material didático adotado trazer exercícios orais. Uma outra razão de motivação para a pesquisa o fato de a pesquisadora ter feito parte do corpo docente dessa instituição e ter acompanhado de perto o progresso e as dificuldades de seus pupilos em sala de aula.

Ao todo, foram ouvidos 30 informantes escolhidos através de um questionário (o que veio a ser chamado posteriormente de ficha do informante) respondido previamente em sala de aula, com o propósito de colher informações básicas de cada indivíduo e um telefone no qual pudéssemos contatá-los em seguida. Muitas das informações pertinentes às variáveis sociais registradas nesse questionário vieram a facilitar o critério de escolha de participantes. Determinou-se a escolha de falantes nascidos no Brasil, com idade entre 15 e 35 anos, de ambos os sexos e, ainda, não terem feito nenhuma viagem internacional até o momento da entrevista.

Ressaltamos que há duas possibilidades de admissão no curso básico de língua inglesa da Casa de Cultura Britânica (CCB), instituição onde o *corpus* foi coletado: ou por teste de admissão, em que o aluno começa no primeiro semestre, ou através de teste de nível (*placement test*), que geralmente oferecem-se vagas a partir do semestre II até o semestre VI. Uma parte desses alunos que opta por entrar na CCB por teste de nível, muitas vezes, é proveniente de outros cursos de inglês da cidade, tendo, assim, uma experiência anterior ao idioma, fator esse que poderá vir a influenciar os resultados relativos à proficiência em língua inglesa. As figuras a seguir apresentam as proporções respectivas à idade, sexo, nível de escolaridade e distribuição dos participantes por localidade de nascimento:

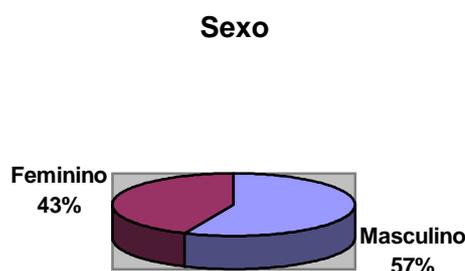


Figura 7: Proporção por sexo dos participantes

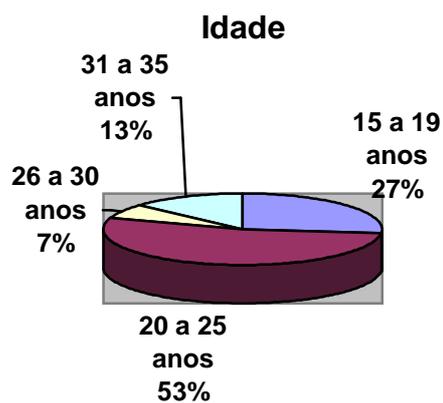


Figura 8: Distribuição por idade dos participantes



Figura 9: Nível de Escolaridade em língua portuguesa

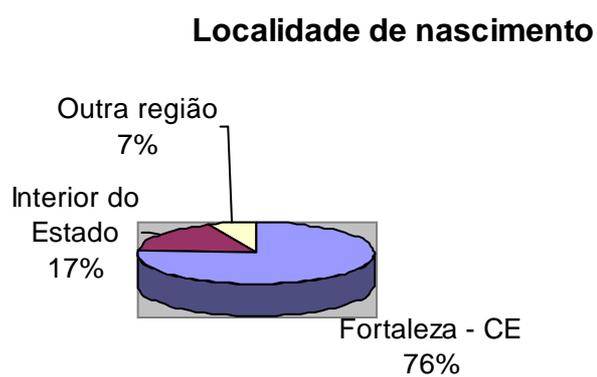


Figura 10: Distribuição dos participantes por localidade de nascimento

### Falantes de outras línguas

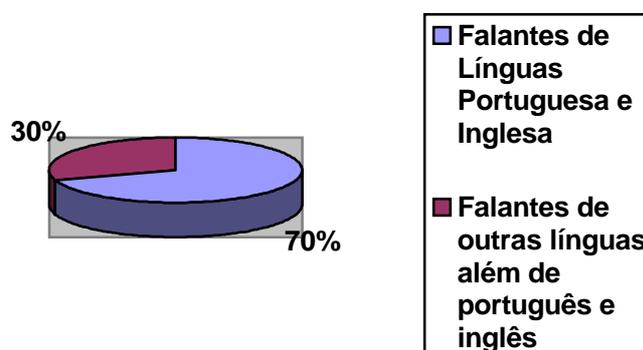


Figura 11: Falantes de outra(s) língua(s) estrangeira(s) que não o inglês.

#### 2.6 O *corpus* de análise

O *corpus* desta pesquisa se constitui de gravações que foram feitas através de entrevistas com alunos do semestre II, semestre IV e semestre VI da Casa de Cultura Britânica, curso de extensão em língua inglesa da Universidade Federal do Ceará (UFC) na cidade de Fortaleza, Ceará. O estudo consistiu do método interseccional (*cross-sectional studies*) de coleta, em que se observa a língua de um indivíduo em somente um intervalo. Esse tipo de estudo geralmente compara diferentes grupos de indivíduos em um período, e se opõe aos estudos chamados longitudinais (*longitudinal studies*) em que se compara a língua do mesmo indivíduo (ou indivíduos) em pelo menos dois intervalos de tempo. Poderíamos até dizer que o presente estudo é um tipo de fusão entre os dois estudos acima citados (*cross-sectional* e *longitudinal*), por representar uma fonte de descrições da interlíngua dos aprendizes ao investigar indivíduos em níveis diferentes, e também subseqüentes, de proficiência.

A partir do *corpus* em questão, objetivou-se analisar a aplicação da regra de acentuação de pares mínimos de verbos, adjetivos e substantivos de língua inglesa e a manutenção da vogal reduzida em seus respectivos pares mínimos. Ressaltamos aqui que decidimos fazer o levantamento de um *corpus* específico com a finalidade de atender aos principais objetivos da nossa pesquisa de forma plena e direta.

O total das gravações contabilizou 10 (dez) gravações por semestre, ou seja, 10 indivíduos entrevistados por semestre e no total, 30 (trinta) entrevistas com tempo mínimo de gravação com cada entrevistado variando entre 30 (trinta) minutos e 1 (uma)

hora, o que contabiliza um total geral de aproximadamente 30 horas. O material sonoro foi gravado em fitas K-7, digitalizado no programa *Sound Forge 5.0*, segmentado e transcrito foneticamente (ver Anexo nº 7). Para manter a sua identidade resguardada, cada entrevistando possui uma ficha codificada em 6 e/ou 7 dígitos ordenados de forma crescente e referente às seguintes características:

- PRIMEIRO DÍGITO: SEXO

1 - Masculino

2 - Feminino

- SEGUNDO DÍGITO: FAIXA ETÁRIA

15 a 19 anos: 1

20 a 24 anos: 2

25 a 29 anos: 3

30 a 34 anos: 4

- TERCEIRO DÍGITO: LOCALIDADE DE NASCIMENTO

Fortaleza: 1

Interior do Estado: 2

Outro Estado: 3

- QUARTO DÍGITO: GRAU DE INSTRUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Nível Médio: 1

Graduando: 2

Graduado: 3

Pós-Graduado: 4

- QUINTO DÍGITO: NÍVEL DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA (SEMESTRE QUE ESTÁ CURSANDO):

Semestre II: 2

Semestre IV: 4

Semestre VI: 6

- SEXTO E/OU SÉTIMO DÍGITO: número de identificação informante, que varia de 1 a 10. Esse número expressa também o nível de exposição (calculado em horas-aula) à língua inglesa.

Exemplificamos o processo de codificação do informante através da seguinte ocorrência: 22126-10. Essa cadeia de codificação significa que o aluno é do sexo feminino, está situada na faixa etária de 20 a 24 anos, nasceu em Fortaleza, está cursando a graduação, está matriculada no semestre VI da Casa de Cultura e tem, separado por um hífen, o nº 10, que indica seu número de identificação no grupo do semestre VI.

A aplicação de questionários, o contato com os então futuros possíveis participantes da pesquisa e as entrevistas em si aconteceram no período de outubro de 2003 a junho de 2004. As entrevistas aconteceram nas salas disponibilizadas pela Casa de Cultura Britânica, com ambiente razoavelmente silencioso e tinham como instrumentos de pesquisa folhas de cartolina com itens isolados, folhas de papel com frases que continham pelo menos um par mínimo por frase e questionários do teste de percepção.

## 2.7 O experimento

A fim de medir a percepção e a produção de pares categoriais, decidimos trabalhar com os semestres de *beginners* (Semestre II), *pre-intermediate* (Semestre IV) e *intermediate* (Semestre VI) para que as interlínguas pudessem ser estudadas em tempo aparente, ou seja, um estudo pseudolongitudinal, em virtude da presente pesquisa não dispor de tempo suficiente para a realização de uma pesquisa em tempo real, o que levaria, no mínimo, três anos e meio (sete semestres) para se concretizar. Antes da coleta propriamente dita para representar o *corpus* oficial da pesquisa, foram gravadas, no total, seis entrevistas com alunos dos semestres II, IV e VI (dois alunos representado cada semestre), o que chamamos de teste-piloto. Esse teste, então, serviu de base para uma elaboração mais cuidadosa e apurada das frases, posição dos vocábulos, composição e ordem das tarefas dos testes de produção e testes de percepção.

## 2.8 As Variáveis

### 2.8.1 Variáveis Lingüísticas

Vejam os seguintes fatores que podem provocar mudança categorial nos pares mínimos de palavras de língua inglesa:

a) Extensão do vocábulo:

- Dissílabo
- Trissílabo

- Polissílabo

b) Categoria Lexical:

- Substantivos
- Adjetivos
- Verbos

c) Tipo de tarefa:

- Leitura de itens isolados por estímulo visual
- Leitura de frases
- Repetição de frases

### 2.8.2 Variáveis Sociais

- Sexo
- Faixa etária
- Grau de instrução em língua portuguesa

## 2.9 A coleta dos dados

Com o objetivo de coletar as informações necessárias para a análise das características acentuais da fala dos alunos, utilizaram-se fichas de identificação do informante, questionários, testes e exercícios.

- Questionário de seleção dos participantes (ver Anexo nº 1)

O questionário que serviu como base de dados sociolingüísticos de cada informante da pesquisa foi passado em salas de aula, a fim de se fazer uma seleção dos alunos que preenchiam os critérios pré-estabelecidos, além de ter a função posterior de identificação do informante, por conter dados sociais que poderiam se apresentar como relevantes na pesquisa. Esse documento recebeu o nome de Ficha do Informante.

- Testes de produção (ver Anexos nºs 2 e 3)

Para a elaboração dos testes de produção e percepção, consultaram-se os pares mínimos no LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH (1995), que possui entradas com as pronúncias do Inglês Norte Americano e Inglês Britânico, fato que favoreceu visualizar e conter divergências entre os dialetos, e o LONGMAN

ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2000). Explicamos nossa preferência pela variedade do inglês norte-americano pelo fato de os alunos serem, na maioria das vezes, mais expostos a essa variedade da língua inglesa. Abaixo segue a lista de itens lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) usados nos testes de percepção e produção:

Quadro 5: Lista de itens lexicais (substantivos, adjetivos e verbos) usados nos testes de produção e nos testes de percepção

<b>Itens Lexicais</b>	<b>Substantivo (Noun)</b>	<b>Verbo (Verb)</b>	<b>Adjetivo (Adjective)</b>
1. Ab.stract*	/ˈæbstrækt/	/əbˈstrækt/	/ˈæbstræk, əbˈstrækt/
2. Ap.prox.i.mate	..	/əˈpraksəˌmeɪt/	/əˈpraksəˌmɪt/
3. Ap.pro.pri.ate	..	/əˈprɒpriˌeɪt/	/əˈprɒpriˌɪt/
4. A.dult	/əˈdʌlt, æˈdʌlt/	..	/əˈdʌlt, æˈdʌlt/
5. Ad.vo.cate*	/ˈædvəkət/, /ˈædvəˌkeɪt/	/ˈædvəˌkeɪt/	..
6. Ag.gre.gate	/ˈægrɪɡɪt/	/ˈægrɪˌgeɪt/	/ˈægrɪɡɪt/
7. Com.pound*	/ˈkɑmpaʊnd/	/ˈkəmˈpaʊnd/	/ˈkɑmpaʊnd, kəmˈpaʊnd/
8. Con.duct	/ˈkɑndʌkt/	/kənˈdʌkt/	..
9. Con.flict	/ˈkɒnˌflɪkt/	/kənˈflɪkt/	..
10. Con.test	/ˈkɑntest/	/kənˈtest/	..
11. Con.trast	/ˈkɑntræst/	/kənˌtræst/	..
12. Con.tract	/ˈkɑntrækt/	/kənˈtrækt/	..
13. Choco.late	/ˈtʃɑklɪt/	..	..
14. Con.tent	/ˈkɑntent/	/kənˈtent/	/kənˈtent/
15. De.sert	/ˈdezɜrt/	/dɪˈzɜrt/	..
16. E.lab.o.rate	..	/ɪˈlæbəˌreɪt/	/ɪˈlæbrɪt/
17. Es.ti.mate	/ˈestəˌmɪt/	/ˈestəˌmeɪt/	..
18. Grad.u.ate	/ˈgrædʒuɪt/	/ˈgrædʒuˌeɪt/	/ˈgrædʒuɪt/
19. In.crease	/ˈɪnkriːs, ˈɪŋkriːs/	/ɪnˈkriːs/	..
20. In.sult	/ˈɪnsʌlt/	/ɪnˈsʌlt/	..

\* itens lexicais que possuem duas pronúncias diferentes quanto ao acento numa dada categoria lexical.

21. Mod.e.rate	/ˈmɑdərɪt/	/ˈmɑdəˌreɪt/	/ˈmɑdərɪt/
22. Ob.ject	/ˈɑbdʒɪkt, ˈɑbdʒekt/	/əbˈdʒekt/	..
23. Pro.duce	/ˈprɑdʌs, ˈpraʊdʌs/	/prəˈdʌs/	..
24. Per.mit	/ˈpɜrmit/	/pɜrˈmɪt/	..
25. Pre.sent	/ˈprezənt/	/priˈzɛnt/	/ˈprezənt/
26. Pro.gress	/ˈprɑgrəs, praʊgrəs/	..	..
27. Pro.ject	/ˈprɑdʒekt, ˈpraʒɪkt/	/prəˈdʒekt/	..
28. Pro.test*	/ˈpraʊtɛst/	/prəˈtɛst, ˈpraʊtɛst/	..
29. Pre.cip.i.tate*	/priˈsɪpəˌteɪt, priˈsɪpətɪt/	/priˈsɪpəˌteɪt/	/priˈsɪpətɪt/
30. Re.cord	/ˈrɛkɔrd/	/rɪˈkɔrd/	/ˈrɛkɔrd/
31. Sep.a.rate	..	/ˈsɛpəˌreɪt/	/ˈsɛprɪt/
32. Sus.pect	/ˈsʌspɛkt/	/səˈspɛkt/	/ˈsʌspɛkt/
33. Sub.ject	/ˈsʌbdʒɪkt/	/səbˈdʒɛkt/	/ˈsʌbdʒɪkt/

Depois de uma pesquisa extensiva em dicionários e guias de fonética e fonologia da língua inglesa na variedade norte-americana, chegou-se à conclusão de que os autores ainda não compartilham uma posição unificada, ou seja, ainda não se chegou a um consenso quanto à pronúncia desses pares mínimos morfossintaticamente e semanticamente distintos. Em alguns casos, não se atribuiu nem mesmo acento secundário a alguns pares mínimos (*e.g.*: *increase*), além das discrepâncias quanto à variação de qualidade vocálica que certas sílabas acentuadas e não acentuadas sofrem. Para cada item lexical listado acima, o dicionário LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2000) atribuiu pronúncias de acento e vogais diferenciadas das apresentadas por Prator & Robinett (1985). Para Prator & Robinett, alguns substantivos possuem acento secundário na última sílaba, como é o caso de *contest*: /ˈkɑnˌtɛst/; *contract*: /ˈkɑnˌtrækt/; *contrast*: /ˈkɑnˌtræst/; *increase*: /ˈɪnˌkris/ ; *project*: /ˈprɑˌdʒɛkt/ ; *protest*: /ˈpraʊˌtɛst/, *suspect*: /ˈsʌspɛkt/.

O verbo *progress* /prəˈgrɛs/ existe, de acordo com Prator & Robinett (1985), mas não há sua ocorrência em LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2000).

---

\* itens lexicais que possuem duas pronúncias diferentes quanto ao acento numa dada categoria lexical.

Há dicionários que não trazem os verbetes em separado e outros, como é o caso do LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2000) que trazem, o que facilita a consulta para os aprendizes.

- Testes de percepção (ver Anexos nº 4 e 5)
- Fichas de transcrição fonética (ver Anexo nº 7)

## 2.10 As etapas da entrevista

Ao entrarmos em contato com os alunos sujeitos da pesquisa, não sabíamos ao certo se eles já haviam tido acesso às regras de acentuação de pares mínimos da língua inglesa. Também não podíamos fazer perguntas metalingüísticas sobre isso, ou seja, jamais poderíamos perguntar ao aluno entrevistado se ele saberia ler as frases aplicando as regras que ele já aprendera. Isso geraria uma sobrecarga de ansiedade e falta de naturalidade para os alunos. Portanto, para evitar qualquer imprevisto dessa ou de outra natureza, utilizamos tarefas como leitura de itens isolados, leitura de frases e repetição de frases. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada aluno, e cada uma foi dividida em duas grandes etapas: Teste de Produção e Teste de Percepção Auditiva.

### 2.10.1 Teste de produção

O teste de produção foi dividido em três fases, que veremos a seguir. Na 1ª fase do teste de produção, a tarefa de cada aluno consistia em ler em voz alta e em ritmo normal palavras que lhe eram apresentadas pela entrevistadora em uma folha de cartolina contendo somente um item de cada vez:

#### 2.10.1.1 Teste de Produção – 1ª Fase -Itens Isolados

1. Contract
2. Moderate
3. Approximate
4. Precipitate
5. Insult
6. Record
7. Contrast
8. Chocolate
9. Protest
10. Graduate

Na 2ª fase, dividida em frases de três tipos (Part I – Noun/Verb; Part II – Adjective/Verb; Part III – Adjective/Noun), cada aluno lia frase a frase, repetindo-as no mínimo duas vezes e tendo um intervalo de 2 segundos entre cada uma delas. Os alunos tinham a oportunidade de ler todas as frases em voz alta antes da gravação começar definitivamente. Vejamos a seguir a lista de frases:

### 2.10.1.2 Teste de Produção – 2ª Fase - Contexto Frasal

#### *Part I – Noun/Verb*

1. I object to going to a bar.
2. It's a small metal object.
3. I want you to conduct this research.
4. The senator's conduct is being investigated.
5. She needs to be in conflict with her parents.
6. Different software often conflict in my computer.
7. They have a kissing contest every year.
8. Politicians will contest the election.
9. Camels were meant to live in the desert.
10. Never let your confidence desert you.

#### *Part II – Adjective/Verb<sup>111</sup>*

1. We need to separate the good apples from the bad ones.
2. Let's put them in separate baskets.
3. She's a passionate advocate of natural birth.
4. The extremists openly advocate violence.
5. We will take appropriate action once the investigation is over.
6. Politicians appropriate \$1 billion for anti-drug campaigns.
7. The garage gave me an estimate of the cost of repairing my car.
8. They estimate it will cost at least R\$ 20,00.
9. I didn't elaborate the plan myself.
10. He's got an elaborate tattoo of an eagle.

---

111 As frases 3 e 4 foram extraídas do CD-ROM do LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2001) enquanto que as frases 7 e 8 foram extraídas do PRATOR, Jr., Clifford H. & ROBINETT, Betty Wallace. Manual of American English pronunciation. 4 ed, Orlando: Harcourt Brace, 1985. O restante das frases foram criadas pela autora desta dissertação.

Part III - Adjective/Noun <sup>112</sup>

1. Chestnuts have a high water content.
2. I'm content with my job.
3. The company spent an aggregate of \$2 million on the product.
4. He has a huge aggregate income and investment.
5. Marines protect the U.S. Embassy compound.
6. "Ice cream" is a compound noun.
7. My childhood memories are the subject of my first book.
8. When you are in a foreign country, you are subject to its laws.
9. Some children find it difficult to talk to adult people.
10. You need to deal with your problems in an adult way.

2.10.1.3 *Teste de produção – 3ª Fase - Repetição de Frases*

O teste de produção ainda incluiu uma terceira fase (denominada Teste de Produção - Fase 3), que figurava como 5ª e última das tarefas do teste de percepção. Nessa fase, esperava-se que o aluno reproduzisse a frase que julgou ser a correta nas tarefas 3 e 4 do teste de percepção (ver Anexo nº 4). Os itens lexicais utilizados foram os seguintes: *Suspect (noun)* e *Present (verb)*.

2.10.2 *Teste de percepção*

Logo após as fases 1, fase 2 e fase 3 do teste de produção, seguiram-se os testes de percepção auditiva. Procedeu-se nessa ordem a fim de evitar que a produção dos nativos viesse a interferir na produção dos aprendizes de língua inglesa.

Para os participantes escolherem suas respostas, o teste de percepção incluiu a reprodução de frases em língua inglesa que foram gravadas com vozes de falantes nativos de NAE. Essas vozes foram gravadas em estúdio com isolamento acústico e editadas em CD através do programa computacional *Goldwave 4.1*. Contou-se ainda com a participação desses falantes nativos de língua inglesa para a o teste de produção, somente como medida de parâmetro em grandezas fonético-acústicas (duração, intensidade, pitch) mensuradas através do programa *PRAAT v. 4.2.23*.

---

112 As frases 1, 5, 8 e 10 foram extraídas do CD-ROM do LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2001). O restante das frases foram criadas pela autora desta dissertação.

O teste de percepção compreendeu duas fases. Na fase 1, de natureza metalingüística, intitulada de Escolha de sílaba tônica e Discriminação categorial, havia 4 (quatro) tarefas. Na primeira tarefa, o aluno ouvia atentamente duas frases idênticas, exceto pelo item lexical que continha acento em duas sílabas distintas, e tinha de circular as sílabas que lhe parecessem mais proeminentes. Na segunda tarefa, o aluno escutava e marcava a opção que considerava ser corretamente pronunciada pelo falante naquele contexto. Na terceira tarefa, o aluno ouvia a frase correta ser pronunciada e decidia se a sua seleção anterior havia sido bem-sucedida, expressando isso através da escolha entre certo e errado. A quarta tarefa, que se tratava de repetição, transformou-se em apêndice do teste de produção, o que foi explicado acima no item 2.10.1.3.

Com o objetivo de investigar a hipótese de que o aluno associa a representação fonológica de atribuição do acento com a categoria lexical, o teste de percepção ainda se compôs de uma segunda fase, dividida em dois momentos: Percepção da Posição do Acento (Escolha Silábica) e Escolha da Categoria Lexical. No primeiro momento, o participante escutava frases de aproximadamente 10 vocábulos, dentre os quais havia somente 1 (um) item lexical do qual o aluno deveria perceber onde recaía o acento e circulava a sílaba mais proeminente. No segundo momento, o aluno tinha que identificar o item lexical como não-verbo (substantivos e adjetivos) ou verbo. (ver Anexo nº 5)<sup>113</sup>.

## 2.11 Análise dos dados

### 2.11.1 Análise Computacional dos Dados

A análise computacional levou em consideração o acento primário, acento secundário e redução de vogal. As enunciações foram coletadas durante as entrevistas em fitas K-7, que posteriormente foram digitalizadas a uma taxa de amostragem de 22.050 Hz e codificadas em 8 bits, canal Mono, no *software Sound Forge 5.0*.

Para a análise instrumental dos itens lexicais em estudo utilizaram-se os programas *Praat v. 4.2.23* e o *Akustyk 7.1.4*. Esses programas são capazes de determinar de forma precisa os parâmetros acústicos tais como frequências formantes (em Hz e Bark), largura de banda das formantes, amplitude das formantes, duração e intensidade. O programa *Akustyk*, que é acoplado no *Praat*, ainda cria gráficos de vogais baseado na análise de dados estatísticos.

---

113 As frases 1, 2, 3, 4, 5 foram extraídas do CD-ROM do LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY (2001). O restante das frases foram criadas pela autora desta dissertação.

Estipulou-se o critério de contagem de duração do vocábulo a partir do *onset* da primeira sílaba até a posição de coda da mesma sílaba. Essa análise dos parâmetros acústicos dos pares mínimos foi feita para todas as emissões dos itens lexicais produzidas por cada participante entrevistado, contabilizando ao final da análise um total de 1.260 conjuntos (*Praat pictures*) de parâmetros acústicos. A figura abaixo mostra, à guisa de exemplificação, o espectrograma do item *appropriate* produzido no teste de produção fase 2, pelo aluno nº 10 do semestre II. A análise dessa emissão está dividida em duas camadas (*tiers*). A primeira camada apresenta a emissão desse item em forma de onda e a segunda camada apresenta seus respectivos formantes, com a linha amarela representando a intensidade e a linha azul pontilhada representando o pitch desse som:

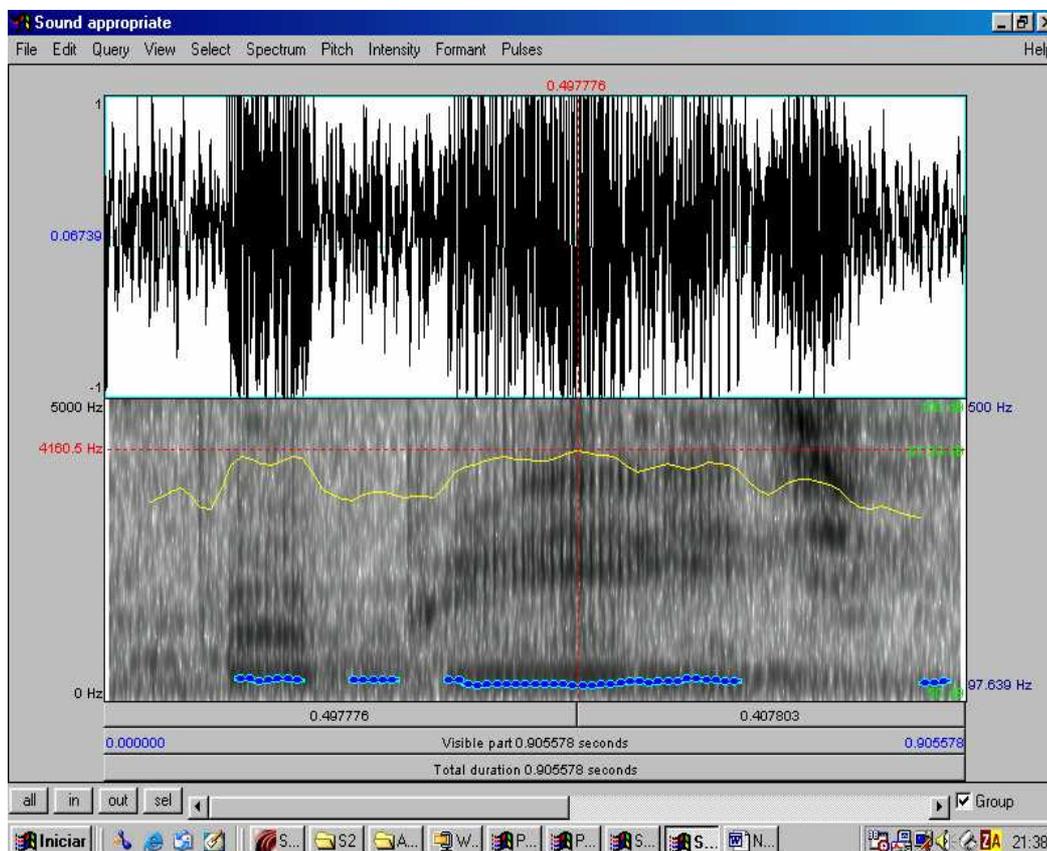


Figura 12: Espectrograma do item *appropriate* no programa Praat v. 4.2.23.

### 2.11.2 Análise Quantitativa e Análise Qualitativa

A partir dos resultados estatísticos adquiridos na análise computacional dos dados, procederemos à execução da Análise Quantitativa e a Análise Qualitativa, que serão melhor apresentadas e detalhadas de forma unificada no próximo capítulo (Análise do *Corpus*).

### 3. ANÁLISE DO CORPUS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos nos testes de produção e nos testes de percepção. Inicialmente executaremos a análise dos resultados dos testes de produção e testes de percepção e em seguida prosseguiremos com a análise de outras variáveis lingüísticas e sociais que podem estar relacionadas à mudança categorial e redução vocálica dos itens lexicais aqui estudados.

#### 3.1 ANÁLISE LINGÜÍSTICA QUALITATIVA E QUANTITATIVA

Antes de todo o processo de análise lingüística e social, faz-se necessário apresentar o histórico em língua inglesa dos participantes da presente pesquisa. Justifica-se tal providência por percebermos que essa variável que, *a priori*, não objetivávamos controlar rigidamente, é responsável por muitos vieses nos resultados da pesquisa. Apresentamos a seguir, para cada semestre, o “Histórico de Proficiência” em língua inglesa de cada participante, com o simples intuito de familiarização prévia de seus perfis:

GRÁFICO 01  
Histórico de proficiência em língua inglesa – S II

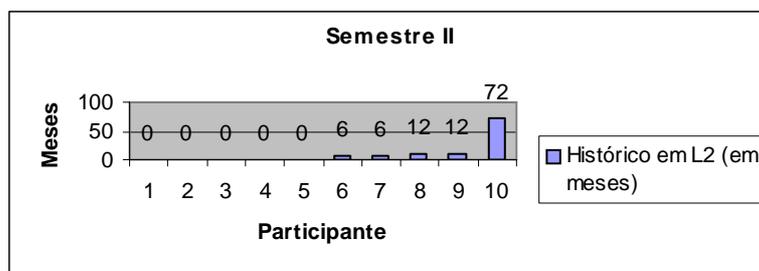


GRÁFICO 02  
Histórico de proficiência em língua inglesa – S IV

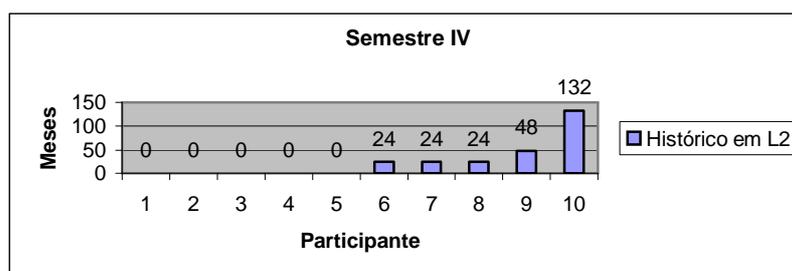
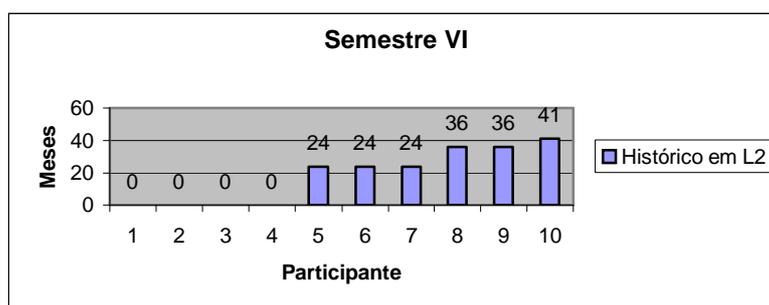


GRÁFICO 03  
Histórico de proficiência em língua inglesa – S VI



### 3.1.1 A PRODUÇÃO

#### 3.1.1.1 Falantes Nativos

Durante as pesquisas das características prosódicas de cada item lexical aqui contemplado, descobrimos que alguns dicionários de língua inglesa não chegavam a um consenso sobre a posição do acento primário de alguns componentes de pares mínimos, além de não atribuírem acento secundário em alguns casos, como já discutido na seção 2.9 da Metodologia.

Para acabar com esse impasse, concluímos que seria necessário determinar um padrão prosódico fixo de todos os itens lexicais utilizados nos testes de produção. Para tanto, colhemos amostras de produção de frases de quatro falantes nativos de língua inglesa, que decidimos nomear aqui por Falante Nativo 1 (*Native Speaker 1 – NS 1*), Falante Nativo 2 (*Native Speaker 2 – NS 2*), Falante Nativo 3 (*Native Speaker 3 – NS 3*), Falante Nativo 4 (*Native Speaker 4 – NS 4*). Os falantes nativos de números pares são do sexo masculino e os de números ímpares são do sexo feminino.

Silveiro (2004) ao comparar os números de seus dados relativos à identificação correta da posição do acento por nativos com dados de pesquisas anteriores, encontrou discrepâncias que poderiam desafiar a validade do seu *perception test*. Sobre isso ele afirma: “the lower rate could also be due to the fact that there’s greater variability in stress assignment than in vowel or consonant quality”. Assim, explicamos a necessidade de haver falantes nativos participando no teste de produção por haver uma maior confiabilidade em eleger uma fixação de parâmetros das características prosódicas (acento primário e acento secundário e, interligadamente, redução de vogal) de cada item lexical aqui utilizado.

Não ocorreram grandes incongruências quanto à colocação do acento primário na produção dos pares mínimos por parte dos nativos, mas a mudança de qualidade

vocálica é um fator que merece uma certa atenção, certamente por envolver questões sociolinguísticas, pois os participantes nativos pertencem a diferentes regiões dos Estados Unidos e Canadá.

### 3.1.1.2 *Aprendizes Brasileiros*

#### 3.1.1.2.1 Teste de Produção - Fase 1 – Itens Isolados

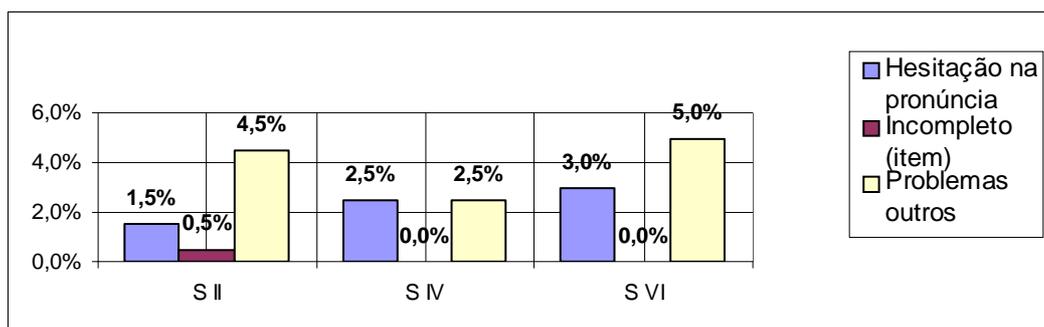
Os participantes foram submetidos à 1ª fase do teste de produção – itens lexicais isolados. Todos os itens que foram elicitados nessa fase eram pertencentes à classe dos adjetivos ou substantivos. Todavia, ocorreu que a entrevistadora revelou, de maneira equivocada, essa informação sobre a categoria lexical dos itens para alguns alunos, o que veio a invalidar essa etapa do teste de produção. Com isso, não analisamos e conseqüentemente não computamos os números relativos à fase 1 do teste de produção.

#### 3.1.1.2.2 Teste de Produção - Fase 2 – Contexto Frasal

Após a execução da fase 1, os participantes foram conduzidos à tarefa de leitura de frases, em que cada par de frases continha um par mínimo. Foram contabilizadas 30 frases emitidas por cada participante e, ao multiplicarmos esse valor por 30 (número total de sujeitos), obtivemos um total de 900 emissões. No entanto, algumas frases não foram consideradas para fins de totalização e análise por apresentarem problemas técnicos, como itens que não foram pronunciados por completo, hesitação antes ou depois da pronúncia do item de par mínimo na emissão da frase completa, o que comprometia o ritmo, ou somente no item, ou simplesmente problemas de outra natureza. Apresentamos no histograma abaixo, o percentual de frases que foram desconsideradas, quantitativamente, por semestre:

GRÁFICO 04

Teste de produção - Fase 2 – Percentuais de Itens Lexicais Quantitativamente Desconsiderados



O gráfico acima ainda cumpre a útil função de contrastar as dificuldades que cada grupo apresentou nessa fase. Como se pode perceber, não houve nenhuma ocorrência de itens incompletos nos semestres IV e VI. É importante notar que o número de frases que contiveram hesitação cresce à medida que aumenta o nível de proficiência. Tal atitude pode ser possivelmente devida ao fato de haver, por parte de alguns alunos pertencentes a um nível mais avançado de proficiência, a aplicação de estratégias meta-cognitivas como autocorreção, focalização, etc. Ainda se faz relevante enfatizar que o semestre IV possui um número inferior de ocorrências de problemas em relação ao semestre VI. É importante relatar o fato de um participante do semestre IV (P5) ter tido três ocorrências de hesitação e dois problemas de outra natureza durante a leitura de frases da fase 2 do teste de produção.

As dez últimas frases da fase 2 do teste de produção não foram levadas em consideração, nem de forma quantitativa nem qualitativa, por conterem itens lexicais - *e.g: content (adjective) / content (noun)* - em que a posição do acento é a mesma nos dois componentes do par mínimo estudado, não sendo, portanto, distintiva quanto à categoria lexical e, ainda, não contribuindo de forma significativa nos resultados, já que o nosso estudo prima pela função da posição do acento como desencadeador de mudança de categoria lexical.

A partir dos itens restantes, fizemos os cálculos e médias de acertos em termos de porcentagem, ou mesmo numericamente. A seguir apresentamos os resultados concernentes às produções de acento primário dos semestres II, IV e VI.

- **ACENTO PRIMÁRIO**

Começaremos com a análise preliminar da manutenção do acento primário dos pares mínimos de palavras relativos aos testes de produção e de percepção. Apresentamos logo abaixo os comentários referentes às tabelas de percentuais de respostas corretas nos semestres II, IV e VI e, sempre que for necessário, comentaremos os casos relevantes:

TABELA 01

Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S II

Participantes	No. de Tentativas	No. De Respostas Corretas	% Respostas Corretas
1	20	12	60%

2	20	6	30%
3	20	9	45%
4	20	8	40%
5	20	6	30%
6	20	11	55%
7	20	10	50%
<b>8</b>	<b>20</b>	<b>13</b>	<b>65%</b>
9	20	11	55%
<b>10</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>25%</b>

As duas linhas acima realçadas em negrito representam, respectivamente, os indivíduos que obtiveram resultados destoantes do grupo nessa fase, no que concerne à correta atribuição do acento primário. Isso se explicará melhor se analisarmos as características sociais dos dois indivíduos. A discrepância entre os valores representantes de desempenho se atribui ao histórico ou experiência prévia em língua inglesa dos participantes, variável que não foi tão rigidamente controlada como o nível de proficiência. Ressaltamos que nesta pesquisa, fez-se uma nítida diferenciação entre as variáveis *nível de proficiência* (que é aferido pelo semestre em que o aprendiz se encontra na instituição) e *experiência em língua inglesa*. O participante 8 (P8), antes de começar a estudar na instituição em questão, já havia tido 1 (um) ano de experiência com a língua, o que se opôs aos 6 anos de experiência prévia do participante 10 (P10). Mesmo assim, se tomarmos o exemplo de P8 e o compararmos com os outros participantes desse grupo, que começaram a aprender língua inglesa na CCB, nota-se um desempenho insatisfatório de P8 em relação aos outros. Por conseguinte, conclui-se que a divisão do curso básico oferecido pela instituição não reflete a real experiência dos participantes com a língua inglesa.

TABELA 02

Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S IV

Participantes	No. de Tentativas	No. De Respostas Corretas	% Respostas Corretas
<b>1</b>	<b>20</b>	<b>17</b>	<b>85%</b>
2	20	10	50%
3	20	11	55%
4	20	16	80%
5	20	7	35%
6	20	12	60%

7	20	12	60%
<b>8</b>	<b>20</b>	<b>6</b>	<b>30%</b>
9	20	9	45%
10	20	11	55%

A julgar pelo exemplo supracitado do grupo SII, ou seja, a experiência prévia do aluno determina o sucesso no desempenho da aplicação das regras de acento de pares mínimos, esperávamos que esse evento viesse a se repetir em todo o universo da amostra coletada. Contudo, registramos nos participantes 1 e 8 do semestre IV, realçados acima, um caso atípico. Ao verificar que P1 teve um alto índice de acerto mesmo sem ter nenhuma experiência prévia em língua inglesa, observamos que o restante do grupo (P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10) que já havia se exposto à língua alvo, não acompanha esse índice de sucesso de acertos. Até mesmo o participante 10, que afirma em sua Ficha do Informante já ter tido onze anos de experiência com língua inglesa, não obteve um resultado satisfatório. P8 já havia estudado inglês por dois anos antes de entrar na CCB. Um dos fatos responsáveis pelos resultados insatisfatórios é, possivelmente, o processo de fossilização. P1 possivelmente venha se expondo à língua inglesa de uma forma continuada e sistemática, enquanto P8 e P10 tiveram intervalos em seus processos de aprendizagem da língua que influenciaram na armazenagem e manipulação de informações fonéticas e fonológicas.

TABELA 03

Teste de Produção - Fase 2 - Acento Primário – S VI

Participantes	No. de Tentativas	No. De Respostas Corretas	% Respostas Corretas
1	20	13	65%
2	20	8	40%
3	20	14	70%
<b>4</b>	<b>20</b>	<b>2</b>	<b>10%</b>
5	20	9	45%
<b>6</b>	<b>20</b>	<b>16</b>	<b>80%</b>
7	20	10	50%
8	20	12	60%
9	20	13	65%
10	20	10	50%

Não se observa nenhuma característica social que poderia explicar a diferença entre as porcentagens de acerto de P4 e P6. Ainda prevalece o fato de a experiência em língua inglesa contar como fato relevante no sucesso da aplicação de regras de acento primário em pares mínimos. Um evento que chamou atenção foi o fato de aprendizes, mesmo produzindo corretamente os itens lexicais das frases, descuidavam da produção das vogais e das consoantes.

Observa-se nas tabelas 01, 02 e 03 que, pelas médias das porcentagens quanto ao desempenho alcançadas nos três semestres, houve um razoável índice de acerto. Contudo, se compararmos essas médias finais (ver gráfico 05) e expressarmos em forma de linha (ver gráfico 06), não confirmaremos uma de nossas hipóteses preliminares e que possui valor preditivo em nossa pesquisa: a de que o nível de proficiência está diretamente relacionado à quantidade de acertos. Poderíamos representar graficamente essa hipótese através da figura abaixo, em que o eixo “x” representa a quantidade de acertos e o eixo “y” representa o nível de proficiência, resultando numa linha ascendente que figura o percurso do desenvolvimento da interlíngua<sup>114</sup> na atribuição do acento e no fenômeno de redução vocálica em pares mínimos de palavra de língua inglesa.

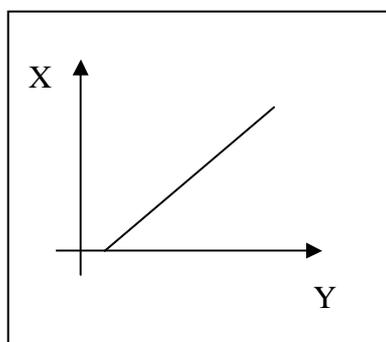


Figura 13: Linha de hipótese do percurso de desenvolvimento da interlíngua

---

114 Entende-se aqui por Interlíngua a língua de transição do aluno entre a língua nativa (LN) e a língua-alvo (LAL) em certa altura do processo de aprendizagem. (Moita Lopes, 2000)

GRÁFICO 05

Teste de Produção – Fase 2 - Desempenho quanto à colocação do acento primário

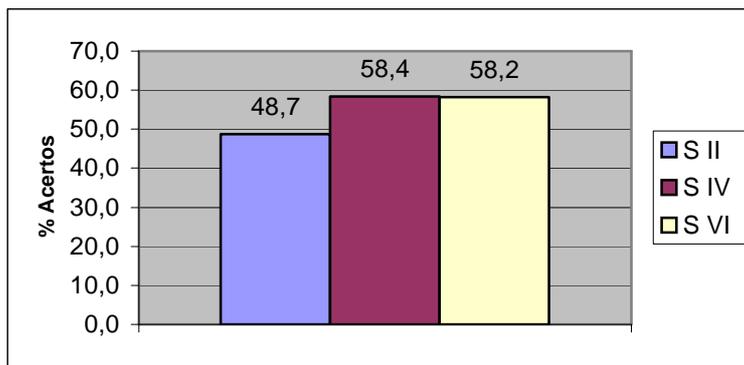
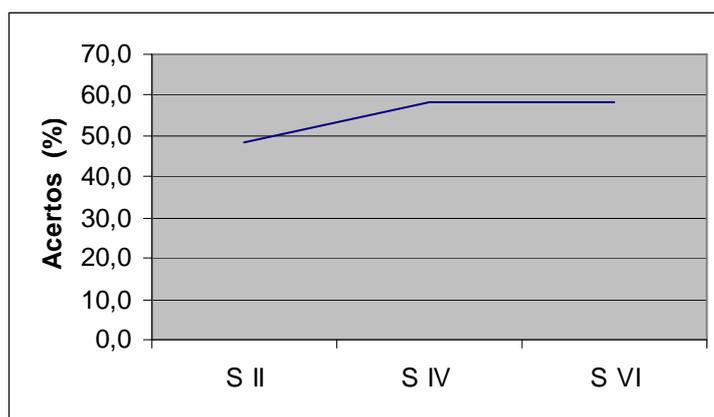


GRÁFICO 06

Teste de Produção – Fase 2 - Linha do percurso da interlândia na atribuição do acento primário



Ambos os gráficos acima representam a evolução na atribuição do acento primário. Percebe-se no gráfico 06 que a linha que representa a linha de evolução da interlândia ascende até o S IV, estacionando em seu desenvolvimento e até decaindo um pouco após esse semestre. O que era para acontecer supostamente aqui seria uma continuação do movimento de ascensão dessa linha. No entanto, não se observa tal fato.

O que se pode perceber através da análise dos casos particulares dos participantes e também dos resultados dos grupos apresentados acima é que o problema quanto à acentuação correta dos pares mínimos de língua inglesa não se apresenta somente no nível supra-segmental, pois se encontram erros no nível segmental também. Tomemos o exemplo de pronúncia do item *advocate* (*/ˈædvəkət/*, */ˈædvəˌkæt/*) e que foi produzido como [*ˈadivoukati*] pelo participante de número 10 do S VI, havendo uma incorreta

substituição de consoantes e vogais, embora tenha-se guardado o lugar correto do acento primário. É interessante perceber que, pela inserção da vogal / i / na sílaba final do item, criou-se uma palavra com quatro sílabas. Tal fato contraria a regra de Restrição da Janela de Três Sílabas (RJT) proposta por Bisol (1994). Seguindo uma regra do padrão acentual da língua inglesa, ou seja, acentuar sílabas proparoxítonas, o aluno atribui o acento à primeira sílaba, ou seja, a transforma numa palavra proparoxítona, o que não pode ser considerado como uma interferência da língua materna.

### • REDUÇÃO VOCÁLICA

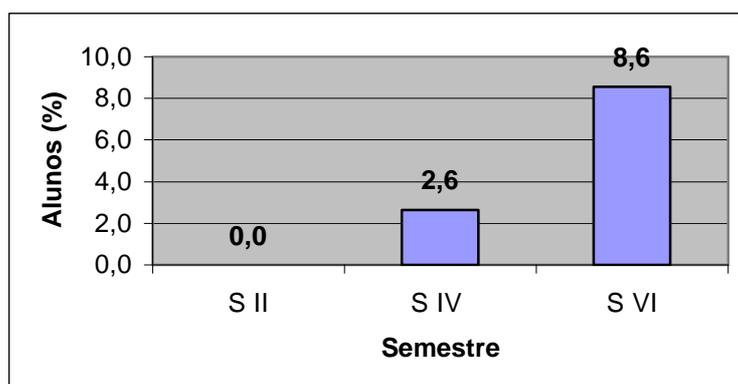
Ainda diante da análise lingüística do *corpus*, observou-se que a mudança da qualidade vocálica, ou seja, a inserção, a elisão ou a substituição de elementos do nível segmental, influenciou de maneira negativa na produção dos padrões acentuais dos pares mínimos de língua inglesa.

A vogal reduzida é uma característica principal e diferenciadora dos pares mínimos formados por palavras de três ou quatro sílabas e situa-se nas sílabas não acentuadas dos adjetivos ou substantivos, o que os faz se distinguirem dos verbos, *e.g.*: *separate* (verbo - /'sepəreɪt/) e *separate* (adjetivo - /'sepɪt/).

A capacidade de “desacentuação silábica” (*unstressing syllable*) seguida de uma respectiva redução vocálica em sílabas que carregam acento secundário é um fator preponderante para a inteligibilidade desses pares. Os resultados da ilustração abaixo refletem uma porcentagem não-significativa dos alunos que fizeram a manutenção de vogal reduzida, mesmo no nível mais alto de proficiência (S VI):

GRÁFICO 07

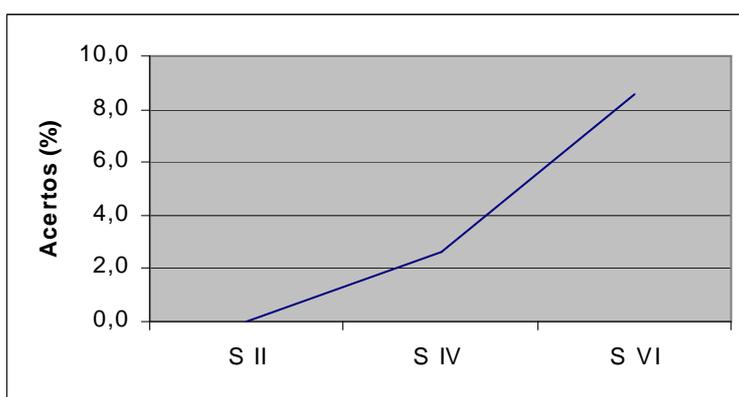
Teste de produção – fase 2 – Redução vocálica em itens terminados em *-ate*



De posse dos números dos gráficos acima, expomos o gráfico abaixo, que expressa os dados relativos à redução vocálica através de uma linha de evolução do percurso da interlíngua. Notemos no gráfico abaixo como a linha em ascensão satisfaz a hipótese determinada na seção de hipóteses da Metodologia (seção 2.3) e que foi abordada também no desempenho quanto à colocação de acento primário:

GRÁFICO 08

Linha de evolução do percurso da interlíngua quanto à redução vocálica



Embora as emissões de redução vocálica dos aprendizes nos itens que demandam tal mudança corroborem a hipótese de evolução fonológica, esses totais perfazem um valor irrisório e, conseqüentemente insatisfatório, o que vem a contrapor-se à hipótese inicial de que os alunos fariam a devida redução vocálica nos itens que demandassem tal mudança. Essa característica observada nos grupos aqui analisados é, possivelmente, devida à falta de *input* fonológico, ou seja, os alunos ainda não se expuseram o suficiente à língua inglesa para perceberem a importância da redução vocálica para a inteligibilidade de certos componentes de pares mínimos.

As substituições preferidas pelos aprendizes, quando da substituição das vogais reduzidas, são a vogal central baixa / a / e o ditongo / ei /. Notou-se que, pelo fato de alguns aprendizes transformarem os itens terminados em *-ate* em produção típica de verbos, mesmo não importando onde recaia o acento, eles não conseguem ter uma boa *performance* nos itens em que figuram também como substantivo e/ou adjetivo. Provavelmente isso se justificaria pelo fato de o aluno criar uma estratégia de hipergeneralização, ou seja, assumir que em todos os itens terminados em *-ate* a vogal / a / é pronunciada como ditongo / ei /, não efetuando, assim, a redução vocálica.

Às vezes, os alunos fazem a distinção entre um e outro item lexical apenas pela abertura da vogal, como é o caso da primeira vogal do par *desert* (/ˈdɛzɜrt/ como substantivo e /dɪˈzɜrt/ como verbo), não importando muito a correta atribuição do acento. Esse fato talvez se explique pela interferência de língua materna, já que em casos de itens homógrafos, porém não-homófonos e com o acento posicionado na mesma sílaba, somente a abertura da vogal determina a diferença entre verbos e não-verbos, conforme /alˈmɔsu/ (verbo – 1ª pessoa do singular, presente do indicativo) e /alˈmosu/ (substantivo masculino).

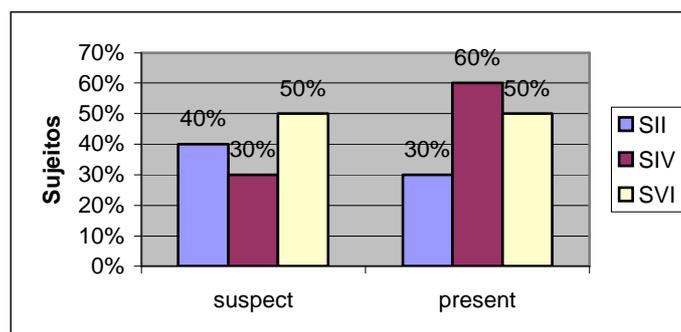
Em muitos casos, por exemplo, se o aprendiz acerta a posição do acento num dado item lexical, não chega a produzir corretamente as vogais daquele item em outra frase na qual esse item desempenha outra função categorial. Em resumo, não há uma consciência por parte dos aprendizes de que vogal e acento estão intimamente relacionados para uma boa produção de itens de pares mínimos de palavras.

### 3.1.1.2.3 Teste de Produção – Fase 3 – Repetição de Frases

O teste de produção ainda incluiu uma terceira fase, denominada Teste de Produção - Fase 3, que aconteceu nos momentos finais de cada etapa da 1ª fase do teste de percepção. Essa fase, que consistia na repetição de uma frase que o aluno havia acabado de escutar na tarefa 3 do teste de percepção, tinha o objetivo de verificar se os participantes, mesmo depois de terem escutado a frase pronunciada corretamente por um nativo, eram capazes de emitir o item lexical em questão com todas as suas características segmentais e supra-segmentais. Os itens utilizados para tanto foram os seguintes: *suspect* (*noun*) e *present* (*verb*).

Nesta fase, somente a primeira emissão de cada participante foi levada em consideração para o cômputo dos dados. Isso se determinou porque, em algumas casos, alguns itens foram emitidos mais de uma vez, ocasionando mais de uma resposta por parte dos participantes. Acontecia de o aluno sempre modificar a posição do acento se lhe fosse pedido para repetir o mesmo item, possivelmente por acreditar que não havia acertado na primeira vez e assim, aumentar suas chances de acerto. Inversamente a esse fato, em algumas vezes que houve repetição do mesmo item lexical, geralmente percebeu-se que o aprendiz imprimiu as características supra-segmentais de forma correta na segunda emissão, ou seja, ele percebia que havia cometido um equívoco e, então, se autocorrigia, não caracterizando isso um erro propriamente dito.

GRÁFICO 09  
Teste de Produção - Fase 3



O gráfico acima traz os percentuais dos sujeitos que produziram de forma correta os itens lexicais. Observa-se que não houve um crescimento esperado do número de participantes que acertaram essa tarefa no item /'sʌspekt/. No outro item, /pri'zənt/, até nota-se um ensaio de ascensão dos valores relativos a acertos, mas os valores decaem ao chegarem no SVI. Os resultados dessa fase, de forma individualizada para cada participante, encontram-se nas tabelas do teste de percepção fase 1, na coluna de tarefa 4, já que nos propusemos a analisar essa tarefa em conjunto com as outras precedentes (tarefas 1, 2, 3).

De acordo com a tabela abaixo, é importante notar que os alunos que acertaram a posição do acento nos itens lexicais não fizeram a correta manutenção da qualidade vocálica. Outra característica comum foi atribuir a mesma intensidade nas duas sílabas do mesmo item lexical. Vejamos as realizações mais comuns para cada item no quadro abaixo:

Quadro 06: Realizações mais frequentes dos aprendizes quando da repetição de frases

Item Lexical	Realizações mais frequentes dos aprendizes
/'sʌspekt/ substantivo	[ˈsuspekt], [susˈpekt], [ˌsusˈpekt], [ˈsʌspɪkt], [ˈsʌsˈpekt], [sʌsˈpekt], [susˈpekti]
/pri'zənt/ verbo	[ˈprezənt], [priˈzənt], [ˈprɪzənt], [ˈprezent], [preˈzent], [priˈzant], [priˈzent], [ˈprezent], [ˌpreˈzent], [ˈprɪsent], [priˈsent], [ˈpriːzent]

### 3.1.2 A PERCEPÇÃO

#### 3.1.2.1 TESTE DE PERCEPÇÃO - Fase 1

Essa fase, de natureza metalingüística, constituiu-se de 4 (quatro) tarefas. Na primeira tarefa, o aluno ouvia atentamente duas frases idênticas, exceto pelo item lexical que continha acento em duas sílabas distintas, e tinha de circular as sílabas que lhe pareciam mais proeminentes. Na segunda tarefa, o aluno escutava e marcava a opção que considerava ser corretamente pronunciada pelo falante naquele contexto. Na terceira tarefa, o aluno ouvia a frase correta ser pronunciada e decidia se a sua seleção anterior havia sido bem-sucedida, expressando isso através da escolha entre certo e errado. A quarta tarefa, que se tratava de repetição, transformou-se em apêndice do teste de produção, o que já foi explicado anteriormente no item 3.1.1.2.3.

Os itens que serviram para a análise foram SUSPECT (substantivo) e PRESENT (verbo). Devido à natureza metalingüística dessa fase, faz-se necessário prover uma tabela que analise os três níveis de proficiência independentemente. Apresentamos a seguir as tabelas com os resultados dos participantes dos semestres II, IV e VI:

## QUADRO 07

## Teste de Percepção - Fase 1 - Quadro de tarefas do Semestre II

Participante	Parte I (Suspect)					Total	Parte II (Present)					Total
	Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4		Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	
	Frase 1	Frase 2					Frase 1	Frase 2				
1	1	1	1	1	1	5	1	1	0	0	0	2
2	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	5
3	1	1	1	0	1	4	1	1	1	1	0	4
4	1	1	0	0	0	2	1	1	0	1	0	3
5	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	0	4
6	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5
7	1	1	0	1	Frase não gravada	3	1	1	1	1	1	5
8	1	1	0	1	1	4	0	0	0	0	1	1
9	1	0	0	1	0	2	1	1	0	1	1	4
10	1	1	1	1	1	5	1	1	0	1	1	4

Legenda

0 - erro

1 - acerto

## QUADRO 08

## Teste de Percepção Fase – 1 - Quadro de tarefas do Semestre IV

Participante	Parte I (Suspect)						Total	Parte II (Present)						Total
	Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4				
	Frase 1	Frase 2				Frase 1					Frase 2			
1	1	1	1	0	1	4	1	1	1	1	0	4		
1	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5		
3	1	1	1	1	0	4	1	1	1	1	1	5		
4	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	0	4		
5	1	1	0	0	0	2	1	1	0	0	0	2		
6	1	1	1	0	1	4	1	1	1	1	1	5		
7	1	1	0	1	1	4	1	1	0	1	1	4		
8	1	1	0	0	0	2	1	1	1	1	1	5		
9	1	1	0	1	0	3	1	1	1	1	1	5		
10	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5		

Legenda  
 0 - erro  
 1 - acerto

## QUADRO 09

## Teste de Percepção - Fase 1 - Quadro de tarefas do Semestre VI

Participante	Parte I (Suspect)						Total	Parte II (Present)						Total
	Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	Tarefa 1		Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4				
	Frase 1	Frase 2				Frase 1					Frase 2			
1	0	0	1	0	0	1	1	1	0	1	1	4		
2	1	1	0	1	1	4	1	1	1	1	1	5		
3	0	1	0	1	1	3	1	1	0	1	0	3		
4	1	1	0	0	0	2	1	1	1	1	1	5		
5	1	1	1	1	1	5	1	1	0	1	1	4		
6	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5		
7	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	0	4		
8	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	5		
9	1	1	0	0	1	3	1	1	1	1	1	5		
10	1	1	1	1	1	5	1	1	0	1	1	4		

Legenda  
0 - erro  
1 - acerto

Como se pode perceber pelos quadros acima (02, 03 e 04), há casos em que os sujeitos acertam todas as tarefas, há outros que não são bem sucedidos na execução das duas primeiras tarefas, porém escolhem a frase correta. Há casos também em que o sujeito acerta todas as três primeiras tarefas, mas, curiosamente ao chegar na última, que contou somente com a reprodução de uma frase recém guardada em sua memória fonética-fonológica, não consegue realizá-la de forma satisfatória.

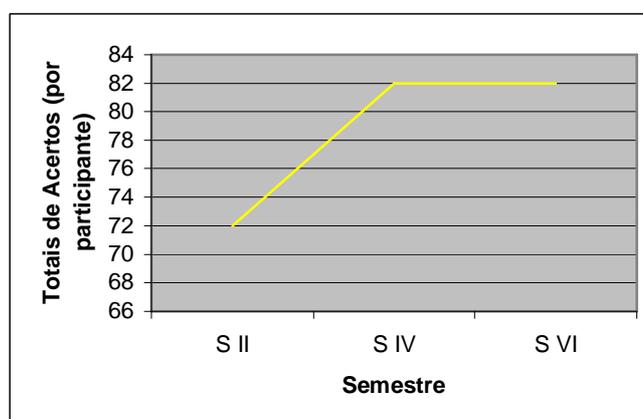
Os casos mais instigantes são os que envolvem o insucesso nas duas primeiras tarefas, que são relativas, respectivamente, à percepção da intensidade e à escolha da categoria lexical. O participante, mesmo tendo considerado erroneamente a intensidade nas duas primeiras frases da tarefa 1 e tendo escolhido incorretamente a frase que acabara de ouvir corretamente sendo pronunciada pelo nativo, ao chegar à terceira tarefa, acha que acertou em sua escolha.

Não nos aprofundaremos nas possíveis causas que desencadearam as tomadas de decisão, pois elas podem estar atreladas a fatores psicolinguísticos e que não foram contemplados nos objetivos da nossa pesquisa. Espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já realizados dessa mesma natureza, possam contribuir de forma positiva com teorias que se propõem a estudar esses fenômenos.

Ao somarmos todos os acertos concernentes às tarefas da fase 1 do teste de percepção, chegamos ao seguinte gráfico que expressa a linha de desenvolvimento das capacidades meta-perceptivas dos aprendizes em relação às habilidades de percepção, como expressa o gráfico abaixo:

GRÁFICO 10

Total de acertos de tarefas por semestre



### 3.1.2.2 TESTE DE PERCEPÇÃO - Fase 2

Essa fase teve como objetivo investigar as hipóteses que o aluno assume ao lidar com a escolha da posição do acento, e se compôs de dois momentos: Percepção da Posição do Acento (Escolha Silábica) e Escolha da Categoria Lexical. Apresentaremos os resultados de forma separada por eles, *per se*, expressarem naturezas distintas.

#### 3.1.2.2.1 Percepção da Posição do Acento

A seguir vejamos os resultados, por participante, dos semestres quanto à percepção da posição do acento (escolha silábica):

TABELA 04

Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S II

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
1	10	7	70%
2	10	6	60%
<b>3</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>100%</b>
4	10	9	90%
5	10	9	90%
6	10	9	90%
7	10	6	60%
8	10	8	80%
<b>9</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>60%</b>
10	10	9	90%

Embora a média de acerto global do grupo S II seja bem satisfatória (ver gráfico 11), é importante ressaltar que há um desvio representado pelo participante 9. Ao nos reportarmos a seu histórico, constatamos que, tanto ele quanto seu vizinho (P8), que figura com um percentual de 80%, possuem a mesma quantidade em tempo de exposição à L2. Já outro caso atípico é o de P3 (em negrito), que mesmo sendo a primeira vez que estuda a língua, conseguiu 100% de acerto na escolha silábica.

TABELA 05

Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S IV

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
<b>1</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>50%</b>
2	10	8	80%
3	10	8	80%
4	10	6	60%
5	10	7	70%
6	10	7	70%
7	10	7	70%
<b>8</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>60%</b>
9	10	9	90%
10	10	9	90%

Aqui, então, é justificável o fato de que P1 tenha obtido um percentual regular, afinal esse participante não possui nenhum histórico em L2. Porém, ao depararmos com o caso do participante 8, que expressa 60% de acertos, mas possui uma prévia experiência antes de começar a estudar na instituição (CCB), não compreendemos a causa de seu insucesso. É importante observar seus dados em outras fases e verificar se esse desvio se mantém.

TABELA 06

Teste de Percepção – Fase 2 – Escolha Silábica – S VI

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
1	10	8	80%
2	10	8	80%
3	10	8	80%
4	10	8	80%
5	10	8	80%
6	10	9	90%
7	10	9	90%
8	10	10	100%
9	10	10	100%
10	10	9	90%

A tabela acima demonstra que no semestre VI não houve nenhum desvio impressionante quanto à Escolha Silábica, muito pelo contrário: os aprendizes

demonstram um alto índice de acerto nas suas escolhas. Passemos à análise da Decisão Categorical dos semestres II, IV e VI.

### 3.1.2.2.2 Decisão Categorical

TABELA 07

Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S II

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
1	10	9	90%
<b>2</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>30%</b>
3	10	6	60%
4	10	8	80%
5	10	8	80%
6	10	6	60%
7	10	10	100%
8	10	8	80%
9	10	9	90%
10	10	9	90%

Na tabela acima, o participante nº 2 (marcado em negrito) representa um desvio em relação à norma dos demais. É de se esperar que ele figure com um baixo percentual já que não conta com nenhuma outra experiência anterior, exceto a da instituição que frequenta. Os fatores causadores de seus resultados insatisfatórios devem-se, eventualmente, a problemas externos ou a fatos idiossincráticos que se materializaram *ad hoc* quando da execução da tarefa.

TABELA 08

Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S IV

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
1	10	10	100%
2	10	7	70%
3	10	8	80%
4	10	9	90%
5	10	9	90%
6	10	10	100%
7	10	10	100%
<b>8</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>60%</b>
9	10	9	90%
10	10	10	100%

O participante 8 representa um desvio em relação à norma em um grupo que obteve um altíssimo índice de acertos. Assim, como no semestre II, os fatores que contribuíram para seus resultados razoáveis ainda não são conhecidos por nós.

TABELA 09

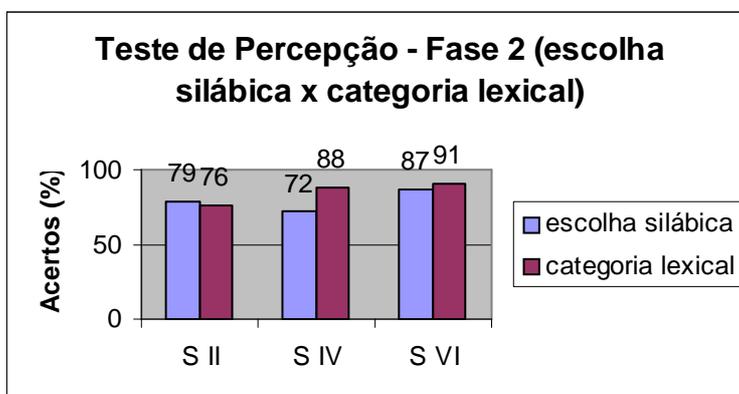
Teste de Percepção - Fase 2 - Decisão de categoria lexical – S VI

Participantes	Nº de tentativas	Nº de respostas corretas	% Respostas Corretas
1	10	10	100%
2	10	10	100%
3	10	9	90%
<b>4</b>	<b>10</b>	<b>6</b>	<b>60%</b>
5	10	10	100%
6	10	10	100%
7	10	10	100%
8	10	10	100%
9	10	9	90%
10	10	7	70%

Novamente nos deparamos com outro caso de desvio do participante nº 4 em relação ao grupo. Observemos que em seu grupo, S VI, seis participantes atingiram o máximo de escores na atividade desempenhada. P4 apresentou também baixos índices de percentagem na escolha silábica, embora em seu teste de produção na fase 2 tenha obtido um dos máximos percentuais em seu grupo.

GRÁFICO 11

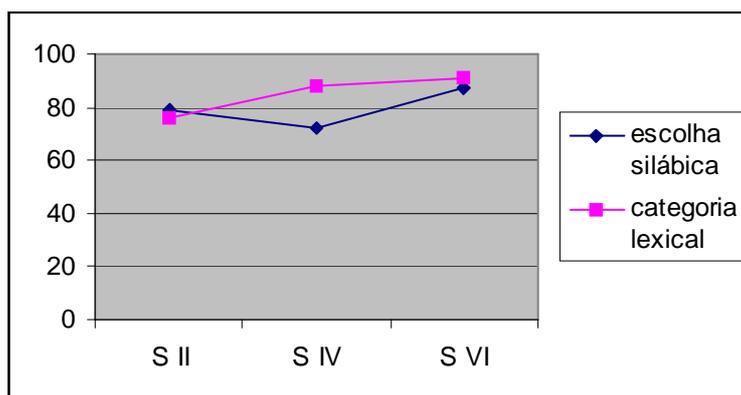
Conjunto das médias de desempenho (percentuais de acerto) em cada semestre



O gráfico acima expressa as médias dos grupos S II, S IV e S VI em suas modalidades de escolha silábica e categoria lexical. Para verificar o desenvolvimento do percurso da interlíngua da percepção do acento, passemos à análise do gráfico seguinte:

GRÁFICO 12

Evolução das linhas de hipótese da interlíngua quanto à escolha silábica e à categoria lexical



Através do gráfico acima, percebe-se que ambos os momentos da fase 2 do teste de percepção (Escolha Silábica e Escolha da Categoria Lexical) alcançaram um resultado além do esperado. Excetuando-se os casos atípicos, considera-se esse total de acertos expressivamente positivo, o que demonstra uma capacidade perceptiva do acento, bem como a classificação categorial por parte dos alunos de todos os semestres mostrando-se mais do que satisfatória.

Através da tabela abaixo podemos vislumbrar o contraste entre as médias gerais de acerto nas fases de produção e de percepção:

TABELA 10

Médias gerais de acerto das fases dos testes de produção e de percepção

Semestre	Produção		Percepção		
	Fase 2	Fase 3	Fase 1	Fase 2 (ES e CL)	
II	45,5%	70%	72%	72%	76%
IV	55,5%	60%	82%	72%	88%
VI	53,5%	65%	82%	87%	91%

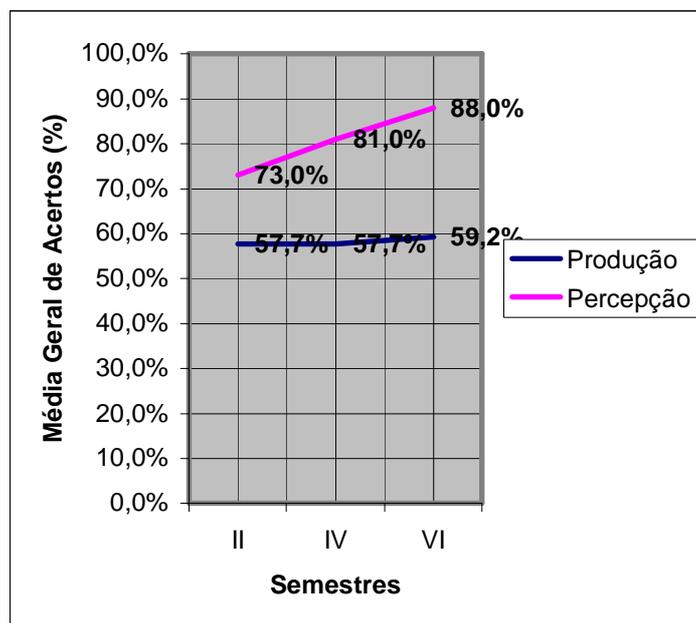
Legenda:

ES = Escolha Silábica

CL = Categoria Lexical

GRÁFICO 13

Linhas de Evolução representantes dos testes de Produção e Percepção



Podemos visualizar no gráfico acima que a linha do percurso da interlúngua no processo de percepção sofre mais inclinação do que a linha que representa o processo de produção. Assim, podemos concluir que as habilidades perceptivas estão num estágio mais avançado do que as habilidades de produção oral, pelo fato de não haver um alinhamento angular das duas linhas, ou seja, as duas linhas não se encontram em crescimento linear paralelo.

### 3.2 IMPORTÂNCIA DE OUTRAS VARIÁVEIS

Com o propósito de verificar a relevância de outras variáveis lingüísticas e sociais no fenômeno da mudança categorial, consideraram-se as seguintes variáveis na correta atribuição do acento primário de pares mínimos de língua inglesa produzidos por alunos brasileiros:

1. EXTENSÃO DO VOCÁBULO
2. CATEGORIA LEXICAL
3. TIPO DE TAREFA
4. SEXO
5. FAIXA ETÁRIA
6. GRAU DE INSTRUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

### 3.2.1 Variáveis Lingüísticas

Vejamos os seguintes fatores que podem provocar mudança categorial nos pares mínimos de palavras de língua inglesa.

#### 3.2.1.1 Extensão do vocábulo

A análise dos dados pretendia verificar se a extensão do vocábulo (dissílabo – trissílabo – polissílabo) era uma variável que afetava a produção do acento primário do aprendiz:

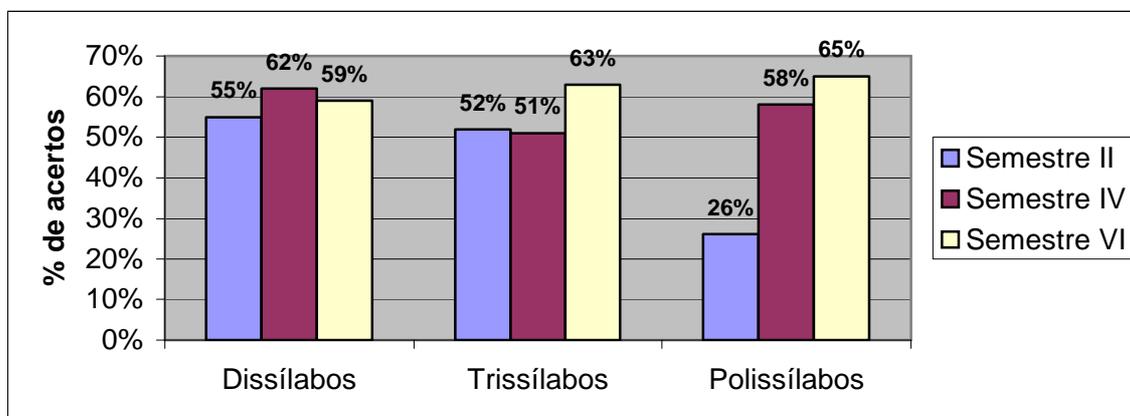
TABELA 11

Porcentagem de acertos em relação à variável extensão do vocábulo

Extensão do Vocábulo	Semestre II	Semestre IV	Semestre VI
Dissílabos	55%	62%	59%
Trissílabos	52%	51%	63%
Polissílabos	26%	58%	65%

GRÁFICO 14

Variável Extensão do Vocábulo



Pelos resultados descritos no gráfico acima, observa-se que não há uma extraordinária variação numérica em relação aos padrões acentuais de dissílabos e trissílabos em todos os semestres. Já para o S II, os polissílabos representam um problema, já que a quantidade de acertos diminuiu pela metade em relação aos dissílabos e trissílabos.

### 3.2.1.2 Categoria Lexical

A partir do exame da amostra coletada, pretendeu-se determinar em qual categoria lexical os alunos apresentaram melhor desempenho quanto à colocação do acento primário. Por conseguinte, assim também se determinou qual regra está melhor internalizada pelo sujeito num dado período de proficiência, já que um fato que se deve levar em consideração é que em certas instituições que não a CCB, as regras de atribuição do acento de pares mínimos são ensinadas somente em níveis mais avançados e, geralmente, em módulos de fonologia da língua inglesa. Observemos a tabela de frequência abaixo:

TABELA 12

Teste de Produção - Fase 2 - Frequência de respostas corretas por categoria lexical  
- Acento Primário

Semestre	Adjetivos	Substantivos	Verbos
S II	10/30 = 33,3%	27/70 = 38,6%	54/100 = 54%
S IV	13/30 = 43,3%	34/70 = 48,6%	64/100 = 64%
S VI	17/30 = 56,7%	29/70 = 41,4%	61/100 = 61%

O que se pode delinear dos resultados acima, que também estão expressos em forma de gráficos (gráficos 15 e 16), é que a categoria lexical dos verbos possuiu uma frequência maior de acertos em todos os semestres (II, IV e VI), o que leva a concluir que os alunos possuem melhor desempenho na produção dos verbos em todos os níveis de proficiência.

GRÁFICO 15

Linha de evolução do desempenho das categorias lexicais (forma de linhas)

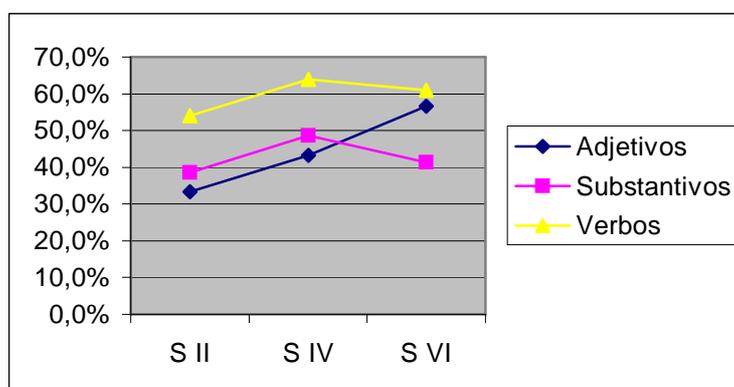
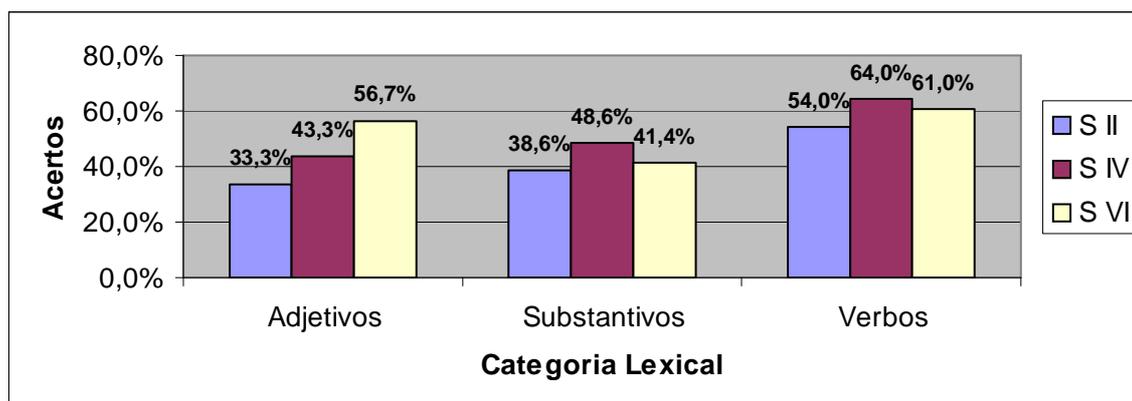


GRÁFICO 16

Evolução do desempenho das categorias lexicais (forma de histograma)



Os dois gráficos acima (15 e 16) também expressam a evolução de desempenho dos alunos quanto às categorias lexicais, embora de forma diferente (um gráfico apresenta essa evolução em forma de linhas e o outro gráfico em forma de histograma).

## 3.1.2.3 Tipo de tarefa

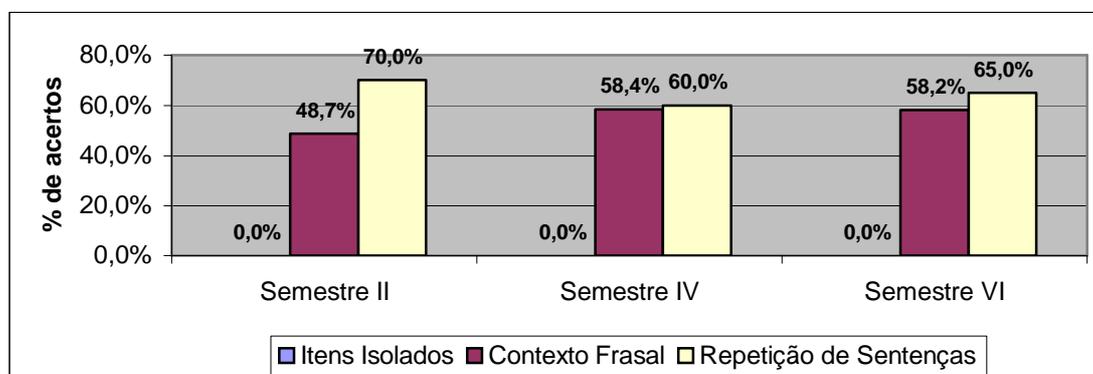
TABELA 13

Percentuais de acerto em cada tipo de tarefa

Tipo de Tarefa	Semestre II	Semestre IV	Semestre VI
Itens Isolados	0,0%	0,0%	0,0%
Contexto Frasal	48,7%	58,4%	58,2%
Repetição de Frases	70,0%	60,0%	65,0%

GRÁFICO 17

Variável Tipo de Tarefa



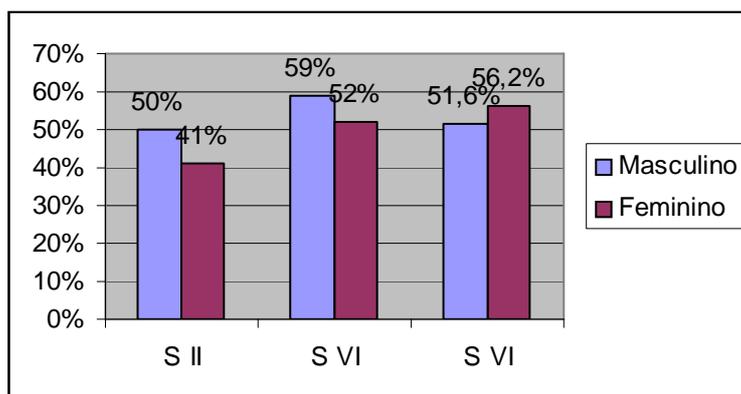
O gráfico anterior demonstra que a tarefa de Repetição de Frases alcançou o maior número de resultados positivos em todos os semestres, sendo, portanto, a tarefa de Leitura de Frases que possa ter vindo a influenciar de forma negativa a produção de frases que continham componentes de par mínimo. Lamentamos o fato de a fase 1 do teste de produção ter sido descartada. Assim poderíamos contrastar um número maior de tarefas que pudessem interferir na produção dos itens lexicais. Lamentamos também o fato de não termos aferido a percepção dos falantes nativos para fins de contraste com os falantes brasileiros.

### 3.2.3 Variáveis Sociais

#### 3.2.3.1 Sexo

GRÁFICO 18

Freqüência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável sexo



Com base nos valores da tabela acima, podemos afirmar que a aplicação das regras de atribuição do acento é mais freqüente, embora com pouca diferença, entre os participantes do sexo masculino (53,3%), em comparação aos participantes do sexo feminino (49,7%). No entanto, não se pode afirmar que essa variável possa ser sempre levada em consideração, pois reflete a realidade de um universo particular. Outras amostras devem ser estudadas para outros fins de comparação.

### 3.2.3.2 Faixa etária

Sobre a influência da idade na aquisição de L2, Odlin (1989: 137)<sup>115</sup> argumenta que:

*“...the inevitability of the aging process makes the relation between language and age special...If the common belief is true that “younger is better” for the acquisition of a second language, there may be a definite relation between transfer and aging.”*

Para verificarmos se a idade influencia no desempenho da produção dos padrões acentuais de pares mínimos, observemos a tabela abaixo:

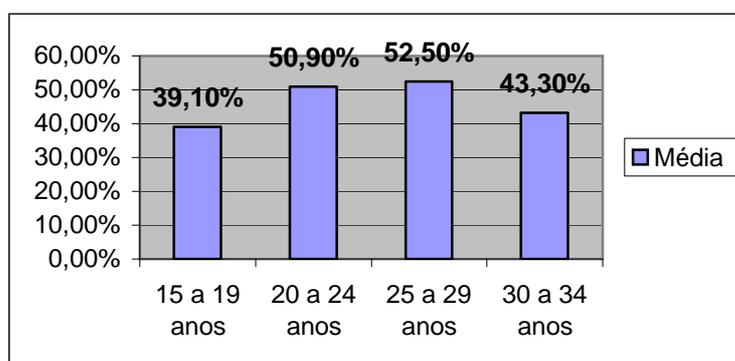
TABELA 14

Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável faixa etária

Faixa Etária	Semestre II	Semestre IV	Semestre VI
15 a 19 anos	47,5%	60,0%	10,0%
20 a 24 anos	43,3%	51,2%	58,3%
25 a 29 anos	52,5%	0,0%	0,0%
30 a 34 anos	30,0%	56,6%	0,0%

GRÁFICO 19

Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável faixa etária



Pelo gráfico acima, observa-se que as faixas etárias de 25-29 e de 24-25 anos lideram no processo de atribuição correta do acento primário, o que era de se esperar, pois a instituição em que o corpus foi coletado oferece mais de 70% das suas vagas para alunos que estão cursando a universidade. Pela proximidade das médias de acerto

115 ODLIN, Terence. Language transfer: cross-linguistic influence in language learning. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

apresentados para cada faixa etária, conclui-se que o grau de instrução em L1, pelo menos no universo da amostra coletada, não representa uma garantia para um bom desempenho na correta atribuição do padrão acentual de pares mínimos.

### 3.2.3.3 Grau de instrução em língua portuguesa

TABELA 15

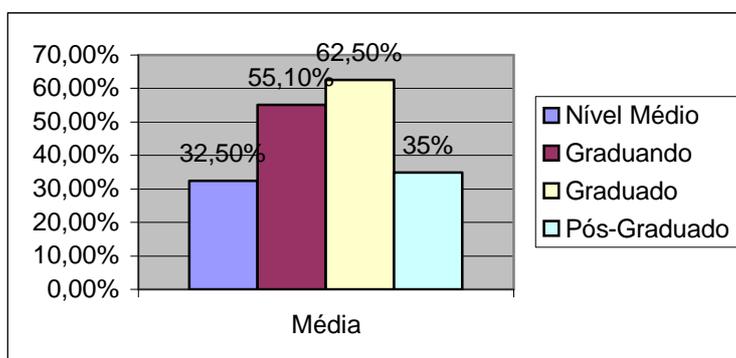
Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável grau de instrução em L1

Escolaridade	S II	S IV	S VI
Nível Médio	37,50%	50%	10%
Graduando	49%	58%	58,3
Graduado	45%	80%	0%
Pós-Graduado	0%	35%	0%

Pela leitura dos dados da tabela 15, observa-se que não houve representantes de graduados no S IV e representantes pós-graduados nos semestres II e VI. Contudo, essas lacunas de informação não interferiram nos resultados globais por semestre pelo fato de extrairmos a média dos valores percentuais de cada grupo. Observemos a frequência desses dados no gráfico a seguir:

GRÁFICO 20

Frequência da correta aplicação das regras de acento primário em relação à variável grau de instrução em L1



### 3.3 OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Na realidade, ainda não se sabe ao certo porque os alunos não conseguem desempenhar a produção desses pares mínimos de forma tão eficiente o quanto são eles percebidos, mesmo se as regras de atribuição de acento são conhecidas pelo aprendiz. É importante dar relevo aqui a teorias recentes que poderiam ser utilizadas futuramente na análise deste *corpus*. Uma delas é a teoria do *input* fonológico, descrito por Flege (1991)<sup>116</sup>, que pressupõe que qualquer indivíduo é capaz de produzir sons nas mais variadas línguas, pois seus mecanismos de emissão e percepção fonética, ativados na infância, são capazes de funcionar eficientemente em qualquer situação que demande uma nova reestruturação para o reconhecimento de fonemas de outro inventário lingüístico. Isso vale também para o acento.

Os resultados de Flege (1991) dão apoio à crença de que “adults retain the phonetic learning ability that permitted them, as children, to learn to speak their L1 without accent even though certain factors may prevent them from making optimal use of their ability”.

Não se pode negar a existência de outras teorias que poderiam explicar também a mudança categorial, tais como: teoria da co-articulação antecipatória a longa distância (Hawkins, 2003)<sup>117</sup> e teoria da sobrecarga da memória de trabalho (Lima & Françoso, 2001)<sup>118</sup>, que não foram contempladas aqui, mas que poderão ser retomadas posteriormente por nós ou por outros pesquisadores que desejem retomar os dados desta pesquisa e analisá-los sob novas perspectivas.

#### 3.3.1 Acento secundário

Nossa pesquisa não objetivou analisar a correta atribuição do acento secundário em pares mínimos formados por três ou por quatro sílabas. No entanto, em caráter resumido, elegemos três aprendizes, cada um situado no topo da escala de nível de proficiência (S II, S IV e S VI) para a coleta e análise de dados acústicos.

---

116 FLEGE, J. E. Perception and production: the relevance of phonetic input to L2 phonological learning. In: Huebner, T. & Ferguson, C. A. (orgs.) Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.

117 HAWKINS, S. Temporal integration in the perception of speech: introduction. *Journal of Phonetics*, 31, 2003. p. 279–287.

118 LIMA, P. L. C. & FRANÇOSO, E. Memória de trabalho e produção oral da linguagem. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, nº 40, Campinas, 2001. p. 93-105.

A análise espectrográfica das emissões desses três alunos revelou dois fatos relevantes: 1) todos os sujeitos tiveram uma expressiva diferença acústica entre os graus de intensidade, causando um número considerável de inversões quanto ao posicionamento do acento primário e acento secundário, ou seja, os aprendizes imprimiram maior intensidade às sílabas que, originalmente, contêm acento secundário, embora esse fato não confirme a interferência direta do padrão acentual da língua portuguesa; 2) Existiu uma relativa variação da qualidade vocálica em quase todas as emissões desses sujeitos e, em certos casos, houve a substituição ou a inserção de vogais que são próprias do sistema vocálico do PB, até mesmo no sujeito que possuía mais tempo de exposição à LAL.

Com isso, percebeu-se que os alunos posicionaram o acento primário em sílabas que originalmente carregariam acento secundário, ou seja, os alunos ainda não estão aptos a implementar a intensidade necessária do acento tônico, que diferencia o acento primário do acento secundário. Isso se deve a duas possíveis causas: 1) A teoria motora de percepção da fala (*Motor Theory of Speech Perception*<sup>119</sup>) apresentada por Ladefoged (1993); 2) Pelos pés se formarem da esquerda para a direita na língua portuguesa, interferindo na produção desses itens da língua inglesa, cuja formação dos pés parte da direita para a esquerda (Archibald, 1998).

---

119 Ladefoged (1993) explica que o ouvinte toma como referência suas próprias atividades motoras-articulatórias para perceber e identificar os acentos que os outros interlocutores estão fazendo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa investigamos a produção e a percepção do padrão acentual e a redução vocálica em pares mínimos de língua inglesa, em alunos brasileiros de língua inglesa, divididos igualmente em três níveis diferentes de proficiência, para observar o funcionamento do acento na identificação desses pares mínimos.

Para a execução da pesquisa, recorreu-se à montagem de um *corpus* que atendesse aos seguintes objetivos específicos:

1. Investigar que fatores lingüísticos (categoria lexical, extensão do vocábulo, tipo de tarefa) interferem na produção de pares mínimos de palavras da língua inglesa;
2. Investigar que fatores sociais (sexo, faixa etária, grau de instrução em L1) influenciam na produção de pares mínimos de palavras da língua inglesa;
3. Determinar graficamente, a partir de tarefas de produção e percepção, a linha de hipótese representativa do percurso da interlíngua dos semestres II, IV e VI.
4. Verificar se há manutenção da vogal reduzida nas sílabas não acentuadas na produção dos pares de palavras.

Para isto realizou-se uma prévia triagem dos participantes para que fossem contatados e entrevistados posteriormente. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada aluno e cada uma foi dividida em duas grandes etapas: Teste de Produção e Teste de Percepção Auditiva, em que se observou o desempenho dos aprendizes quando da produção e da percepção do acento primário e a redução vocálica.

Nossa pesquisa partiu das seguintes hipóteses:

6. O sucesso na produção dos padrões acentuais dos pares mínimos deve-se a uma boa percepção dos mesmos;
7. Os aprendizes se baseiam nas regras do sistema acentual da língua materna para escolha da posição do acento nos pares mínimos de L2;
8. Os aprendizes produzirão a redução vocálica nos componentes de pares mínimos em forma de adjetivo que contém três ou quatro sílabas (*e.g.*: *separAte*, *appropriAte*, *graduAte*);

9. A exposição continuada do aprendiz à LAL fará com que ele se familiarize melhor com as regras de atribuição do acento em pares mínimos, ou seja, o nível de proficiência está diretamente relacionado à quantidade de acertos.
10. Há a interferência de variáveis extralingüísticas, ou seja, variáveis sociais, na má pronúncia de itens lexicais de pares mínimos.

A hipótese nº 1 não foi confirmada, pelo fato dos totais de acertos dos testes de produção não acompanharem linearmente os resultados quantitativos dos testes de percepção, que revelaram capacidades mais do que satisfatórias no que diz respeito à percepção da mudança de acento e determinação da categoria lexical. Em resumo, os aprendizes possuem uma satisfatória capacidade de percepção da sílaba tônica que carrega o acento e são suficientemente seguros quanto a decidir que categoria lexical cada item desempenha em uma dada frase.

Uma das causas para o insucesso na produção dos itens lexicais foram as estratégias de hipergeneralização e também a interferência fonética e fonológica de elementos supra-segmentais. Uma porcentagem significativa dos aprendizes que participaram dos testes obteve sucesso na atribuição do acento primário, porém não primando por uma correta qualidade vocálica e manutenção de consoantes da língua inglesa na produção de pares mínimos.

Outra hipótese levada em consideração foi a de que os aprendizes se baseiam nas regras do sistema acentual da língua materna para a escolha da posição do acento nos pares mínimos de L2. A “desconstrução” de pares mínimos através da má pronúncia de um de seus componentes, muitas vezes se transformando itens lexicais paroxítonos em itens proparoxítonos, não confirma a interferência direta do padrão acentual da língua portuguesa, mas a tendência do PB em ser uma língua paroxítona influencia a produção incorreta de alguns componentes de pares mínimos.

Em relação à produção da redução vocálica em adjetivos que contém três ou quatro sílabas (*e.g.: separAte, appropriAte, graduAte*), os testes de produção apresentaram um número excessivamente reduzido de emissões corretas na redução vocálica, característica fundamental para a inteligibilidade de alguns pares mínimos. Observou-se que a mudança da qualidade vocálica, ou seja, a inserção, a elisão ou a substituição de elementos do nível segmental, influenciou de maneira negativa a produção dos padrões acentuais dos pares mínimos de língua inglesa. As substituições preferidas pelos aprendizes, quando da substituição das vogais reduzidas, são a vogal

central baixa / a / e o ditongo / ei/. O que se pôde perceber é que não há uma consciência por parte dos aprendizes de que vogal e acento estão intimamente relacionados para uma boa produção de itens de pares mínimos de palavras.

Quanto ao nível de proficiência (semestre que o aluno está matriculado) ser diretamente relacionado à quantidade de acertos, essa hipótese foi confirmada parcialmente, pois os resultados apontaram que em alguns casos, o nível de proficiência do aprendiz não é o único responsável pelo sucesso na atribuição do acento e na produção da redução vocálica, mas sim o tempo de exposição à língua, confirmado pela quantidade de horas-aula anteriores ao início do curso na instituição em que o *corpus* foi coletado. Notou-se nas fases 2 e 3 dos testes de produção que a linha de hipótese do percurso da interlíngua na atribuição do acento em pares mínimos sofre uma ascensão ótima e considerável no trecho entre S II e S IV, porém estaciona ao chegar em SVI. Seria necessário analisar os próximos níveis de proficiência para determinar esse desenvolvimento em semestres mais avançados e verificar se a linha de hipótese continuaria estável, decairia ou cresceriam, conforme o esperado.

Por se tratar de uma variável que não foi controlada, o histórico em L2 revelou um processo de fossilização responsável pelos desvios de produção em sujeitos pertencentes ao mesmo nível de proficiência (semestre). Isto se deveu ao fato de a instituição em que o *corpus* foi coletado congrega nas mesmas turmas aprendizes com históricos em L2 um tanto quanto heterogêneos.

A análise das variáveis lingüísticas pretendia verificar também se a extensão do vocábulo (dissílabo – trissílabo – polissílabo) era uma variável que afetava a produção do acento primário pelo aprendiz. Observou-se que não houve uma extraordinária variação numérica entre os padrões acentuais de dissílabos e trissílabos nos semestres IV e VI. Somente para o S II os polissílabos representam um problema, já que a quantidade de acertos diminuiu pela metade em relação aos dissílabos e trissílabos.

Pretendeu-se determinar em qual categoria lexical os alunos apresentam melhor desempenho quanto à colocação do acento primário. Por conseguinte, assim também se determinou qual regra estaria melhor internalizada pelo sujeito num dado período de proficiência. A categoria lexical dos verbos possuiu uma freqüência maior de acertos em todos os semestres (II, IV e VI), o que leva a concluir que os alunos possuem melhor desempenho na produção dos verbos em todos os níveis de proficiência.

O tipo de tarefa que exerceu alguma influência negativa nos resultados foi a que envolvia leitura de frases, possivelmente pelo fato de muitos participantes terem tido um número elevado de problemas que estão condicionados a outros fatores que não foram contemplados nessa pesquisa.

Quanto a haver interferência de variáveis extralingüísticas, ou seja, variáveis sociais na má pronúncia de itens lexicais de pares mínimos, pode-se dizer que os percentuais representativos das respectivas variáveis (sexo, faixa etária, grau de instrução em L1) não são significativas para o fenômeno de má produção e percepção do acento primário de pares mínimos.

Quando da execução das tarefas de produção e percepção, sentiu-se fortemente a interferência de fatores psicolingüísticos que não foram contemplados aqui, mas que poderão ser retomados posteriormente por nós ou por outros pesquisadores que desejem analisar os dados aqui coletados sob novas perspectivas. A existência de outras teorias poderia explicar os erros cometidos quanto à atribuição do acento: teoria da co-articulação antecipatória a longa distancia (Hawkins, 2003) e teoria da sobrecarga da memória de trabalho (Lima & Françoso, 2001).

Espera-se que os resultados aqui expressos, aliados a outros já realizados dessa mesma natureza, possam contribuir de forma positiva com teorias que se propõem a estudar esses fenômenos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, B. & GALVES, C. As diferenças rítmicas entre o português europeu e o português brasileiro: uma abordagem otimalista e minimalista. In: **D.E.L.T.A.**, vol. 14, n. 2, 1998, p. 377 – 403.
- ALBANO, Eleonora Cavalcante. **O gesto e suas bordas**. Esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- ARCHIBALD, J. **Second language phonology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.
- ARCHIBALD, J. Second language, phonology, phonetics and typology. U.S.A.: Cambridge University Press. **SSLA**, 20, 1998. p. 189 – 211.
- AZEVEDO, Milton M. **A contrastive phonology of Portuguese and English**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1982.
- BAPTISTA, Barbara Oughton. **An analysis of errors of Brazilians in the placement of English word stress**. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) – UFSC, Florianópolis, 1981.
- \_\_\_\_\_. Dificuldades dos alunos brasileiro na colocação do acento vocabular em inglês. In: Bohn, H & Vandressn, P. **Tópicos de lingüística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras**. Série didática. Florianópolis: Editora da UFCS, 1998.
- \_\_\_\_\_. Strategies for the prediction of English word stress. **IRAL** (28), 1989. p. 99-115.
- \_\_\_\_\_. English Stress Rules and Native Speakers. **Language and Speech**, 27 (3), 1984, p. 217 – 233.
- BISOL, L. O acento e o pé binário. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 25-36, dez. 1994.
- \_\_\_\_\_. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 229 – 241.
- BOLINGER, D. **Intonation and its parts**. Melody in spoken English. London: Edward Arnold, 1985.
- BRAZIL, D., COULTHARD, M. & JOHNS, C. **Discourse intonation and language teaching**. London: Longman, 1980.
- BROWN, H. D. Teaching by principles. **An interactive approach to language pedagogy**. 2. ed. New York: Longman, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. O acento: o problema do problema. In: Estudos Lingüísticos XXV **Anais** dos Seminários do GEL. Rio Preto: São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. A regra de atribuição de acentos via afixos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.) **Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos**. Londrina: Editora UEL, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos & MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Quantidade e duração silábica em português do Brasil. In: Revista **D.E.L.T.A.**, Vol 14, Nº Especial, 1998 (47 – 59).

COLLISCHONN, G. Acento secundário em português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 43–53, dez. 1994.

\_\_\_\_\_. O Acento em Português. In BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 125 – 158  
CELCE-MURCIA, Marianne *et al.* **Teaching pronunciation: a reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CLARK, John & YALLOP, Colin. **An introduction to phonetics and phonology**. Cambridge: Basil Blackwell, 1990.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CHOSMSKY, N & HALLE, M. The sound pattern of English. New York: Harper & Row, 1968.

CRYSTAL, David. **Dicionário de fonética e fonologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

**ESL Glossary**. Disponível em: <<http://bogglesworld.com/glossary.htm>>. Acesso em 20 jan. 2005.

CORDER, S.P. The significance of learners' errors. In: RICHARDS, J. C. (org.) **Error analysis: perspectives on second language acquisition**. London: Longman, 1974.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

- FLEGE, J. E., & BOHN, O. S. An instrumental study of vowel reduction and stress placement in Spanish-accented English. *SSLA*, 11, 1989. p. 35-62.
- FLEGE, J. E. Perception and production: the relevance of phonetic input to L2 phonological learning. In: Huebner, T. & Ferguson, C. A. (orgs.) **Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- FLEGE, J. E., MUNRO, M. J. & FOX, R. A. Auditory and categorical effects on cross-language vowel perception. *Journal of the Acoustical Society of America* (95), 1994. p. 3623-3641.
- FRY, D. B. Prosodic Phenomena. In: Malmberg, Bertil (org.) **Manual of phonetics**. London: NHP, 1970.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. **Aprendendo com os erros**: uma perspectiva comunicativa do ensino de línguas. Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- FURTADO, Mônica Dourado. **Dificuldades dos alunos quanto à acentuação das palavras na língua inglesa**. Disponível em: <<http://sw.npd.ufc.br/abralin/vport.htm>>. Acesso em 26 abr. 2003.
- GASS, Susan M. & SELINKER, Larry. **Second language acquisition** – an introductory course. New Jersey: LEA, 1994.
- GARCIA-LECUMBERRI, M. L. An experiment on stress-shift perception by English foreign vs. native listeners. In: JAMES, A. & LEATHER, J. (orgs.), **New Sounds 2000**. Amsterdam: University of Amsterdam, 2000.
- GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental and metrical phonology**. Cambridge, USA: Basil Blackwell, 1990.
- GRAMMONT, Maurice. **Traité de phonétique**. Neuvième édition. Librairie Delagrave: Paris, 1971.
- HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. **An essay on stress**. Massachusetts: The MIT Press, 1987.
- HALLE, M. & KEYSER, S. J. **English stress: Its form, its growth, and its role in verse**. New York: Harper & Row, Publishers, 1971.
- HAYES, B. **A metrical theory of stress rules**. Tese de Doutorado. Universidade de Yale, 1981.
- HAYES, B. **Metrical stress theory: principles and case studies**. Texto não publicado, UCLA, 1992.

- HAWKINS, S. **Temporal integration in the perception of speech**: introduction. *Journal of Phonetics*, 31, 2003. p. 279–287.
- HOGG, R. & McCULLY, C. B. **Metrical phonology** – a coursebook. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- HYMAN, Larry M. **Phonology theory and analysis**. United States: HBJ, 1975.
- \_\_\_\_\_. On the nature of Linguistic Stress. In: HYMAN, L. M. (org.) **Studies in stress and accent** (pp. 37 – 82). Los Angeles: University of Southern California Press, 1977.
- JONES, Daniel. **An outline of English phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- JAMES, Carl. **Errors in language learning and use**: exploring error analysis. Harlow, UK: Longman, 1998.
- KATAMBA, F. **Morphology**. England: Palgrave, 1993. Chapter 8: Prosodic Morphology
- KREIDLER, C. W. **The pronunciation of English**: A course book in phonology. Oxford: Blackwell, 1989.
- KRASHEN, S. D. **Second language acquisition and second language learning**. Oxford, Pergamon, 1981.
- LADEFOGED, Peter. **A course in phonetics**. 3 ed. USA: Hartcourt Brace, 1993.
- LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH**, 1995.
- LONGMAN ADVANCED AMERICAN DICTIONARY**, 2000.
- LADO, Robert. **Linguistics across cultures**. Applied linguistics for language teachers. Ann Harbour: University of Michigan Press, 1957.
- LEE, Seung Hwa. A fonologia lexical do português. **Caderno de Estudos lingüísticos**, Campinas, (23): 103-120, Jul/Dez, 1992.
- LEE, Seung Hwa. A regra do acento do português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre. V. 29, nº 4, p. 37-42, dezembro 1994.
- LIBERMAN, M. & PRINCE, A. (1977) On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**. 8 (2): 249-336.
- LIEBERMAN, P. Some acoustic correlates of word stress in American English. In: **Journal of the Acoustical Society of America**, 32, 1960. p. 451-4.
- LIMA, P. L. C & FRANÇOSO, E. Memória de trabalho e produção oral da linguagem. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, nº 40, Campinas, 2001. p. 93-105.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 3 ed. Lisboa: Ed. Caminho, 1989.

\_\_\_\_\_. **A prosódia no português: sílaba, acento, entonação e ritmo**. No prelo.

MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Aspects de l'accent em portugais**. Hamburg: Buske, 1982.

MORAES, João. Acentuação lexical e acentuação frasal em português: um estudo acústico-perceptivo. In: **Estudos Lingüísticos e Literários** 17, Universidade Federal da Bahia, 1995. pp. 39-57.

MAIRS, J. L. Stress assignment in interlanguage phonology: an analysis of the stress system of Spanish speakers learning English. In: Gass, M & Schatther, J. (orgs.) **Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition**. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1989.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. Sobre a natureza fonética do acento em português (1). In: **D.E.L.T.A.**, vol 9, nº 2, 1993.

\_\_\_\_\_. Sobre o percurso histórico da acentuação em português. In: SCARPA, Ester M. **Estudos de prosódia**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MAJOR, R. C. Stress and rhythm in Brazilian Portuguese. In: **Language**, vol 61, nº 2, 1985, 259-282.

MOREIRA, Nadja da Costa Ribeiro. Saber lingüístico na acentuação do português. In: **Revista de Letras**, Vol 19, Nº 1 / 2 - jan/dez 1997.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. **Oficina de lingüística aplicada**. A natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht; Foris, 1986.

ORION, Gertrude F. **Pronouncing American English**. Sounds, stress, and intonation. 2 ed. United States: Heinle & Heinle Publishers, 1997.

ODLIN, Terence. **Language transfer: cross-linguistic influence in language learning**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

PENG, L. & ANN, J. An alternative transfer: Unity in stress placement in English as a second language. In: A. James & J. Leather (orgs.), **New Sounds 2000**. Amsterdam, Holland: University of Amsterdam, 2000.

PRATOR, Jr., Clifford H. & ROBINETT, Betty Wallace. **Manual of American English pronunciation**. 4 ed, Orlando: Harcourt Brace, 1985.

- ROACH, P. **English phonetics and phonology**. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- SANTOS, Raquel. Categorias Sintáticas Vazias e Retração de Acento em Português Brasileiro. **DELTA**, 2002, vol.18, no.1, p.67-86.
- STEINBERG, Martha. **Pronúncia do inglês norte-americano**. São Paulo: Ática, 1985.
- SELINKER, L. Interlanguage. In: RICHARDS, J. C. (org.) **Error analysis: perspectives on second language acquisition**. London: Longman, 1974.
- SILVEIRO, L. A. S. **The perception and production of English compound stress patterns by Brazilian learners of English**. Dissertação (Mestrado em Língua Inglesa) - UFSC, Florianópolis, 2004.
- SOUZA, José Pinheiro de. **A contrastive analysis of Portuguese and English phonology**. Fortaleza: Escola Profissional Salesiana D. Bosco, 1969.
- TERZI, S. B. **Aquisição das regras de acentuação vocabular em inglês como evidência para a análise de erros**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1977.
- TRASK, R. L. **A dictionary of phonetics and phonology**. London/New York: Routledge, 1996, p. 363.
- UCHOA, José Alber Campos. **A sinalização de limites e conexões sintagmáticos por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFC, Fortaleza, 1996.
- WATKINS, M. A. **Variability in vowel reduction by Brazilian speakers of English**. Tese de Doutorado Não Publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- WETZELS, W. L. On the weight issue in Portuguese, a typological investigation. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 38, nº 4, p. 107-133, dez. 2003.
- Wikipédia: IPA. Disponível em: <<http://www.arts.gla.ac.uk/IPA/ipachart.html>>. Acesso em 25 jan. 2005.
- VOGEL, Irene. Prosodic Phonology: second language acquisition data as evidence in theoretical phonology. In: Huebner, T. & Ferguson, C. A. (orgs.) **Crosscurrents in second language acquisition and linguistic theories**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991.
- XAVIER, M. F. & MATEUS, M. H. (orgs.) **Dicionário de termos lingüísticos, Vol I**. Lisboa: Cosmos, 1990. Disponível em: <[www.apl.org.pt](http://www.apl.org.pt)> e <[www.iltec.pt](http://www.iltec.pt)>. Acesso em 31 ago. 2004.

## Anexo 1

### Ficha do Informante

Nome: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Semestre: \_\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_ Sala: \_\_\_\_\_ Professor(a): \_\_\_\_\_

Tel de contato (outro que não seja celular): \_\_\_\_\_

Melhor horário para um possível contato: \_\_\_\_\_

Por favor, responda às perguntas abaixo com o máximo de veracidade a fim de contribuir com uma pesquisa acadêmica: (Marque com um X os campos que forem convenientes)

1. É Brasileiro (a)?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

2. Qual região passou maior parte da Infância e Adolescência?

Nordeste \_\_\_\_\_, Norte \_\_\_\_\_, Sudeste \_\_\_\_\_, Sul \_\_\_\_\_, Centro-Oeste \_\_\_\_\_

Que cidade e estado mais exatamente?

3. Qual o seu nível de escolaridade?

2º grau cursando \_\_\_\_\_ 2º grau completo \_\_\_\_\_ Aluno da graduação \_\_\_\_\_

Graduado \_\_\_\_\_ Aluno de Pós-Graduação \_\_\_\_\_ Pós-Graduado \_\_\_\_\_

4. Caso esteja no 1º semestre ou foi aprovado por teste de nível, esta é a primeira vez que estuda a Língua Inglesa? (Não leve em consideração a disciplina escolar ou Inglês Instrumental)

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

5. Se já estudou, por quanto tempo?

\_\_\_\_\_ anos, \_\_\_\_\_ meses, \_\_\_\_\_ semanas

6. Era uma instituição pública ou privada?

Pública \_\_\_\_\_ Privada \_\_\_\_\_

7. Já morou ou passou algum período em algum país de Língua Inglesa?

Sim \_\_\_\_\_ Não \_\_\_\_\_

8. Se a resposta anterior foi positiva, quanto tempo?

\_\_\_\_\_ anos, \_\_\_\_\_ meses, \_\_\_\_\_ semanas Qual país? \_\_\_\_\_

9. Qual foi o propósito da viagem?

Turismo \_\_\_\_\_ Trabalho \_\_\_\_\_ Estudo \_\_\_\_\_ Outro \_\_\_\_\_

10. Quanto tempo dedica por dia ao estudo da Língua Inglesa? (Não contar com o tempo de aula)

\_\_\_\_\_ horas, \_\_\_\_\_ minutos

11. Fala outra língua além do Português? (Não incluir Inglês)

Não \_\_\_\_\_ Sim \_\_\_\_\_ Qual? \_\_\_\_\_

## Anexo 2

### **Teste de Produção – 1ª Fase**

1. Contract
2. Moderate
3. Approximate
4. Precipitate
5. Insult
6. Record
7. Contrast
8. Chocolate
9. Protest
10. Graduate

### Anexo 3

#### Teste de Produção – 2ª Fase

##### **Part I – Noun/Verb**

I object to going to a bar.

It's a small metal object.

I want you to conduct this research.

The senator's conduct is being investigated.

She needs to be in conflict with her parents.

Different software often conflict in my computer.

They have a kissing contest every year.

Politicians will contest the election.

Camels were meant to live in the desert.

Never let your confidence desert you.

##### **Part II – Adjective/Verb**

We need to separate the good apples from the bad ones.

Let's put them in separate baskets.

She's a passionate advocate of natural birth.

The extremists openly advocate violence.

We will take appropriate action once the investigation is over.

Politicians appropriate \$1 billion for anti-drug campaigns.

The garage gave me an estimate of the cost of repairing my car.

They estimate it will cost at least R\$ 20,00.

I didn't elaborate the plan myself.

He's got an elaborate tattoo of an eagle.

##### **Part III - Adjective/Noun**

Chestnuts have a high water content.

I'm content with my job.

The company spent an aggregate of \$2 million on the product.

He has a huge aggregate income and investment.

Marines protect the U.S. Embassy compound.

"Ice cream" is a compound noun.

My childhood memories are the subject of my first book.

When you are in a foreign country, you are subject to its laws.

Some children find it difficult to talk to adult people.

You need to deal with your problems in an adult way.

## Anexo 4

### Teste de Percepção Auditiva – 1ª Fase

I - A frase que você vai ouvir significa o seguinte em português: "**Você é o suspeito nesse caso**". Essa frase, em inglês, vai ser repetida duas vezes, e em cada uma, a palavra SUSPECT será acentuada de maneira diferente.

1ª Tarefa: Circule a sílaba em que o acento (proeminência silábica) recai, se na 1ª ou na 2ª sílaba:

Sentence 1: You're a SUS\_\_PECT in this case.

Sentence 2: You're a SUS\_\_PECT in this case.

2ª Tarefa: Ouça as frases acima mais uma vez e marque a opção que você considera se o falante pronunciou SUSPECT de maneira correta de acordo com o contexto:

Sentence 1

Sentence 2

3ª Tarefa: Agora ouça como a frase deve ser dita corretamente e decida se sua seleção acima foi correta:

"You're a SUSPECT in this case."

Escolhi corretamente  Errei na minha escolha

4ª Tarefa: Pronuncie você mesmo a frase da maneira correta:

".....[gravando]....."

II - A próxima frase que você vai ouvir significa o seguinte em português: "**Posso apresentar meus pais, o senhor e a senhora Benning?**". Essa frase, em inglês, vai ser repetida duas vezes, e em cada uma, a palavra PRESENT será acentuada de maneira diferente.

1ª Tarefa: Circule a sílaba em que o acento (proeminência silábica) recai, se na 1ª ou na 2ª sílaba:

Sentence 1: May I PRE\_\_SENT my parents, Mr. and Mrs. Benning?

Sentence 2: May I PRE\_\_SENT my parents, Mr. and Mrs. Benning?

2ª Tarefa: Ouça as frases acima mais uma vez e marque a opção que você considera se o falante pronunciou PRESENT de maneira correta de acordo com o contexto:

Sentence 1

Sentence 2

3ª Tarefa: Agora ouça como a frase deve ser dita corretamente e decida se sua seleção acima foi correta:

" May I present my parents, Mr. and Mrs. Benning?."

[  ] Escolhi corretamente [  ] Errei na minha escolha

4ª Tarefa: Pronuncie você mesmo a frase da maneira correta:

".....[gravando]....."



## Anexo 6

### Codificação do Informante

Sexo	Faixa etária	Localidade de Nascimento	Grau de instrução em L1	Semestre que está cursando	Número de Identificação do informante
------	--------------	--------------------------	-------------------------	----------------------------	---------------------------------------

- **PRIMEIRO DÍGITO: SEXO**

- 1 - Masculino
- 2 – Feminino

- **SEGUNDO DÍGITO: FAIXA ETÁRIA**

- 15 a 19 anos: 1
- 20 a 24 anos: 2
- 25 a 29 anos: 3
- 30 a 34 anos: 4

- **TERCEIRO DÍGITO: LOCALIDADE DE NASCIMENTO**

- Fortaleza: 1
- Interior do Estado: 2
- Outro Estado: 3

- **QUARTO DÍGITO: GRAU DE INSTRUÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

- Nível Médio: 1
- Graduando: 2
- Graduado: 3
- Pós-Graduado: 4

- **QUINTO DÍGITO: NÍVEL DE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA INGLESA (SEMESTRE QUE ESTÁ CURSANDO):**

- Semestre II: 2
- Semestre IV: 4
- Semestre VI: 6

- **SEXTO E/OU SÉTIMO DÍGITO: número de identificação informante, que varia de 1 a 10. Esse número expressa também o nível de exposição (calculado em horas-aula) à língua inglesa.**

**Anexo 7**

## Folha de transcrição

Código identificador do informante: \_\_\_\_\_

Teste de produção – 1ª Fase – Itens isolados

- ( ) 1. CON-TRACT
- ( ) 2. MOD-E-RATE
- ( ) 3. AP-PROX-I-MATE
- ( ) 4. PRE-CIP-I-TATE
- ( ) 5. IN-SULT
- ( ) 6. RE-CORD
- ( ) 7. CON-TRAST
- ( ) 8. CHOCO-LATE
- ( ) 9. PRO-TEST
- ( ) 10. GRAD-U-ATE

Teste de produção – 2ª Fase – Contexto Frasal (Noun – N; Adjective – A; Verb – V)

- V ( ) 1. I OB-JECT to going to a bar. /əb'dʒɛkt/
- N ( ) 2. It's a small metal OB-JECT. /'abdʒɪkt, 'abdʒɛkt/
- V ( ) 3. I want you to CON-DUCT this research. /kən'dʌkt/
- N ( ) 4. The senator's CON-DUCT is being investigated. /'kændʌkt/
- N ( ) 5. She needs to be in CON-FLICT with her parents. /'kən,flɪkt/
- V ( ) 6. Different software often CON-FLICT in my computer. /kən'flɪkt/
- N ( ) 7. They have a kissing CON-TEST every year. /'kæntɛst/
- V ( ) 8. Politicians will CON-TEST the election. /kən'tɛst/

- N** ( ) 9. Camels were meant to live in the **DE-SERT**. /'dɛzɜrt/
- V** ( ) 10. Never let your confidence **DE-SERT** you. /dɪ'zɜrt/
- V** ( ) 11. We need to **SEP-A-RATE** the good apples from the bad ones. /'sɛpə'reɪt/
- A** ( ) 12. Let's put them in **SEP-A-RATE** baskets. /'sɛprɪt/
- N** ( ) 13. She's a passionate **AD-VO-CATE\*** of natural birth. /'ædvəkət/, /'ædvəkəɪt/
- V** ( ) 14. The extremists openly **AD-VO-CATE** violence. /'ædvəkəɪt/
- A** ( ) 15. We will take **AP-PRO-PRI-ATE** action once the investigation is over.  
/ə'prɔʊprɪt/
- V** ( ) 16. Politicians **AP-PRO-PRI-ATE** \$1 billion for anti-drug campaigns. /ə'prɔʊprɪ'eɪt/
- N** ( ) 17. The garage gave me an **ES-TI-MATE** of the cost of repairing my car. /'ɛstəməɪt/
- V** ( ) 18. They **ES-TI-MATE** it will cost at least R\$ 20,00. /'ɛstə'mɛɪt/
- V** ( ) 19. I didn't **E-LAB-O-RATE** the plan myself. /ɪ'læbərəɪt/
- A** ( ) 20. He's got an **E-LAB-O-RATE** tattoo of an eagle. /ɪ'læbrɪt/

Acento Primário:

**A**: \_\_\_\_\_/3

**V**: \_\_\_\_\_/10

**N**: \_\_\_\_\_/7

Vogal reduzida em não-verbos com terminação **/-ate/**: \_\_\_\_\_/ 4

2 sílabas: \_\_\_\_\_/ 10

3 sílabas: \_\_\_\_\_/ 6

4 sílabas: \_\_\_\_\_/ 4

---

\* itens lexicais que possuem duas pronúncias diferentes quanto ao acento numa dada classe gramatical.